

# A TRAGICOMÉDIA ACADÊMICA

CONTOS IMEDIATOS DO TERCEIRO GRAU



YURI V. SANTOS

---

CASA DO SOL

---

# **A Tragicomédia Acadêmica**

**- Contos Imediatos do Terceiro Grau -**

**— *Yuri V. Santos* —**

---

***Edição***

***www.casadosol.cjb.net***

**© Copyright 1998, 2001 by Yuri V. Santos**

***www.angelfire.com/ri/melhor***

***Apoio: eBooksBrasil.com***

*Para  
Helena e José Walter*

*“Strepsiades: Ali é o ‘pensatório’,  
a escola dos espíritos sabidos. Lá  
dentro vivem pessoas que, falando a  
respeito do céu, nos convencem de  
que ele é um forno que cobre a gente  
e de que a gente é o carvão dele.”*  
*Aristófanes em “As Nuvens”*

*“Desde pequenos nós comemos  
lixo/ Comercial, industrial/ Mas  
agora chegou a nossa vez/ Vamos  
cuspir de volta o lixo em cima de  
você!”*  
*Renato Russo(L.U.) em “Geração Coca-Cola”*

## Índice

<b><u>O ALUNO GENIAL</u></b>	<b>6</b>
<b><u>O WÂDOLO</u></b>	<b>11</b>
<b><u>ESTILO PRÓPRIO</u></b>	<b>19</b>
<b><u>PARALÍTICOS E DESINTEGRADOS</u></b>	<b>23</b>
<b><u>A VIRADA</u></b>	<b>34</b>
<b><u>A VOLTA DOS QUE NÃO FORAM</u></b>	<b>38</b>
<b><u>GOLEM, O GOLEIRO</u></b>	<b>43</b>
<b><u>A VINGANÇA DE PIUPIU</u></b>	<b>57</b>
<b><u>MARIA EU-GÊNIA</u></b>	<b>63</b>
<b><u>MEMÓRIAS DA ILHA DO CAPETA</u></b>	<b>66</b>
<b><u>MARCO AURÉLIO</u></b>	<b>95</b>

<b><u>O CULTURAHOLIC</u></b>	<b>98</b>
<b><u>FRIDA</u></b>	<b>105</b>
<b><u>PENTEU, O PENTELHO</u></b>	<b>122</b>
<b><u>A REVELAÇÃO</u></b>	<b>132</b>
<b><u>O BOITATÁ QUÂNTICO OU O SAMBA DO BOBO DOIDO</u></b>	<b>137</b>
<b><u>PIPTADENIA PEREGRINA</u></b>	<b>157</b>
<b><u>MATANDO UM MOSQUITO COM UM TIRO DE CANHÃO</u></b>	<b>162</b>
<b><u>O ABOMINÁVEL HOMEM DO MINHOCÃO</u></b>	<b>174</b>
<b><u>SOBRE O AUTOR</u></b>	<b>180</b>

## O Aluno Genial

“O belo é a manifestação sensível da verdade, já dizia...”

“Aaah...”, bocejou sonoramente Maimônides.

Teófilo, professor de Estética e de Introdução à Filosofia na Universidade de Brasília, irritou-se:

“Quem é que dizia isso, Maimônides?”, quis perguntar sem no entanto o fazer. Afinal, o professor Teófilo não era assim tão estúpido. Era evidente que Maimônides o provocara daquela forma apenas para que ele, Teófilo, o interpelasse. Com certeza Maimônides queria apenas exhibir seus conhecimentos. Era óbvio que aquele aluno metido a gênio já havia lido toda a obra de Hegel.

“...já dizia Hegel”, concluiu o resignado Professor Teófilo, que, com visível irritação, apertava a garrafinha de whisky, que sempre trazia no bolso do paletó.

Às terças e quintas-feiras, Teófilo já acordava de mau humor. Nas tardes desses dias deveria voltar a confrontar-se com aquele maldito geniozinho. Maimônides fazia perguntas embaraçosamente complexas e tinha sempre um argumento cabeludo na ponta da língua. Era um saberete a par de qualquer assunto. Seus conhecimentos ultrapassavam de muito os do professor, afinal, este passara toda a infância e parte da juventude cultivando sem sucesso um talento musical inexistente e, portanto, apenas bem tarde pôde iniciar seus estudos filosóficos. E isso deixava o professor Teófilo, não direi apavorado, mas extremamente tenso e apreensivo. Pois, claro, estava sempre tentando reciclar seus saberes. Não podia deixar sua respeitável imagem de intelectual delir-se na frente dos demais alunos por causa de um pedantezinho qualquer.

Numa certa tarde do mês de Outubro – uma tarde irritantemente quente, é bom lembrar – o professor Teófilo, que já bebera metade da garrafinha de whisky antes de entrar na sala, interrompeu a exposição de um seminário preparado por Maimônides – algo sobre “o artista e o belo como ideal transcendente” – dizendo que este, devido à falta de rigor metodológico, teria seu seminário adiado para o final do semestre. Para o aluno, aquilo tinha um significado claro: o professor estava aquém de compreender o que estava sendo exposto e, portanto, precisava de tempo para inteirar-se do assunto. Pensou, então, em questionar esse método pedagógico tão conveniente, o qual exime o professor da obrigação de ministrar aulas, método esse seguido, com abuso, por um grande número de professores que não têm o que dizer por mais de um mês, esse prostituído método dos seminários. Mas não, preferiu tocar direto na ferida de Teófilo:

“Professor, é verdade que o senhor toca violino com maestria?”

“Não”, replicou asperamente Teófilo. “Infelizmente nunca tive tempo para praticar.”

“E o senhor canta, pinta, desenha... escreve poesia?”

“Não”.

“Tem visto os lindos crepúsculos desses últimos dias... a lua cheia?”

Teófilo irritou-se: “Onde você quer chegar com tudo isso?”

Os demais alunos, percebendo a entrada de ameaçadores cúmulos-nimbos na sala, e aproveitando que já era hora, começaram a abandonar discretamente a aula, como ratos que deixam um navio que está prestes a ir a pique.

“Ora, professor”, prosseguiu Maimônides, “como o senhor espera ensinar-me algo de estética, algo sobre a Beleza, se o senhor não passa de um artista frustrado, de um homem insensível incapaz até mesmo de se vestir decentemente?”

Teófilo pôs-se furibundo; com a mão direita no bolso apertava com vontade a garrafinha de whisky. Agora, pelo menos, estavam a sós na sala.

“Olha aqui, menino, quem você pensa que é pra me tratar desse jeito?! Você não...”

“Eu sou um gênio”, interrompeu Maimônides.

“Rá!!”, berrou Teófilo perplexo. “Era só o que me faltava... perder meu tempo com um presunçoso, um Einstein destes!” e, resmungando, começou a recolher suas coisas.

“Sou um gênio”, repetiu o aluno, “e o senhor pode me fazer três pedidos. Farei o possível pra realizar seus desejos”.

Teófilo olhou-o sério por alguns momentos. Depois soltou uma debochada gargalhada. “Que absurdo”, pensou, “professor tem de ouvir cada uma...” E pôs-se a esvaziar a garrafinha goela abaixo.

“Estou esperando”, tornou Maimônides.

“Olha, menino”, começou sarcástico, “já que você é desse tipo de gênio, por que não folheia a ouro as paredes desta sala?” e indicou-as com a garrafinha.

“É pra já”, respondeu Maimônides, que, com um estalar de dedos, causou um estouro tão estridente quanto um trovão. Teófilo caiu sentado de tanto susto. Ficou mais pasmo ainda quando, olhando em volta, viu as paredes cobertas por puro ouro. Aquele garoto era mesmo um gênio.

“Seu próximo pedido, por favor”, disse o aluno-gênio.

Teófilo largou a garrafinha vazia e colocou-se de joelhos. Seus olhos ficaram marejados.

“Eu confesso, gênio, eu confesso, sou um insensível, não compreendo realmente o que é tudo isso que a filosofia fala a respeito da beleza, não entendo nada, nunca vi nada que me despertasse um mísero sentimento estético... Sim, infelizmente é verdade. Mas não é minha culpa, acredite, eu... eu... queria... bem...”

“Diga.”

Teófilo respirou fundo: “Eu quero que você me mostre o que é a Beleza.”

O gênio estalou os dedos. A sala ficou escura como breu, não se enxergava a um palmo do nariz. Os olhos de Teófilo saltavam das órbitas. Nunca estivera tão apreensivo como agora. Finalmente conheceria a beleza e poderia tornar-se um verdadeiro músico, talvez um grande compositor.

De repente, um ponto de luz. Na altura dos seus olhos, ali, no canto da sala. Foi se intensificando concomitante com o fortíssimo som de uma melodia, que não parecia deste planeta. “Sim”, ele pensou, “sempre soube que a beleza e a verdade seriam ditadas pela Luz. Lá está, há algo ali querendo revelar-se. Algo será dito.” E, de repente, uma mulher nua de quase um metro e oitenta de altura, oitenta e oito de busto, sessenta de cintura, noventa de quadril, cabelos que quase atingiam sua cintura, lábios fartos, olhos vertiginosos como dois abismos, colocou-se entre o perplexo professor Teófilo e o ponto de luz. Ela virou-se, pegou o ponto de luz e usou-o como uma lanterna, iluminando o próprio corpo ora aqui, ora ali, em meio a uma fantástica dança em câmara-lenta. Uma chuva de flores e estrelas caía sobre ela. Teófilo quis jogar a garrafinha na mulher, mas estava paralisado. Será que ela não tinha visto que o ponto iria dizer-lhe, mostrar-lhe o que é a beleza? Piranha desgraçada!

Logo, tudo desapareceu:

“Satisfeito?”, perguntou o gênio logo que reapareceu.

“Como satisfeito se apareceu uma vagabunda que estragou tudo?”, disse Teófilo acabrunhado.

O gênio arregalou os olhos:

“Você é um bruto, um estúpido mesmo – não é, professor? Será que é cego? Nunca ouviu falar de Afrodite? Ou será que nunca sequer reparou numa mulher?”

“Chega de enrolação! Não quero saber de mais nada, isso é tudo uma armação, você não é gênio porra nenhuma!”

“Ah, é?! E o que aconteceu aqui, então?”

“Estou bêbado, tendo alucinações...”

“Que bêbado o quê! Faça logo seu último pedido. Peça algo que considere impossível – excetuando, é claro, uma nova tentativa de contemplar a beleza – e terá sua prova.”

Teófilo pensou, pensou, pensou. Por fim, pegou a garrafinha:

“Se você é mesmo um gênio, deve morar numa garrafa. Quero ver se você é capaz de entrar nesta aqui!”

“Isto é ridículo”, suspirou Maimônides. “Está desperdiçando um pedido...”

“Foda-se, entra se isso não for uma armação, seu covarde mentiroso!”

Melindrado, o gênio obedeceu imediatamente. “Que idiota!”, pensou ao vaporizar-se. E assim que ele entrou, Teófilo, num átimo, fechou a boca da garrafa.

“Vai ficar aí uns mil anos, meu chapa!” e foi até a beira do lago Paranoá, onde, a despeito dos pedidos de misericórdia do gênio Maimônides, atirou a garrafa. Nem mesmo a promessa de se comportar em aula, feita pelo desesperado gênio, demoveu o insensível professor.

“Finalmente vou largar esse emprego de merda...”, pensou este enquanto corria, com um formão na mão, pra sala de paredes de ouro.

## O Wândolo

Mariana era uma garota sem sorte. Era filha única e desde pequena acostumara-se a ouvir o pai dizendo que preferiria criar um filho. “Mulher é tudo igual. Só serve pra gente esquentar a cabeça...”, resmungava o velho. Ainda na infância, após muitas brincadeiras com o filho da vizinha, ela decidiu que seria médica quando crescesse. “Clínica geral”, dizia pro amiguinho, que, segundo seus desejos, seria seu futuro marido. Infelizmente, seis anos após terminar o segundo grau, ainda não lograra passar no vestibular. Chegou a ir à colação de grau do Marcelo – o filho da vizinha – que se formara em medicina e se preparava para especializar-se em ginecologia. Ele ficara tão bonito... Já Mariana, coitada, não tinha diploma algum nem o ex-futuro marido. Lembrava-se ainda quando, aos quinze anos, ele lhe dissera que não gostava de garotas branqueadas e desengonçadas. E isto depois de praticar tantas vezes a futura especialização com a amiga. Tadinha da Mariana...

Notícia feliz: finalmente Mariana ingressou na universidade! Mas foi aprovada nos exames para estudar enfermagem. Fazer o quê? A vida não era assim mesmo? De qualquer jeito andaria vestida de branco. Se os vizinhos pensassem que fazia medicina, problema deles. Afinal, ela era incapaz de mentir e se lhe perguntassem, ela diria: “Enfermagem”. Se não perguntassem, ela não tinha nada com isso. Problema deles. Sim, problema deles...

O primeiro ano de estudo foi bastante agradável. Tinha muitas aulas em comum com os estudantes de medicina, o que muito a ajudou em sua auto-estima. Contudo, terminado o segundo ano, Mariana começou a sentir da parte daqueles futuros médicos um certo tom de “ponha-se no seu lugar”. Aquilo passou a desmotivá-la

pouco a pouco. Agora andava triste pela casa. O pai preocupava-se: “Mulher só serve pra gente esquentar a cabeça...”, dizia entre dentes.

Mas a sorte parecia querer sorrir à pobre moça. Certo dia, andando pela Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, onde estudava, deparou com um pequeno cartaz no quadro de avisos, o qual oferecia uma bolsa de estudos a um estudante de enfermagem. As outras quatro bolsas eram para estudantes de medicina. Era sua chance de reaproximação. Mariana não pensou duas vezes. Sem sequer olhar de que se tratava o projeto de pesquisa, arrancou o cartaz e foi atrás da professora Denise, de quem, por sinal, assistira a algumas palestras no ano passado. Denise era uma médica com PhD, uma profissional extremamente conceituada. Os alunos a disputavam como orientadora.

“Então você quer participar da pesquisa?”, perguntou a professora.

“Quero demais!”, sorriu Mariana.

“O trabalho não vai ser fácil”, replicou Denise.

“Tudo bem, estou super disposta.”

A estudante foi aceita e o grupo fechado. E Mariana ficou entusiasmadíssima quando conheceu os outros quatro bolsistas. Todos homens, cada um mais bonito que o outro. Interessou-se muito por um deles, Fábio, o mais velho. E foi justamente este último quem manifestou a intenção de especializar-se em ginecologia. “Ai!”, suspirava a moça.

No princípio o trabalho foi tão pesado – Mariana virava a noite no hospital universitário – que a moça resolveu deixar a casa dos pais, na Ceilândia, e tentar uma vaga no alojamento estudantil. Assim economizaria o tempo despendido nos deslocamentos da satélite até o Plano Piloto. Seus pais não gostaram muito da idéia. Argumentaram que a Casa do Estudante ficava num lugar isolado, perigoso à noite e que, além de assaltos, até atos de vandalismo físico foram registrados ali nos arredores.

“Vandalismo físico?! Que idéia é essa, mamãe?”

“Tarados, minha filha, tarados...”

“Ora, mamãe, se diz es-tu-pro.”

“Pssiu... Não diga coisas de mau agouro!”

Ignorando as preocupações maternas, Mariana inscreveu-se no serviço de moradia para conseguir um apartamento vago. Para sua infelicidade, porém, o alojamento não aceitava estudantes oriundos do Distrito Federal. Dava prioridade aos estudantes de outros estados. Sem alternativa, a estudante mendigou uma vaga por sua própria conta e entrou no alojamento como clandestina. Mudou-se para um apartamento onde viviam outras três estudantes, muito sérias e distintas, que lhe pediram que tentasse regularizar sua situação o mais breve possível. Mariana, agradecida, concordou.

Passaram-se dois meses e a moça, que já se aborrecia terrivelmente com suas tarefas dentro do grupo de pesquisa, meteu-se num delicado incidente. Uma noite, antes de sair pra uma reunião, jantava sozinha no apartamento, quando Gabriel - namorado da única companheira de moradia que ainda defendia sua estada ali - apareceu. Ele fora jogar futebol no centro olímpico da universidade, pegou uma chuva e, como já estava gripado, correu para o alojamento, temendo uma piora do seu estado de saúde. Mariana fê-lo tirar a camiseta molhada e deitar-se. Era melhor não facilitar, disse-lhe. Sentou-se ao lado dele no sofá, onde estava deitado, e tocou-lhe a testa para verificar se estava febril. Sônia, namorada de Gabriel, entrou nesse instante. Foi um pega pra capar. Mariana tentava explicar-se contando a verdade, mas Sônia não a ouvia. Esta apenas gritava desaforos e a ameaçava dedurar pra administração do alojamento, se não saísse no dia seguinte. Mariana ainda tentou argumentar usando uma mentira inocente. Disse que já era comprometida, que seu colega de bolsa, o Fábio, era seu atual namorado e que jamais o trairia. Não adiantou, Sônia estava impossível. Gabriel, por seu turno, não balbuciava

palavra. Sua expressão pouco inocente – na verdade nada inocente – não permitia que ajudasse Mariana, a qual, não vendo saída para o impasse, concordou em deixar a vaga no dia seguinte. Avisou que naquela mesma noite, porém, iria até a casa da orientadora, onde tinha um trabalho a fazer. A mudança ficaria pro dia seguinte.

Para melhor imaginar o estado de nervos da pobre Mariana, seria necessário conhecer a natureza das suas mais recentes atividades dentro do grupo de pesquisa. Depois de encerrada a coleta de dados junto aos pacientes do hospital universitário, Denise passou a valorizar apenas o trabalho dos alunos de medicina. A princípio, Mariana acreditou que deveria adequar-se àquele estado de coisas, afinal, não é realmente uma enfermeira quem dirige uma cirurgia. Mas quando a orientadora passou a utilizar sua disposição de trabalhar para que varresse a sala da sua casa, lavasse a sua roupa e a do seu filhinho, e para que fizesse cafezinho enquanto todos os outros bolsistas discutiam um assunto importante, Mariana enfezou-se. Não era uma diarista, era uma bolsista! Onde já se viu?! Resolveu informar-se e descobriu que o valor da sua bolsa equivalia a um terço do salário duma empregada doméstica ou a uma bolsa de couro minúscula da Calvin Klein. Aquela noite, ela passaria essa história a limpo.

Ao chegar no apartamento de Denise, mal teve tempo de articular um “a”. A professora depositou uma enorme pilha de papéis no seu colo e pediu-lhe amavelmente que a organizasse segundo os números das páginas. Mariana ficou sem reação com semelhante amabilidade e com tão grande calhamaço entre as mãos. Amansou-se. E, resignada, pôs mãos à obra.

Enquanto isto, Denise andava às pressas pra lá e pra cá, arrastando o filhinho de três anos pela mão. Parecia preocupada. Consultava o relógio com insistência. De súbito, estacou diante de Mariana:

“Querida, preciso sair pra resolver um problema. Será que você pode cuidar do Tiago pra mim?”

Mariana ficou muda. O garotinho a olhava divertido. Ela precisava dizer qualquer coisa.

“Bem...”

“Obrigada, querida. Eu volto daqui a uma hora.”

“Mas...” e interrompendo-se colocou a mão na testa.

Suspirou:

“Tudo bem, vou ter que ficar aqui mesmo.”

Até que o garoto não era arteiro. Na verdade, exigia pouca atenção. Mas Mariana começou a ficar intrigada com aqueles papéis. Estavam praticamente em ordem! Esta constatação fez-lhe o sangue subir à cabeça. Agora ela não passava de uma babá. Sim, era apenas uma reles babá... Logo ela, a moça que os antigos vizinhos criam ser uma futura médica. Isto não ficaria assim.

O telefone tocou:

“Alô? Mariana? Tudo bem com o Tiago?”

“Onde é que você tá, Denise?”

“Eu tô no shopping. Vou demorar um pouco mais. Vou no cinema.”

Mariana sentiu ganas de jogar Tiago pela janela. “Ai!”, suspirava, procurando-o com os olhos. O menino lhe encarou sorrindo, uma fofura. Coitado, ele não tinha culpa.

“Como? Mas eu já acabei, Denise. Preciso ir embora, já tá tarde”, replicou.

“Me faz esse favor, menina. Eu tô aqui com o Fábio, aquele rapagão lindo. Se você estivesse no meu lugar, eu te faria esse favor... E aí? Tudo bem?”

Mariana já não conseguia distinguir o certo do errado. Então aquela predadora estava com o Fábio entre as unhas? Tudo bem... tudo bem... Ela não perdia por esperar.

“Tá legal, Denise. Depois a gente se fala.”

“Valeu, menina!” e desligou.

Mariana iria embora. Levar o Tiago? Não, não... Precisava dar um jeito nele por ali mesmo. Não, nada radical, apenas inventar algo pra que ele, quando sozinho,

não abrisse o berreiro. Não podia causar um trauma no garoto. Claro, perfeito! Era só arranjar um remédio pra fazê-lo dormir. Ela entendia destas coisas, não havia perigo. E, no entanto, após vasculhar todo o apartamento, nada encontrou. Denise é médica, sabe que todo remédio é mais veneno que propriamente remédio, não iria deixar nada assim à vista, pensou. E agora? Bater com algo na cabeça dele? Tiago sorria – tão fofinho... Não, não... Sim, já sei, o vizinho, é a única solução. Levantou-se.

“Será que eu posso deixar o filho da Denise com vocês?”

“Claro, será um prazer”, disse o homem, afável.

Mariana saiu apressada. Aquela mulher..., pensava. Ela ia ver uma coisa. E chega de alojamento! Chega de trabalho forçado! Pelo menos ela se livrara do Tiago. Caso contrário, não sabia o que teria sido capaz de fazer.

Andava de cabeça baixa, pensando em coisas pesadas. Como Denise morava na Asa Norte, teria pouco mais que vinte minutos de caminhada. Assim teria tempo pra desopilar o fígado e chegar mais calma em casa.

Já no campus, quando Mariana se preparava para atravessar as últimas vias antes do alojamento, um carro desconhecido aproximou-se e parou. A moça ficou paralisada. O medo não a deixava recuar, o carro não a deixava avançar. Àquela hora da noite, boa coisa não seria. Devia dar mais ouvidos aos pais, pensou com pesar. De dentro do carro, ouvia-se o rádio: “Eu quero me embolar nos seus cabelos/ Abraçar seu corpo inteiro...”

“Por favor...”, disse um homem saindo do carro.

Mariana deu um passo pra trás:

“Vai embora, senão eu grito!”

“Calma, eu só quero pedir uma informação...”, e avançou, entrando sob a luz do poste.

“Pode falar daí mesmo...”

Ele sorriu e só então Mariana percebeu que aquele era o homem mais lindo que já vira em toda a vida. Muito mais bonito que o antigo amiguinho de infância ou que

Fábio. E que sorriso! Esta visão a desarmou. O rádio prosseguia: “Morrer de amor, de amor me perder...”

“Eu só queria saber como faço pra chegar no Lago Norte”, disse ele.

Mariana aproximou-se:

“É só você seguir essa via até a ponte. Sempre em frente.”

“Tira a roupa!!”, bradou subitamente o homem.

“O quê?!!”, murmurou Mariana, vendo ruir seu mais recente castelo.

O homem sacou um revólver da cintura:

“Tira a roupa! Agora! E nada de escândalo.”

Mariana perdeu naquele momento qualquer esperança que pudesse lhe restar quanto à sua sorte. Era evidentemente uma desgraçada. Sua vida idiota não era senão uma seqüência de sonhos tombados, qual fileira de dominós. Se tinha que ser estuprada que pelo menos o fosse por aquele homem bonito.

Tirou, então, a roupa com a mesma naturalidade que se despia para o banho. Parecia despir-se também da alma, para não maculá-la. Estava inconsolável. Como era possível? Tão bonito...

O homem estava impaciente:

“Rápido, moça!”, e brandiu o revólver.

Ela juntou seus trajes e os depositou na calçada, deitando-se em seguida com as pernas abertas. As roupas ficaram entre seus joelhos. Se seu mundo tinha que acabar, que acabasse logo...

“Eu quero, eu quero, eu querôoo...”, continuava o rádio.

O homem aproximou-se e Mariana, respirando fundo, fechou os olhos. Sentiu quando ele se ajoelhou entre suas pernas – e ela esperou... esperou... esperou...

“Mas o que é isso?”, pensou, abrindo os olhos.

O homem já estava a alguns passos, próximo do carro e, enquanto cheirava a calcinha que furtara dela, observava-a com uma mão dentro da própria calça.

“Você é louco, é? Seu depravado!”, e, envergonhada, começou a recolher suas coisas.

O homem deu uma risada seca, colocou a calcinha roubada no bolso, entrou no carro. E logo afastou-se, a toda velocidade, levando a música embora.

Mariana jamais se esqueceu daquela última noite em seu antigo apartamento do alojamento estudantil. Uma terrível noite de insônia. Noite infinita, não se esquecia do que Denise lhe fizera e tampouco das risadas daquele tarado miserável. “Ah!”, suspirava, “e como ele era maravilhoso...” A pobre moça não tinha sequer o consolo de saber que deixara o filho de Denise com um ex-condenado por pedofilia e abuso sexual. Coitada da Mariana, era mesmo uma garota muito, muito sem sorte...

## Estilo Próprio

“Nossa! Eu a-do-rei seu trabalho”, disse o professor de Introdução à Pintura. “Ficou muito bem resolvido. Finalmente, hem?”

“Minha tela é esta aqui, professor”, contestou o aluno. “Essa aí é minha paleta.”

“Ah.”

Já não sabia mais o que fazer. Tudo o que criava, quando premeditado, não era visto com bons olhos.

“Isso aí, o Jasper Johns já fez há uns trinta anos atrás.”

Queria contestar o maldito Sistema. Mas tudo o que fazia era, ainda que por acidente, mero plágio. Era o Sistema.

“Você precisa desenvolver, realizar um trabalho próprio, sacô?”

Não, não tinha sacado. Todos os artistas do seu meio, quando reverentemente aceitos, apresentavam obras que apenas eles próprios compreendiam. Talvez fosse isto o tal Trabalho Próprio. Portanto, resolveu soltar-se mais. De pura sacanagem, inscreveu-se em dois salões de arte: um no Rio, outro em Curitiba. Enviou seus trabalhos mais espontâneos. E ganhou, apesar da crítica não tão favorável, o primeiro prêmio em ambos. Ganhou, também, dois meses de depressão. Por fim, seus quadros, esculturas e instalações, mesmo os que o agradavam, já não significavam nada para ele. Não lhe transmitiam nenhuma sensação, nenhum sentimento, nenhuma mensagem. Até que se sentira bem após realizar cada um daqueles trabalhos. Mas ele não queria fazer terapia ocupacional, queria fazer Arte. Os críticos, quando do anúncio da premiação, afirmaram que ele tinha talento, mas que ainda não possuía uma linguagem própria.

“Talvez seja esse o papel da arte, hoje”, pensou. “Mostrar o quanto nossa vida tornou-se vazia, insossa e apenas de cada um de nós próprios.” Então, mesmo sem abandonar o curso de Artes Plásticas na Universidade de Brasília, desistiu da Arte com “A” maiúsculo.

Agora aderira ao sistema. Trabalhava numa agência de publicidade, no Plano Piloto. Estava bem melhor, finalmente ganhava algum dinheiro. Comprou um carro, aprendeu a usar o computador e vários softwares gráficos. Sua vida, porém, continuava vazia, insossa e apenas dele próprio. Pensou em matar-se em nome da Arte – ainda era um artista – mas isto também já haviam feito: Schwarzkogler, um austríaco, em 1969, o fizera propositadamente durante uma performance. Sem contar os inúmeros artistas mortos no embate cotidiano com as circunstâncias. Não havia saída. Nem mesmo num meio recente como o computador.

“O jeito é ir levando”, disse um amigo.

Foi o que fez. Continuou na agência, na faculdade e pintando um quadro ou outro em casa. Apenas para manter a prática. Com o tempo, essa atividade caseira tornou-se uma obsessão. Até que um dia, desmaiou de exaustão sobre uma de suas telas. Sua cara ficou estampada ali.

“Fantástico!”, afirmaram os críticos. “Ele encontrou um estilo próprio. Sente-se sua marca, sua personalidade em cada uma de suas obras. Um gênio!”

Aquilo o aborreceu. Quando caíra sobre a tela, borrara a idéia inicial. Mas vá lá, precisava de dinheiro. Pelo menos poderia largar o emprego.

Assim, aos domingos, derretia-se de tédio na frente da TV. Deitado sobre uma tela lambrecada de tinta.

“Fantástico!”, diziam os críticos. Ele faturava.

Fazia esculturas com argila. Usava-as, quando ainda úmidas, como travesseiro. Sua casa tornara-se um processo de criação artística. Os críticos aplaudiam. O dinheiro e a fama entravam.

Numa segunda-feira cinzenta, o reitor da UnB mandou chamá-lo. Encomendou uma estátua do piloto Ayrton Senna que seria colocada, no campus, entre as estátuas do John Lennon e do Mickey Mouse. O curador do Museu Guggenheim, de Nova York, estaria presente na inauguração.

“Preciso de algumas semanas”, disse.

“Três.”

“Três?!”

“É, três semanas.”

“O.k. Três.”

Ao fim de dezessete dias, ainda não havia começado. Seria sua grande oportunidade. Era preciso cumprir o trato. Precisava levar seu trabalho a sério. E em poucos dias, com certeza, estaria expondo em Nova York. Talvez fosse esse o caminho para a Arte: ser apreciado num museu da Grande Maçã.

Comprou, pois, tintas, resinas, pigmentos vários, arames, solda, ligas de ferro doce, bacias, uma caixa d'água – onde prepararia a resina. Com arame, ferro doce e a solda montou um esqueleto. Só faltava cobrir com resina e depois pintar. Mas não conseguiu. Estava levando o trabalho a sério demais. Isto o travou. Exasperado, despejou os vidros de resina na caixa d'água, cuspiu lá dentro.

“Bela merda!!”, berrou. E saiu batendo a porta.

Quando voltou, às quatro da manhã, estava bêbado. Agora ele ia conseguir. Encheu as bacias com diferentes tintas. Levou o esqueleto de metal até a caixa d'água. Escorregou. Caiu dentro da caixa d'água. Levantou grogue, não entendia o que estava acontecendo. Coberto dos pés à cabeça com resina, tentava sair da caixa. Quando conseguiu, saiu tropeçando e caiu sobre as tintas. Engoliu mais de dois litros de cores variadas. A resina já estava quase seca. Teve tempo apenas de levantar-se e retirar uma bacia de tinta da cabeça. A resina endureceu.

Dois dias depois, foi encontrado assim. Em pé, o braço estendido, com a bacia na mão.

“Genial!”, disseram. “É o Ayrton sem tirar nem pôr.”

“Sem tirar nem pôr o capacete”, acrescentou alguém.

A estátua foi inaugurada com estardalhaço. O reitor estava orgulhoso do seu aluno-artista. Pena o rapaz não estar presente. O reitor discursava quando se ouviu um pum próximo à estátua.

“Você escutou esse barulho?”, perguntou o curador do Guggenheim em inglês.

“Eu não fui!”

“Nem eu”, sussurrou o reitor.

“Hmm... Que cheiro de tinta velha!”

Um mês depois descobriram que aquele outro cheiro ruim – que já não era de tinta – não era caca de pomba. Era da estátua mesmo.

“Que idéia fabulosa!”, disse o curador do Guggenheim pelo telefone. “Uma estátua que morre...”

Foi sepultada, três dias depois, numa sala especial do Guggenheim Museum, em Nova York. Era apreciadíssima pelo público. Só não se entendia por que o genial escultor não fora receber os cem mil dólares que recebera pela obra.

## Paralíticos e Desintegrados

Durante a reunião, ficou decidido que eu realizaria a entrevista. Comentou-se que embora eu fosse o menos experiente nesse campo – e quem tem experiência num curso de jornalismo? – eu era o mais preparado em termos de leitura e informação necessárias para levar a tarefa a cabo. Claro que fiquei satisfeito. Mas como não poderia estar também apreensivo? Eu iria entrevistar duas grandes personalidades, duas exceções da nossa obscura intelectualidade, dois homens que tiveram suas trajetórias marcadas por polêmicas, escritos bombásticos e uma rara mistura de virtual reacionarismo com real vanguardismo: o jornalista e ensaísta Mauro Austris e o semiólogo e escritor Roberto Eca. Ambos estavam em Brasília, onde profeririam, na UnB, uma palestra sobre o primeiro – e segundo eles, também o último – livro escrito em parceria: *Paralíticos e Desintegrados*.

Nosso encontro se deu numa suíte do Hotel A..., no Setor Hoteleiro Norte, onde estava hospedado Roberto Eca. Quando cheguei, ambos estavam na metade dum Pinwinnie – 12 anos. Austris, com uma pompa irônica, ofereceu-me um Cohiba. Declinei da gentileza dizendo que não fumava charutos, senão outro gênero de fumo. Esperei de ambos um sorriso cúmplice que, para meu constrangimento, não ocorreu. Propositadamente, creio.

Austris era alto, corpulento. Eca era baixo, gordo. Ambos traziam uma avançada calvície que Eca tentava inutilmente compensar com uma barba espessa. Minha juventude parecia ao mesmo tempo ameaçá-los e descontraí-los. Charlavam com vivacidade, mas apenas entre si. Encontravam meu olhar inexperiente e aparte para apenas nele buscar minha admiração. Pareciam acostumados a atuar segundo a imagem que supostamente todos teriam deles.

A entrevista principiou por iniciativa de Austris, que me incitou a ligar o gravador. Não tinham a noite toda, lembrou-me com extremo tato. Se tivesse sido grosseiro não teria me enervado tanto. Eca sorriu, insuflando-me alguma tranqüilidade.

Segue-se a integridade do texto:

**Gazeta Uenebense:** Vocês sempre demonstraram um pensamento independente e até certo ponto rebelde. Por que resolveram escrever um livro a quatro mãos?

**Eca:** Já conhecíamos o trabalho um do outro e num encontro, em fins do ano retrasado, aventamos a possibilidade desta parceria. Pareceu-nos que poderíamos complementar a visão crítica que ambos possuímos, eu de um ponto de vista mais sistemático e metódico, acadêmico enfim, e Austris com seu apurado olhar jornalístico e, ao mesmo tempo, erudito.

**Austris:** Na verdade, nós pretendíamos delatar a vacuidade da cultura contemporânea e acusar seus principais fomentadores. Quando vimos que isto era inútil, ridículo e redundante, resolvemos fazer terrorismo escrito. Por covardia, por não termos peito para literalmente explodir os alicerces do refugio cultural em que estamos metidos, resolvemos tentar atacá-la literariamente. Nosso livro é uma singela granada de mão. Precisaríamos – para atingir nosso objetivo – dum míssil nuclear.

**Gazeta Uenebense:** Algumas pessoas afirmam que foram vocês que planejaram aquele atentado à bomba na Academia Brasileira de Letras...

**Austris(muito irritado):** Nada a declarar!

**Eca:** Estamos aqui para falar do nosso livro...

**Gazeta Uenebense:** Mas...

**Austris(levantando-se):** Eu bem que te falei, Eca! Não tenho que dar satisfações, vou-me embora.

**Gazeta Uenebense:** O.k., o.k., desculpe... Podemos continuar? (*Austris torna a sentar-se, olhando indignado para o chão.*) Bem, por que não pretendem repetir a dose?

(*Austris fita-me ameaçadoramente.*) Refiro-me a escrever juntos...

**Eca:** Acho que por nos empenharmos tanto nesse trabalho acabamos também por nos ferir reciprocamente. Houve momentos em que um servia de espelho ao outro e, assim, víamos uma imagem bastante patética: um ser decadente que chora a derrocada do seu mundo. E, afinal, quem quer ver a verdade? Sim, esse trabalho foi deveras doloroso, não pretendo mais escrever frente a um espelho. É mais suportável, embora não menos doloroso, olhar para dentro de si.

**Austris(resmungando):** Claro que a gente tampouco concorda em tudo. Temos nossas divergências.

**Gazeta Uenebense:** Vocês falam e escrevem como se vivêssemos o fim dos tempos...

**Eca(sorrindo):** E não é o final dos tempos? O que é o Apocalipse? Não é o Livro da Revelação? As coisas hoje estão se revelando pra quem quiser ver, revelando-se em sua inconsistência e mediocridade. Nada mais é feito para durar além do tempo que dura um modismo. Você vê por exemplo essa idéia de editar clássicos da literatura em papéis higiênicos... Nada mais significativo.

**Gazeta Uenebense:** Mas se não fosse essa idéia eu jamais teria lido Joyce e Maupassant.

**Austris:** E também jamais teria cagado na obra de ambos.

**Gazeta Uenebense:** Mas vocês não acham necessário tornar a cultura disponível? Aproximá-la das massas?

**Eca:** A massa é um buraco negro – assimila tudo e não devolve nada. Na época áurea da Cultura – o período produtivo e são da nossa hoje civilização esclerosada – essa massa não existia, o que existia era o povo, e somente este é capaz de ação. Se tiverem entre eles uma única cabeça, claro...

**Gazeta Uenebense:** E qual a diferença entre povo e massa?

**Eca**(*coçando a cabeça*): O povo é um conjunto de presenças; a massa, de ausências... A massa é indício de fim...

**Austris**: O povo fede e a massa tem cheiro de Avon (*risos*).

**Eca**: Ou ainda: o povo tem peso, tem os pés no chão. Já a massa é um conjunto de corpos perdidos no espaço. Não tem peso, só massa.

**Gazeta Uenebense**: Quem são os *Paralíticos* e quem são os *Desintegrados*?

**Eca**: *Paralíticos* são esses europeus que já não tem nada de significativo a acrescentar à Cultura Ocidental, pois a alma ocidental já foi totalmente expressa, seja religiosa, científica, filosófica ou artisticamente. Com “esses europeus” quero dizer “todos os europeus”. Aos europeus só lhes resta contemplar a invasão de seus países pelos povos colonizados. Quando a língua árabe tornou-se a segunda língua na França, você viu quantas famílias francesas abandonaram o país? Só no sul do Brasil chegaram mais de cinquenta mil num único ano. E eles vivem em verdadeiros guetos, guardando sua cultura e seus refinados costumes como se cuida de um frágil cristal, e com eterno medo de nós, bárbaros brasileiros. E o orgulho por possuírem tal cristal é agressivo. Se continuam assim, esses europeus correm o risco de serem os novos judeus, uma cultura terminada e sofisticada, fadada a viver em meio a outros povos jovens ou atrasados. É uma mistura explosiva. Os bárbaros não suportam serem olhados de cima pra baixo...

**Austris**: E feliz ou infelizmente é um processo natural. Os conquistadores, por cuidar da sua conquista, transformam-se em escravos e vítimas do que conquistaram.

**Eca**: *Desintegrados* somos nós, apêndices da cultura, povos colonizados, semi-ocidentais. Vivemos segundo a forma de uma cultura que não bate com nosso coração, e assim estamos condenados a viver.

***Austris(fazendo um muxoxo):*** Esses imbecis do nosso país – pretensos artistas e intelectualóides – estão sempre tentando definir e descrever a “brasildade” e o “brasileiro”, mas estes ainda não floresceram totalmente ou nem sequer existem. Na realidade, somos um aborto que sobreviveu, uma cultura com má formação genética, a qual se apropriou dos piores genes da Cultura Ocidental. Somos atrofiados culturais da mesma forma que os norte-americanos são hipertrofiados, mas somos ambos aberrações da natureza. O cérebro norte-americano é tão deformado quanto o cérebro duma pessoa que sofre de gigantismo, e, como esta, tende a morrer cedo. Duzentos anos é muito pouco para uma civilização.

***Eca:*** A verdadeira cultura brasileira só existirá realmente quando pudermos visitar Manhattan como quem visita as pirâmides de Gizé...

***Gazeta Uenebense:*** Esta não é uma análise muito pessimista?

***Eca(muito sério):*** Se você se calar agora e serenamente encarar o fato de que estará morto um dia, isto seria pessimismo? Claro que não. Nossa consciência dos fatos não é desesperada, não vamos nos suicidar. É certo que, para um ocidental legítimo, a extrema preocupação com a morte da própria cultura pode ser algo muito perigoso, levando, inclusive, à insanidade. A rejeição deste fato natural foi – sem qualquer sombra de dúvida – um dos fatores que levou Hitler ao seu destino. No seu cotidiano, ele vislumbrou a decadência já em curso e, não sabendo compreendê-la, iludiu-se ao colocar a culpa de tal senilidade cultural na influência judaica. Tudo porque o ocidental tornou-se semelhante ao judeu. Isto está muito claro no seu livro *Mein Kampf*. Mas nós – feliz ou infelizmente, quem sabe? – somos apenas semi-ocidentais. Não nos entristece tanto ouvir os estertores do ocidente. O verdadeiramente triste é ficarmos órfãos do único pai que temos, muito embora ele não nos ame tanto, afinal, somos fruto de um estupro cometido por ele.

***Austris***(*evasivo*): Somos filhos de cigarra, condicionados a viver como formigas.

***Gazeta Uenebense***: Vocês poderiam falar dessa alegoria da cigarra presente num dos capítulos do livro?

***Austris***(*fazendo careta*): Bem... Primeiro é preciso entender um aspecto do caráter europeu. A alma é extremamente moldada pela paisagem e pelo clima. Imagine como era enfrentar um inverno europeu na idade-média, sem cobertores ou aquecedores elétricos, ou mesmo a gás, sem os tecidos sintéticos apropriados para baixas temperaturas, sem a penicilina, sem um saneamento urbano ótimo, sem as técnicas modernas de estocagem de alimentos, sem essa merda toda... O inverno era um inferno, e se o europeu-formiga não trabalhasse metódica e sistematicamente na primavera e no verão, morria de fome e frio no inverno. A lógica sistemática era uma necessidade natural. Agora pense no Brasil. Imagine o que os índios achavam daqueles ETs brancos que trabalhavam a natureza como se a qualquer momento pudesse sobrevir uma nevasca... Aquilo era um absurdo! Para que armazenar alimentos que se encontram o ano inteiro? Para que pescar dez peixes se hoje só necessitamos de dois? Este é o país das cigarras, não se faz necessário um trabalho de formiga para depois se esconder e sobreviver ao inverno. Aqui se trabalha todo o ano pro carnaval e não pro inverno. Nada mais justo, trabalhar pra unir todas as cigarras na mesma cantoria. Que o mais representativo dos nossos eventos carnavalescos seja um pastiche insosso e de mau gosto, não passa dum sintoma circunstancial. E se hoje pensa-se que o brasileiro é preguiçoso e incompetente, é porque se espera que ele trabalhe segundo uma forma europeia de existência. Se fomos programados pra funcionar segundo esse padrão europeu, nossos corações sentem que não estamos na Europa e daí o conflito. São Paulo não é uma cidade real, é surreal (*risos*).

**Eca:** E infelizmente toda essa lavagem cerebral só terminará junto com a dissolução de todo o mundo ocidental.

**Gazeta Uenebense:** Vocês falam da derrocada da civilização como se fosse um fato evidente. E a tecnologia? Não será ela um indício de progresso e evolução? E ela não poderia garantir a permanência da nossa civilização?

**Austris:** Se um homem está moribundo num hospital, os aparelhos apenas lhe podem dar uma sobrevida. Não garantem a vida eterna, nem mesmo um coma eterno. Se a tecnologia puder fazer algo, será apenas isto: prolongar o iminente estado comatoso. Se me permitem o pleonasma, não é a tecnologia que anima o mundo, é a alma...

**Gazeta Uenebense:** Mas é fato que a tecnologia melhora nossa vida...

**Eca(professoral):** Esse extremo e avançado desenvolvimento tecnológico não é outra coisa senão uma característica da Cultura Ocidental. A técnica noutras culturas era desenvolvida para realizar uma função pré-determinada. Era mais uma das características daquela cultura. Mas a técnica, na Cultura Ocidental, é uma de suas maiores expressões. Aqui não se cria um aparato para simplesmente realizar determinado trabalho. Thomas Alva Edison é apenas uma exceção que confirma a regra. Porque aqui o que interessa é a “vitória”, é a “busca do infinito”. Não se descobriu a fissão nuclear para se construir usinas ou bombas, mas para “dominar” um fenômeno da natureza, para vencê-la. Não se “conquista” – atente bem para esta palavra – a lua ou Marte para que pesquisas científicas pretensamente essenciais sejam realizadas, mas para provar que isto é possível para a mais capaz das culturas. No fundo, tudo não passa de fórmula Indy, de competição com a natureza e com os deuses abandonados.

**Austris:** Não é à toa que essas naves espaciais tenham essas formas fálicas. Inclusive aquele foguete que

foi a Marte era roxo...*(risos)*. Só faltou escreverem nele: *Nós somos Machos!! (risos)*.

**Gazeta Uenebense:** E em que tudo isto atrapalha o progresso?

**Eca:** A mente europeia está velha e cansada. Não foram os norte-americanos que chegaram à lua. Foi Werner von Braun. Eles não fizeram a bomba atômica. Foi Oppenheimer. Atrás de toda grande conquista tecnocientífica, há um europeu, muitas vezes um alemão. Os norte-americanos não têm capacidade para isso. Toda motivação norte-americana está na superfície e para se criar é necessário um impulso interior. Quando realizam algo de virtual importância, tudo não passa de uma colagem de veleidades fragmentadas. Eles só sabem inventar lanchonetes estúpidas onde quem lhe serve é o pior dos serviçais: *você mesmo*.

**Gazeta Uenebense:** E a realidade virtual?

**Eca:** A realidade virtual já existe há muito tempo. Todo gênero artístico – cinema, pintura, literatura, etc. – é num certo sentido realidade virtual. A diferença é que agora será eletrônico-digital. Como outros gêneros terá outros usos além do artístico. O próprio mundo forjado pela mídia e pelo consumismo, dentro do qual vivemos, é essencialmente virtual. É criação e idéia nossa. Convivemos e interagimos mentalmente – e até fisicamente – com imagens e simulacros de coisas reais. Os norte-americanos têm a Disney World na Flórida e palmeiras de plástico nas avenidas de Las Vegas. Os japoneses têm praias tropicais e pistas de esqui artificiais. Nem mesmo esses prostíbulos virtuais de imersão total, que acessamos pela internet, são uma inovação. Afinal, um prostíbulo verdadeiro só nos oferece afeto virtual.

**Austris(pensativo):** Os japoneses... Os japoneses só sabem aperfeiçoar: retirar o que está sobrando, acrescentar o que falta. São mais estetas que técnicos. Isto porque tanto para eles quanto para os outros povos, falta esse impulso interior de vencer a natureza. Nós outros,

nesse campo técnico, só podemos reproduzir e muito, muito mesmo. Como crianças que aprendem a fazer bolhas de sabão, fabricamos e espalhamos produtos avidamente. Tanto que acabaremos por quebrar os norteamericanos e os europeus. Tanto que os afogaremos em lixo plástico-eletrônico. Eles nos deram o poder de liquidá-los com suas próprias armas. Somos mais numerosos e nossa força de trabalho é mais barata. Hoje em dia, mesmo nos EUA, só se vêem carros chineses na rua.

**Eca:** É verdade. Isto liquidará o Ocidente: a falta de estímulo interior e o excesso de estímulos exteriores. Na Europa, qualquer jovem bem dotado prefere ser campeão de esqui ou snow-board a ser um cientista. Pra quê? Já não temos ciência o bastante? Pra que chegar a Marte se podemos conquistar os inúmeros picos nevados do planeta? No fim das contas é tudo a mesma coisa.

**Austris:** Você viu o que fez aquele tataraneto do Freud? Escalou o Fitzroy de ponta-cabeça (*risos*).

**Gazeta Uenebense:** Em meio a todos esses pretensos fatos que vocês enumeram, não vejo razões para não ser pessimista...

**Austris:** O Eca pode não ser, mas eu sou pessimista! É uma baita sacanagem eu ter nascido nesta época! Époça gagá que esquece o passado...

**Eca:** Claro que nossa cultura ainda poderá dar frutos tardios. Mas por mais sofisticados que possam ser, não terão a força anímica dos frutos do passado. Um teclado computadorizado não possui o mesmo valor daquilo que Bach realizava com um órgão rústico. E nós, abortos do mundo ocidental, quase-brasileiros, ainda podemos fazer algo, algo realmente *bárbaro*: aproveitar-nos desses frutos, pervertê-los, pisoteá-los; sermos realmente antropofágicos, deglutir tudo o que vier de fora, toda a tradição e, então, vomitá-la. Destruir as formas de existência ocidentais que não se harmonizem com nosso clima e paisagem, atirá-las ao solo como adubo, a daí algo nascerá. Não estamos falando aqui do fim do mundo, do final dos tempos,

falamos de Culturas, no sentido mais lato desta palavra. Uma Cultura é um ser vivo e, como todos nós, é mortal. Outras Culturas hão de nascer, sempre foi assim e assim continuará sendo. Talvez o Brasil seja realmente o país do futuro. Só que até lá, estaremos todos mortos.

**Austris:** Aquele papo de sermos espelhos um do outro, eu até que engoli, Eca. Mas você quer atacar novamente de profeta e, pra mim, isto sim é o fim. É por isto que nos envenenamos tanto neste trabalho. Já te disse e torno a dizer: esta idéia, Eca, me parece uma bobagem. Você conseguiu vestir um pessimismo cru com as roupas do otimismo. Quem é você pra dizer o que virá a ser?! É bem provável que as sementes duma próxima grande cultura estejam no Paraguai ou mesmo na Rússia, que é uma terra similar ao Brasil, um país semi-ocidental. Toda essa especulação é ridícula e vã! Estamos presos ao presente e a ele devemos dar atenção.

**Eca:** Estou apenas sendo realista, Mauro. O presente não nos pertence. Só nos resta, então, preparar o solo para o futuro. O que vier, tudo bem, virá. Nisto você tem razão. Já discutimos isso.

**Austris:** Infelizmente essa sua noção de tempo é ocidental. Eu, nesse ponto, sou índio. Só me interessa o agora, e o agora é uma merda. (*Irritado:*) Que se foda o futuro!! Não quero me sacrificar por nenhuma geração futura...

**Gazeta Uenebense:** Austris, você morou vinte anos em Nova York. E você, Eca, mais ou menos o mesmo tempo dividido entre Milão e Paris. Onde vocês estão em casa? aqui ou lá?

**Austris:** Aqui eu me sinto em casa no sentido de que posso cuspir no chão, se quiser. Em Nova York, posso andar de meias em casa, pois sei que não pisarei no escarro de ninguém(*risos*). Em outras palavras: aqui me sinto um ser virtual num mundo real; lá, sou real num mundo virtual. Como o Eca já disse, essa pretensa nova

criação, a realidade virtual, na prática, já existe há muito tempo...

***Gazeta Uenebense:*** E você, Eca?

***Eca(pensativo):*** Não sei, eu realmente não sei...

---

**Nota:** Ainda não consegui compreender por que vetaram esta entrevista. Em seu lugar foi publicada uma reportagem sobre a difusão de cultura brasileira através de suas telenovelas. Austris enviou-me o seguinte fax: “Rá, rá, rá, rá, rá...”

## A Virada

Dédalo era estudante de arquitetura na Universidade de Brasília. Estava eufórico, aqueles dois dias seriam decisivos. O professor não adiará mais – “Sem procrastinações!”, dissera categórico. Aquela palavra o assustou. De um jeito ou de outro teria que entregar o projeto final. Ou jamais se formaria.

Tivera a idéia no primeiro semestre de curso, há oito anos e meio, após quase ter sido atropelado dezessete vezes, numa só semana, dentro do próprio campus universitário. Planejaria um sistema reticular de túneis subterrâneos – para pedestres – que ligaria os pontos principais do campus. Nos trechos de maior distância – como do Instituto Central de Ciências até o Centro Olímpico – haveria carrinhos; como os da montanha russa que sua irmã conheceu, durante a lua-de-mel, em Orlando.

Na manhã do primeiro dia, Dédalo chegou cedo no ateliê. Pegara o primeiro ônibus que saía da Ceilândia (Sim, existem estudantes de arquitetura que moram na Ceilândia.) Estava tranqüilo, trouxera tudo: régua paralela, esquadros, curva francesa, papel vegetal, papel manteiga, penas, nanquim, disquetes de computador – com o projeto já pela metade – e o principal: pó-de-guaraná, cafeteira elétrica, coca-cola e chocolates. Estava pronto para virar as duas noites, se necessário. Ocupou a mesma sala na qual dois amigos já se haviam instalado. Foi um primeiro dia de muita conversa, música, trabalho (sim, trabalhavam) e calibradores psíquicos.

“Passa a bola, Délado.”

“Délado?!”

Risadas. Mais risadas. Muitas risadas. Passavam a bola.

O dia foi tão proveitoso, o trabalho ficara tão adiantado, que Dédalo resolveu ir dormir em casa. Deixou apenas os instrumentos no seu armário do ateliê, pois não conseguia se separar do projeto. Levou os disquetes e a papelada. Em casa, não conseguiu dormir. Ingerira muita cafeína. Passou a noite pensando no trabalho. Já podia ver todos aqueles túneis... Faltava pouco.

No dia seguinte levantou cedo e foi pra universidade. Estava sonolento. O sono que não chegara à noite, chegava agora. Dormiu no ônibus, os objetos no colo. Quando acordou, na rodoviária, estava sem carteira, sem mochila, sem projeto, sem nada. Ladrão desgraçado! Desesperou-se.

“E agora? e agora? e agora? e agora?”, e concluiu: “Merda! Merda! Merda! Merda!”

Pediu dinheiro na fila e pegou o ônibus pra universidade. Lá, mergulhado em enfurecido êxtase, trancou-se numa sala do subterrâneo, sozinho, com todo o material de desenho. Recomeçaria. Daria tempo. Sim, ele sabia, ia dar tempo. Os amigos apareciam periodicamente com o suprimento de pó-de-guaraná, café, coca-cola e incentivos.

“Fica tranqüilo, Dédalo, dá tempo.”

Ele fechava a porta:

“Eu sei, eu sei”, dizia lá de dentro.

De fora, horas depois, ouviu-se sons estranhos vindos da sala. Papel rasgando. Madeira quebrando. Monólogos incoerentes.

“Tudo bem aí, Dédalo?”

Ele abria a porta, o olhar perdido, pegava o café e voltava a trancar-se. Já não dizia nada. Os amigos preocupavam-se.

“Você não quer ir no banheiro, Dédalo?”, pausa. “*Dédalo?*”

Abriu a porta o suficiente para mostrar o rosto. Estava com um olhar de Jack Nicholson. Sorriu estranhamente. Trancou-se de novo.

“Relaxa, galera, ele tá legal.”

Agora ouvia-se risadas. Muitas risadas. Gargalhadas. Depois silêncio.

“Ele deve estar fumando”, disse alguém.

Mentira. Desde que quase fora pego pela polícia oito vezes num mesmo dia, dentro do campus, nunca mais carregara beque.

O silêncio prosseguia. Depois mais gargalhadas. Então ficou em silêncio por mais de quatro horas. Não respondia aos chamados. Resolveram arrombar a porta. A sala estava com terra até o teto. Alguém foi buscar uma pá. Toneladas de terra. Encontraram um buraco no chão com uma mensagem na borda: “Digam ao rei Minos que eu voltei. Dédalo não mais existe”. Entraram no buraco e descobriram um imenso labirinto de túneis interligados. Três alunos se perderam e jamais voltaram a ser vistos. No dia seguinte, Dédalo não entregou o trabalho. O teórico.

Quando o limite de velocidade das vias internas do campus passou a ser de 120Km/h, resolveu-se usufruir as *Vias de Dédalo*. Foram iluminados e calçados apenas os túneis que uniam os principais pontos do campus. Um grupo de espeleologia – alunos da geologia – organizou uma expedição para, além de mapear o labirinto, encontrar Dédalo e os outros alunos desaparecidos. Apenas um dos espeleólogos regressou. A roupa rasgada. O corpo cheio de escoriações e hematomas.

“Foi um louco com cabeça de boi”, disse antes de desmaiar.

Soube-se depois que o labirinto era muito maior do que se imaginava. Talvez ligasse todo o Plano Piloto.

“Talvez vá até Machu Picchu”, disse o aluno da geologia já no hospital.

Um segurança do Centro Olímpico relatou que vira um monstro de chifres assistindo ao nascer do sol à beira do lago Paranoá. Quando o monstro o viu, correu e entrou num buraco.

“Procrastinação! Procrastinação!”, rugia o monstro. Devia ser ele.

Dias depois, na sala do Núcleo de Vídeo, apareceu um cabeludo sujo de terra e maltrapilho que fora assistir a um filme. Era um filme sobre o Minotauro da ilha de Creta. Dizem que o cabeludo trazia uma sacola na qual deixava-se entrever um par de chifres.

“É ele”, disse alguém.

“Não é não. É o Zeca da antropologia.”

“*Olha...*”

Numa das últimas aparições, foi visto ao lado da estátua de Dédalo – erguida pelo reitor ao lado da estátua do John Lennon<sup>1</sup> em homenagem ao criador dos túneis. Dizem que chorava.

Mas a última vez mesmo, foi numa foto. Era uma foto do Palácio do Planalto que saíra na primeira página da Folha de São Paulo.

“Olha ele aí.”

“Aonde?”

“Atrás do presidente.”

“Que nada!”

“Ah, é? Então de quem são os chifres?”

Desde então, ninguém mais o viu.

---

<sup>1</sup> Caro leitor, atenção: realmente existe uma estátua do John Lennon no campus Darcy Ribeiro/UnB.

## A Volta Dos Que Não Foram

Werner estava a ponto de se graduar em Física e, por isto, angustiava-se ao extremo. Finalmente deveria decidir-se se permaneceria ou não na vida acadêmica. Não conseguia, por mais que se esforçasse, antever o melhor caminho. Seu futuro era uma incógnita, um  $x$  numa equação incompreensível. No momento, o melhor a fazer seria sondar alguns amigos da pós-graduação. Talvez eles lhe dessem alguma luz.

As salas dos pós-graduandos em Física da UnB localizavam-se no bloco intermediário do Instituto Central de Ciências, o Minhocão. De longe, Werner reconheceu dois de seus amigos, sentados no banco à entrada do corredor que dava acesso às salas. Isaac e Alberto estavam sempre por ali, olhando o intenso movimento, principalmente o movimento das ancas e quadris. Aquele passadiço era um verdadeiro acelerador de partículas. Infelizmente, o que menos lhes ocorria era um encontrão com as alfas e betas que por ali passavam. Naquele instante, estavam ambos entretidos com algo acima de suas cabeças.

“E aí, moçada?”, saudou Werner, acomodando-se no mesmo banco que os amigos.

“E aí?”, responderam os doutorandos, baixando os olhos na direção de Werner, que sorriu.

“O que é que vocês tanto olham lá em cima?”

“É só uma casa de marimbondos”, disse Alberto. “Sabe como é, a gente precisa matar o tempo com alguma coisa...”

“Sei...”, disse Werner. “Mas não é perigoso? esses bichos... num lugar desse...”

“Que nada”, fez Isaac. “Além de mansos ainda dão sorte.”

Ficaram em silêncio observando o movimento dos laboriosos insetos.

Alberto: “E tu, Werner, já resolveu o que vai fazer da vida? Ou ainda tá no princípio da Incerteza?”

“Bem...”

“Por que não faz logo como a gente e escolhe a profissão de eterno-estudante?”, continuou Alberto. “Tu recebe uma bolsa de quatro anos, sendo que, se espremer esse tempo, não dá um ano de trabalho. É uma beleza!”

“Eu ainda não...”

“Eu tava aqui contando uma história pro Alberto”, cortou Isaac, que não apreciava entrar naquele assunto esotérico com terceiros, “e ele tá achando que é piada. Diz que fiquei doido depois que aquela caixa de maçãs caiu na minha cabeça, lembra? Ela nem estava tão alta, a energia potencial era baixa...”

“E qual é a história?”, perguntou Werner, que, conhecendo Isaac, já esperava uma daquelas.

“Acho que já te contei sobre aquele velhinho maluco que conheci em Paris, não contei? Não? Então escuta. Eu tava fazendo mestrado na Sorbonne e, certo dia, chamaram meu orientador pra ajudar na identificação de um velho italiano, que fora preso sem portar qualquer documento. O maluco foi flagrado tentando quebrar – no museu do Louvre – o vidro que protege a Mona Lisa. Provido de fósforos e de um tubo de desodorante cheio de querosene, ele pretendia queimá-la. Gritava, em italiano, algo do tipo: ‘Não era pra ela viver tudo isto!!’ Bom, você poderia perguntar: E o que um professor de Física tem a ver com essa história? Vou te dizer. O Dr. Jean Louis, meu orientador, era o maior especialista em relatividade geral e restrita e, ao mesmo tempo, em quântica, sendo um grande defensor duma teoria unificada. A polícia, por mera curiosidade, queria que ele checasse as teorias estapafúrdias do velho louco, que dizia ser o próprio Leonardo da Vinci. Fomos juntos, eu e meu professor. Como não conseguimos ler os manuscritos do velho, que

insistia em escrever de trás pra frente – com as letras ao contrário – resolvemos interrogá-lo com a ajuda dum intérprete... Do que é que vocês estão rindo?”

“Nada não”, disse Werner, contendo-se. “Pode continuar.”

“Só tô contando o que aconteceu, não tô inventando nada”, indignou-se Isaac. “A única a inventar algo foi a mente insana do italiano.”

“Tudo bem”, acrescentou Alberto. “Se é ou não simples piração depende de vários fatores. Isso é relativo. Agora vai, continua.”

“Bom, o Leonardo da Século Vinte – como o apelidamos – nos mostrou uns rascunhos esquisitos dum engenho, que supostamente o ajudaria a penetrar e sair dum buraco negro rotacional no tempo e lugar que quisesse. Vocês sabem que meu doutorado, hoje, é uma tentativa de desmistificar esses falsos autores que a gente vê por aí, seja de auto-ajuda ou misticismos similares, que usam e abusam de conceitos e teorias da física moderna pra defender uma idéia imbecil qualquer. Não entendem nada e abusam da ignorância equivalente do público pra bombardeá-lo com bobagens. Aquele pseudo-Leonardo era um exemplo típico. Não passava dum hippie que – após derreter o cérebro com todas as drogas possíveis – tentava protestar contra a massificação das obras de arte, as quais, segundo ele, já não são compreendidas por 99% das pessoas, a começar pelos próprios estudiosos do assunto. Ele dizia que preferiria queimar a Mona Lisa – ‘encarem como uma performance’, dizia – a vê-la enfeitando, através duma tosca reprodução, a geladeira duma dona-de-casa norte americana. ‘Meu quadro não é pingüim!!’, concluía ele.”

“E o que aconteceu com o cara?”, quis saber Werner.

“Calma, já vou dizer. Depois que o Dr. Jean Louis demonstrou pro cara, por A mais B, que seu delirante engenho era de existência improvável, mesmo hipoteticamente, o velho explodiu. Gritava dizendo que

possuía uma máquina daquelas muito bem escondida e que a utilizaria para vingar-se de nós dois, interferindo no curso de nossa “ignorante e inútil vida”. Disse que com ela tinha poder sobre umas certas Parcas. (Nunca vi mais gordas.) E perguntou-nos ainda se sabíamos o que era uma antipartícula e o que ocorre quando esta se encontra com sua partícula correspondente. Claro que utilizamos esse seu comentário para confundi-lo, dizendo que da Vinci não tinha conhecimentos sobre tal matéria. “Isto é o que vocês pensam!”, grunhiu ele. Nós o deixamos e só depois ficamos sabendo, pela TV, que, após cumprir uma curta pena num hospital psiquiátrico, ele fora liberado. Nunca mais ouvimos falar do Leonardo da Século Vinte.”

“Bacana sua história”, disse Werner, irônico. “Agora vai ver se eu tô lá na esquina. Se você encontrar alguma aqui em Brasília...”

“Vocês são uns otários, uns incrédulos, não é?”

“Ei!”, interrompeu Alberto. “Olha como aquele cara que vem ali de olho arregalado se parece contigo, Isaac. É a tua cara!”

“Que ca...”, começou Isaac, sem concluir. A casa de marimbondos caíra na sua cabeça. Debatendo-se em desespero, levantou-se e saiu correndo na direção do antiIsaac. Este arregalou ainda mais os olhos, tentou dar passagem à vítima dos insetos, mas não foi rápido o suficiente. Chocaram-se de frente e formou-se, por frações de segundo, um intenso clarão. Logo, desapareceram no ar sem deixar vestígios.

“Meu Deus!!”, exclamaram Werner e Alberto ao mesmo tempo.

“Ah! Rá! Rá! Rá!”, gargalharam do alto do mezanino, logo acima do local onde antes estava a casa de marimbondos. Quando olharam viram um velho cabeludo e barbudo com uma vara na mão. Ele estava eufórico. Após mais algumas risadas, saiu correndo e desapareceu.

Os dois estudantes sentaram-se em meio a um mudo estupor. Além deles, ninguém parecia ter testemunhado o extraordinário acontecimento.

“Alberto...”, disse Werner, quebrando o silêncio.

“Hã?”

“O que é mesmo uma antipartícula?”

“Bem... é uma partícula elementar de massa igual, mas de carga oposta a uma outra correspondente.”

“Só isso?”

“Hum...”, coçou a cabeça. “Dizem que também pode ser a própria partícula percorrendo um sentido oposto no tempo. Ao invés de caminhar do passado para o futuro, caminha do futuro para o passado.”

“Interessante... E isso é comprovado?”

Alberto deu um sorriso amarelo:

“Olha não me lembro bem disso, mas acho que tu viu o mesmo que eu.”

“E o que acontece quando as duas se encontram?”

“Acho que se anulam, não é?”, respondeu num esgar. “Sei lá, cara, tudo é muito relativo.” E levantando-se: “Até mais!”

“Falou”, fez Werner.

Naquele mesmo dia, um famoso quadro foi virtualmente roubado e um respeitado cientista francês desapareceu misteriosamente. Pelo menos Werner já sabia o que fazer do futuro.

## Golem, o Goleiro

Ninguém compreendia os estranhos esquemas de ataque e defesa elaborados pelo técnico Loew, professor aposentado do Departamento de Educação Física, e responsável pela equipe oficial de futebol da UnB. Além de comunicar-se através dum português engrolado, costumava ainda utilizar-se de termos demasiado herméticos para que seus jogadores encontrassem qualquer significado.

“Você serr yesod, Rodrrigo. Tem que darr cobertura ao centro avante.”

Apesar de o time ser composto por alunos e professores da universidade – seres pretensamente mais sábios – ninguém localizava a origem obscura de palavras tão extravagantes.

“E você serr netzah, Carlos. Eu só non saberr ainda qual sefira serr tepheret, o punim<sup>2</sup> do time.”

Os jogadores o ouviam com os olhos esbugalhados e a boca aberta. Quase babavam nessas ocasiões. Da mesma forma que não interpelavam o técnico sobre por que eram chamados de “sefira”, “sefirots”, “shnorrer”<sup>3</sup>, “shlump”<sup>4</sup> ou “umgliks”<sup>5</sup>, tampouco questionavam aqueles treinos singulares. Afinal, tinham apreço pelo velho Loew. Aquele solidéu cobrindo-lhe o cocuruto grisalho inspirava respeito. Talvez fosse padre ou coisa parecida. Que o time jamais ganhasse uma só partida, parecia assunto completamente distinto.

---

<sup>2</sup> *Punim*: mestre, senhor.

<sup>3</sup> *Shnorrer*: idiota, imbecil.

<sup>4</sup> *Shlump*: miserável.

<sup>5</sup> *Umgliks*: desgraçados.

“Non poderr prroseguir sem descobrir o tepheret do equipe. Melhorr consultar o *Sepher Jetzira*”, murmurava antes de cancelar mais um treino.

Jorge, estudante de direito e membro da equipe de futebol, resolveu investigar a vida pregressa do técnico. Partindo de algumas evidências não muito confiáveis, acabou, mesmo assim, por confirmar suas suspeitas. Loew era uma daquelas figuras que a gente sempre vê no cinema e na TV, mas às quais não atribuímos existência real. O professor – pasmem – era um judeu legítimo! Isso mesmo, um judeu. E mais: era tão judeu que ainda era rabino. Jorge, no treino seguinte, teve que se controlar para não pedir um autógrafo. Imagine, pensava, um judeu de verdade... E em Brasília! Quem diria...

No dia seguinte, conversando com os colegas de time, pôde reunir mais informações. Descobriu, então, que o professor Loew imigrara de Praga – na atual República Tcheca – havia já muitos anos, e que pertencia à comunidade judaica de Brasília. Alguém acrescentou ainda o detalhe de que o técnico era um grande estudioso da Cabala.

“Meu Deus, ele é macumbeiro!”, exclamou um professor de Letras, evangélico de carteirinha e membro da Igreja Mundial S/A.

Decidiram pesquisar aquele estranho fato e, por fim – após averiguar a inocência de tão exótico hobby – deram-se por satisfeitos. Mas ainda havia um problema: aquele misticismo hebreu – ou metafísica judaica, pouco importava o termo – estava turvando a visão estratégica do professor Loew. Era evidente que a equivalência entre o número de elementos da árvore cabalística – os sefirots – e o número de jogadores de um time de futebol – algo por si só passível de contestação – não passava de pura coincidência. Será que ele não percebia que todo aquele sistema de crenças apenas o impedia de desenvolver um time de verdade?

“Ele vai é a cabala com nossa seleção!”, ironizou alguém.

O assunto estava encerrado. No dia seguinte escolheriam um novo técnico e, após agradecer ao professor Loew por sua dedicação, lhe dariam o bilhete azul. Aquilo não era anti-semitismo, nem tampouco uma arbitrariedade. Era apenas uma necessidade de justiça e de vitórias no gramado.

No treino seguinte, porém, depararam com um professor Loew tão exultante e tão alheio à nossa língua que não conseguiram lhe transmitir qualquer veredicto. Tentavam falar-lhe mas ele – não se sabe se propositadamente – esquivava-se às interpelações, tartamudeando qualquer coisa na sua língua materna. Quando finalmente se deram por vencidos, os jogadores passaram a ouvir suas excitadas deliberações. Estavam resignados a isso. Loew, então, afirmou ter desvendado quem seria o tepheret – o coração e alma do time:

“O arqueirro! O arqueirro!”, repetia.

“Quem?!”, perguntou Jorge.

“Ele tá falando do goleiro”, sussurrou alguém.

Logo surgiram suspiros de todos os lados. Alguns conformados, outros de pura irritação. Ninguém estava afim de novamente enfrentar aquele delírio hermético do rabino. Era preciso tomar uma providência.

“Mas, professor, ninguém aqui é bom no gol”, começou Jorge. “Todo mundo sabe que isso é um baita problema. Mas, e daí? Não adianta benzer um camarada e botar ele lá...”

Loew estava maníaco:

“Eu ya encontrarrar arqueirro bom, meu sefira, um muito bom, um shoy<sup>6</sup>. Eu mostrrar parra vocês”, e foi até a arquibancada de onde trouxe um rapaz caboclo, cor de terracota, bastante alto e forte. Era realmente um muro, mas tinha os olhos vidrados e uma postura tão rígida que, a princípio, pensou-se que era cego. Assim que tal

---

<sup>6</sup> *Shoy*: brilhante.

suspeita tornou-se generalizada, os demais jogadores olharam-se em meio a um mudo constrangimento. Agora o técnico estava doido de vez. Um goleiro cego, vê se pode.

“Todos os sefirots parra o grramado! Horra do trreino!”, berrou Loew.

Aquele seria o último treino, decidiram em silêncio. Depois de golearem aquele zumbi de chuteiras, nunca mais poriam o pé naquela cancha. Nem mesmo dariam satisfações. Técnico mais maluco aquele...

“Hmm...”, suspiravam.

Todavia, para espanto geral, vivente algum conseguiu marcar sequer um gol naquela parede humana. Nem de pênalti. O novo goleiro não deixou escapar bola alguma. Foi realmente fantástico. Após o treino, todos correram para cumprimentá-lo.

“Demais, cara!”

“Nunca vi isso antes! Domingo que vem, o time da UNICAMP vai dançar na nossa mão”, disse alguém, referindo-se ao campeonato Taça Universitária.

“Como é que você se chama mesmo?”, indagou outro.

O goleiro permanecia rígido, com uma cara de poucos amigos.

“Golem”, interveio o técnico. “E non adiantar conversarrem com ele. Ele serr mudo.”

Todos se entreolharam desconfiados. Coisa mais esquisita. Pensaram que o rapaz fosse cego mas era mudo. E ele ainda tinha uma marca curiosa na testa. Parecia um anagrama formado pela interseção de duas letras tatuadas – talvez as iniciais do nome da namorada – mas assemelhava-se mais a uma indiscreta cicatriz. Era melhor nem perguntar. Aquele sujeito, além de possuir bíceps proeminentes, parecia ser de maus bofes.

O primeiro jogo com aquele novo goleiro foi uma maravilha. A UnB ganhou de três a zero da UNICAMP. O tal do Golem foi incrível, tendo efetivado defesas memoráveis. Contudo, não parecia pertencer a uma equipe. Ficava ali, no gol, altivo como quem estivesse num

trono e, aparentemente, alheio ao resto do campo. E não comemorava quando seus companheiros marcavam algum gol. Não se via ao menos uma veleidade de sorriso. Na verdade, ao fim da partida, pareceu não se aperceber da vitória do próprio time. Era um zumbi extremamente soturno.

A coisa andou bem nos primeiros jogos. De modo geral, ganhavam folgadoamente sem sofrer gols. Quando a performance decaía, Golem segurava as pontas. Tinham então tempo e oportunidade para se recuperar e vencer. Mas num dos últimos jogos, antes das semifinais – uma verdadeira batalha contra o time da UFRJ – Golem deu mostras de um comportamento belicoso que ameaçava o bom andamento da equipe. Até o professor Loew ficara preocupado com aquilo. Era só um jogador adversário penetrar na grande área, que o Golem quase lhe quebrava as pernas. Ele preferia defender um pênalti a permitir que alguém respirasse diante do gol. Quase foi expulso de campo. Antes que tal ocorresse, foi substituído pelo professor Loew. Afinal, o Golem acabara de atacar um de seus próprios companheiros, o qual viera receber uma saída de bola. Assim já era demais.

“Quebra ele!!! QUEBRAAAA!!!”, berrava a torcida adversária.

No banco, Golem encarava seus companheiros tão ameaçadoramente, que estes perdiam a motivação de entrar em campo. E durante o intervalo, os titulares sentiram a mesma rapinagem psíquica por parte do invicto goleiro. Era como se aqueles olhos baços fossem imãs que lhes sugassem o ânimo e a vontade. Naquele dia, Golem não voltou ao campo. Seu time perdeu por cinco a dois.

“É tudo culpa desse boneco de vídeo-game!”, protestou Jorge, indicando o goleiro com a cabeça. “Não passa dum pervertido, dum tarado por filtros de barro...”

“Como é que é?!”, perguntou Carlos, outro dos jogadores.

Jorge contou então a cena que presenciara na noite anterior. Narrou a maneira como o Golem entrou no alojamento, trazendo nos braços – como se fosse uma mulher – um enorme filtro d’água de cerâmica. A seguir, deitou-o ao seu lado na cama e sugou-lhe as velas e a torneirinha, gemendo como um gato no cio. Isso sem falar do último ato daquele teatro erótico.

“Que viagem, Jorge! Deixa de onda...”

“Tô falando sério, galera. Esse carinha aí não bate bem das bolas não.”

O técnico, a um canto, ouvia a tudo impassível. Sua criatura tinha natureza rebelde, mas tal comportamento não passava da idiosincrasia dum jogador genial. Ele ainda tinha chances. Só precisava de tempo. E, quem sabe, duma mocinha da sua própria espécie, uma mocinha saída da lama.

Jorge, porém, por conta própria, iniciou uma investigação exaustiva da identidade daquele sujeitinho esquisito. Mas tudo o que descobria apenas liquidava com as poucas informações angariadas anteriormente. Verificou que Golem não era aluno da universidade. Provavelmente, o dado – de que ele seria estudante de economia – não passava duma tentativa do técnico de justificar o caráter truculento e bronco do goleiro. Tampouco encontrou amigos ou parentes daquele misterioso personagem. Por fim, intrigado, Jorge entregou os pontos. Não sabia nada sobre o Golem.

Dias depois, no decorrer de um dos treinos, Jorge reuniu os companheiros com o pretexto de fazer uma foto do time. Assim, em meio às demais fotografias, conseguiu uma do rosto do Golem. Acreditava que isto seria de grande ajuda. Munido de uma lupa, analisou minuciosamente a face do goleiro, e concluiu que aquela marca, que este trazia na frente, não era senão uma tatuagem. Estimulado por sua atividade detetivesca, Jorge reuniu alguns endereços de conhecidos tatuadores brasilienses e foi-lhes no encalço.

Os primeiros três tatuadores que consultou não foram de grande ajuda. Não conheciam o indivíduo da foto, nem saberiam informar quem teria feito semelhante tatuagem. Enquanto um deles rotulou aqueles traços de “tattoo tribal”, outro chegou a questionar se aquilo realmente seria obra dum tatuador:

“Isso tá mais pra ferro de marcar gado. Um peão deve ter fritado a testa desse cara.”

Mas foi apenas em Taguatinga que Jorge encontrou quem lhe desse uma luz:

“Se são ou não tatuagens, eu não sei. Mas que são duas letras do alfabeto hebraico, disso eu tenho certeza.”

“Sério mesmo?”, indagou Jorge, incrédulo.

“Pô, véio, tattoo é cultura. Tá achando que eu sou burro?”

O tatuador, então, lhe garantiu que aquelas eram as letras *ghimel* e *lamed*, e que deveriam ter algum significado místico para o goleiro. Jorge montava mentalmente as peças daquele quebra-cabeça. Isto estava mais divertido que aquele jogo de detetives, em CD-ROM, que comprara no ano passado. Era evidente que o professor Loew estava por trás de todo aquele mistério. Era preciso interpelá-lo.

Jorge, porém, só voltou a se encontrar com o técnico minutos antes da partida semifinal. Havia sido classificados graças a dois gols feitos pelo próprio Golem. Na ocasião, a equipe perdia de dois a um para a USP, quando então o professor Loew decidiu devolver o Golem à sua posição. Como este seguia vampirizando o ânimo do próprio time, seus companheiros não logravam virar o placar. Sentiam-se, antes, mais derrotados a cada minuto. Foi aí que o Golem – sem sair da grande área – chutou duas bolas certeiras para dentro do arco adversário, com um intervalo de poucos segundos entre um gol e outro. Comemorou, destruindo uma das traves laterais do próprio gol que defendia, com os dentes, e quebrando algumas costelas dum lateral do seu time, abraçando-o. Para espanto da torcida uenebense – as namoradas de

dois dos jogadores e o filho do professor evangélico – o heróico goleiro não saiu de campo carregado pelos companheiros. Estes, aliás, olhavam-no com ódio. Teriam que continuar jogando junto àquele monstro.

“Professor, o senhor não pode mais manter essa aberração em campo”, começou Jorge. “O senhor ainda não percebeu como ele rouba a vontade da gente? Ninguém mais quer ganhar...”

O professor olhava o chão, silencioso.

“Esse cara”, prosseguiu o estudante de direito, “não é normal, eu sei disso. Aquela coisa que ele tem gravada na testa...”

Loew o olhou assustado. Será que fora descoberto?

“Sim, professor, eu sei de tudo.”

Jorge estava mentindo. Mas notara o efeito de suas palavras no rosto do técnico. Seria um bom promotor... Agora só precisava fazê-lo falar.

“Por Melquisedec! Você saberr de todo!”, suspirou Loew. E deixou-se cair num banco do vestiário. “E agora? E agora? Zayer klieg!”<sup>7</sup>

Jorge lhe disse que poderia confiar nele. Era só se abrir e contar os detalhes. Afinal, ele estava ali para ajudar.

“Foi assim...”, disse Loew, iniciando a narrativa. Logo, contou como construía um grande boneco de barro vermelho, tal como Adão, e de como – através de sua compreensão da Cabala – insuflara-lhe alma e um princípio mental, efetivando tal ato com a gravação das letras *ghimel* e *lamed* na frente do Golem. Ele não imaginara que sua criação pudesse rebelar-se daquela forma. Não calculara que o autômato pudesse roubar a energia alheia e multiplicar seu poder. Sua única intenção era dar um *tepheret* ao time. E concordou que deveriam devolvê-lo ao nada. Para isso teriam tão somente que apagar aquelas duas letras. Assim, o pó retornaria ao pó.

---

<sup>7</sup> *Zayer klieg*: safado.

Momentos depois, os jogadores, ainda no vestiário, iniciavam o aquecimento. Havia grande movimentação, algum nervosismo. Aquele jogo seria decisivo, se vencessem estariam na final. A um canto, o Golem – extremamente tranqüilo e alheio – olhava-se num espelho. Após ver-se no caderno de esportes do *Correio Brasiliense*, alguns dias antes, aquela atividade tornara-se sua nova obsessão. Apreciar a própria imagem parecia torná-lo ainda mais forte. E, claro, era preciso cuidar bem dessa imagem. Por isso tinha aquele creme hidratante na mão. Logo adiante, o professor Loew dava suas últimas instruções e, no entanto, ninguém o tomava em conta – afinal, tinham um super-homem como goleiro. Para eles, pouco importava todo aquele falatório. Mesmo se quisessem, tinham pouco a fazer. No fundo, apenas isto: não se aproximar do próprio goleiro em hipótese alguma. O técnico, por sua vez, tampouco prestava atenção ao que dizia. Sua mente era presa de uma única idéia: levar a cabo o plano de Jorge.

Foi o que fizeram. Quando os jogadores já se dirigiam ao campo, o professor pediu para que Golem e Jorge o aguardassem bem ali que ele já regressaria. Tinha algumas instruções especiais para ambos. Os dois jogadores, então, sentaram-se lado a lado, esperando a ladainha do velho.

“Você sabia que tem uns olheiros do Barcelona aqui?”, incitou Jorge.

Golem, que – como já disse – era mudo, moveu negativamente a cabeça.

“Eu ouvi dizer que eles vieram te ver...”, prosseguiu Jorge.

Os olhos do Golem brilharam. Seria verdade? Jorge, por seu turno, sabia exatamente em qual ferida meter o dedo.

“Vão tirar muitas fotos. E até filmar.”

O Golem, mirando-se no espelho, voltou a ajeitar os cabelos.

“Putz, cara”, exclamou Jorge. “Você tá com uma espinha enorme na testa”, e lhe indicou com o dedo a suposta erupção. O técnico, oculto atrás da porta, ouvia tudo atentamente. O goleiro, visivelmente contrafeito, agitou-se tanto que Jorge – e até mesmo o professor Loew, ali perto – viram-se repentinamente mais fracos. O Golem seguia vampirizando-os.

“Se você quiser, eu posso espremer pra você. Vai ficar uma beleza...”

Pela primeira vez, Jorge viu um esboço de sorriso no rosto do goleiro. Este, pois, inclinou-se na sua direção, oferecendo-lhe a frente. Sem pensar duas vezes, Jorge, com o polegar da mão direita, borrou aquelas mágicas letras que davam vida ao monstro de barro. O Golem transformou-se instantaneamente numa estátua de terracota.

“Me ajuda, professor! Rápido!”, fez Jorge.

O técnico aproximou-se um tanto atordoado. A visão do autômato sem vida era uma pontada no coração. Que dolorido ver um filho morto... *Nebbish*<sup>8</sup>... Esforçou-se para não derramar lágrimas diante de Jorge. Era preciso manter a compostura.

“Anda, professor.”

Enrolaram o goleiro numa lona plástica e o esconderam no armário de Jorge. Depois do jogo o colocariam no porta-malas do carro que alugaram, e o levariam para um lugar seguro.

Quando os demais jogadores viram o goleiro reserva entrar em campo, ficaram um tanto confusos. Jorge contou-lhes que o Golem fora suspenso e que provavelmente abandonaria a equipe. O receio inicial foi dando lugar a uma crescente confiança. Agora eles poderiam ser realmente um time. A debilidade ou a força que experimentariam não dependeria de um único indivíduo. Aquele estado de coisas foi tão positivo que

---

<sup>8</sup> *Nebbish*: coitado.

lograram vencer a equipe oponente por três a um. Foram classificados para a final.

“Muito bom, meus sefirots, muito bom”, repetia o técnico, pusilânime.

No fim daquele dia, receberam uma notícia desagradável. O time da UFRJ – o mais terrível adversário que haviam enfrentado – ganhara a outra partida semifinal e também disputariam a Taça Universitária. É certo que quando as duas equipes se enfrentaram anteriormente – e a UnB perdeu por cinco a dois – o Golem havia botado o jogo a perder. Quando fora substituído, levava para o banco de reservas toda a energia dos companheiros. Mas agora seria diferente. Eles estavam longe do monstro e novamente unidos.

“Vai ser mole, galera”, insistia Jorge.

Já o professor Loew mantinha-se calado. Desistira de encontrar o tephoret do time. *Vay'z mir*<sup>9</sup>, dizia para si mesmo.

Passada uma semana, chegara o grande dia. Os jogadores da UnB estavam confiantes, fizeram bons treinos e o novo goleiro titular havia melhorado bastante. Aquele tal do Golem era coisa do passado. Ninguém mais pensava nele. Este, por sinal, fora reduzido a pó por Jorge, o qual, a seguir, devolveu a terra vermelha ao rabino Loew, fazendo-o jurar que não repetiria tão absurdo ato criador. O técnico concordou humildemente. Jorge deliciava-se: não seria um promotor, senão um grande desembargador.

Infelizmente, logo no começo do primeiro tempo da partida final, a equipe da UnB viu-se em sérios apuros. E o que é pior: dentro da própria casa, afinal, o jogo acontecia no estádio Mané Garrincha, no Plano. Logo de saída sofreram dois gols seguidos. O técnico apenas observava resignado e calado. Aonde é que ele havia errado? Os jogadores da UnB passavam gradativamente do nervosismo ao desespero. Ao final do primeiro tempo,

---

<sup>9</sup> *Vay'z mir*: não tô gostando nada disso.

perdiam por quatro a zero. Sentiam-se humilhados, cuspidos e ofendidos. O que fazer?

“Se o Golem estivesse aqui...”, lembrava um.

“Ah! Se eu não estivesse aqui...”, lamentava-se outro.

Jorge observava o declínio moral dos companheiros. Aquilo era muito triste. Qual seria a atitude mais ética naquela situação? Não sabia. Decidiu, portanto, obedecer a um impulso.

“Professor”, começou, aproximando-se de Loew. “A gente precisa trazer o Golem de volta!”

O técnico olhou-o, com pesar:

“Mas eu non terr tempo parra fazer boneco agorra. Tarrde demais.”

Mas o estudante estava decidido:

“Vem cá, professor”, e Jorge levou-o até seu carro. Uma vez lá, abriu o porta-malas e, para espanto do técnico, ali estava o Golem, inteirinho.

“Mas... que significa isso?!”, exclamou Loew.

Jorge explicou-lhe que havia guardado o autômato, prevendo uma situação como aquela.

“Mas você me deu o terra vermelha!”

“Era falsa.”

“Mas...”

“Professor, reanima logo esse cara, vai. Depois do jogo a gente apaga ele. É fácil. A gente só tem a ganhar. É a única alternativa.”

“Mas ele non serr tepheret, ele non darr beleza ao time.”

Jorge sentiu-se injuriado:

“Mas afinal o senhor quer ganhar ou quer jogo bonito?! Sem essa de futebol arte! Isso é papo furado...”

O professor Loew finalmente assentiu, mas fez Jorge prometer que realmente reduziriam o Golem a pó após o jogo. Mas fariam isto juntos. Jorge concordou e, em seguida, prendeu grande atenção às palavras e gestos que o rabino empregava para dar vida ao boneco. Depois ele poderia imitá-lo. Sim, não seria apenas um grande

promotor ou juiz, mas senador da república. Como seu pai. Teria um exército de autômatos. E também teria conta na Suíça. Abriria contas fantasmas para seus Golens, aqui mesmo no Brasil, e lavaria todo o dinheiro que quisesse. Seu futuro estava garantido. Mas... seria ético tudo isso? Não sabia.

No princípio do segundo tempo, os jogadores da UnB – com os sentimentos a meio caminho entre o alívio e a preocupação – testemunharam o regresso do Golem ao time. Este mostrava-se mais imponente que nunca, os olhos vidrados e terríveis. A equipe da UFRJ, ignorando a desgraça próxima, estava tranqüila, afinal o jogo parecia ganho. Quando a bola chegou às mãos do goleiro da UnB, começou o terror. Dali mesmo, com um forte chute, fez o primeiro gol do outro lado do campo. Ninguém parecia acreditar nos próprios olhos. Principalmente o goleiro adversário, sentado lá no fundo do seu gol, levado pela bola. Mas aquilo não foi nada perto do que viria depois. O Golem quebrou as pernas de três atacantes da UFRJ, e detalhe: tão violenta e, ao mesmo tempo, discretamente que o árbitro não viu. Apesar dos protestos vindos do banco carioca, passou batido. A essa altura, a UnB já havia empatado. Dois gols foram do próprio Golem. Seus companheiros, que espertamente evitaram aproximar-se do goleiro, mantiveram-se com energia suficiente para completar a vitória de seis a quatro e, ainda, para comemorar.

“Por Melquisedec!”, repetia o professor Loew, em hebraico.

Após toda a festa em campo, com a entrega da Taça Universitária e tudo mais, Jorge e o rabino ocultaram-se no vestiário. Depois que os demais jogadores saíssem, eles tornariam a ludibriar a vaidade do Golem e o devolveriam ao nada. Contudo, para surpresa de ambos, mesmo depois da saída do time inteiro, não viram sinal algum do goleiro. Onde o desgraçado haveria se metido? Procuraram-no por todas as partes durante uma semana. Não encontravam

uma pista sequer do paradeiro da criatura. Por fim, desistiram. O técnico ficou tão pesaroso que adoeceu gravemente. Jorge tentava sentir-se culpado pelo ocorrido, mas não conseguia. A vida tinha dessas coisas. Mas quando, através dum jornal, finalmente descobriu onde o Golem havia se metido, correu para informar o pobre professor Loew.

“Professor, o senhor não vai acreditar. O Golem tá jogando no Barcelona. É, isso mesmo, no Bar-ce-lo-na. O filho da mãe... Nem pra dar notícias. E o jornal diz que ele assinou um contrato de cinco milhões de dólares. Uma grana altíssima prum goleiro.”

O técnico, estirado na cama, parecia sorrir. Sua última alegria, antes de falecer dias depois, desabrochou quando viu na TV uma reportagem sobre o novo “Rei de Barcelona”. Seu filho de barro – finalmente o *tepheret* de um time, o *kronkeh bubbeh*<sup>10</sup> – estava lá, na sua casa imensa, cercado por filtros de cerâmica de todos os tamanhos. A própria casa que construía na capital catalã assemelhava-se a um grande filtro. Era um pastiche de Gaudí e Filtros Steffani. Jorge, por sua vez, não viu seu futuro ruir. Na verdade, tornou-se muito mais arguto após essa experiência. Aprendeu a não confiar em ninguém e a não menosprezar a aparente estupidez alheia. Qualquer um, por mais que parecesse um zumbi, podia lhe passar a perna a qualquer instante. Conseguiu, pois, com incrível habilidade, driblar todas as CPIs que, anos mais tarde, ao tornar-se senador, tentaram incriminá-lo. E de forma alguma guardava rancor em relação ao antigo companheiro de time. Afinal, eram da mesma espécie. Viviam da capacidade de minar as forças alheias. Um psiquicamente, o outro econômica e politicamente.

---

<sup>10</sup> *Kronkeh bubbeh*: carinha rabudo, sujeitinho sortudo.

## A Vingança de Piupiu

Já era hora de alguém propor uma mudança radical para os famigerados ritos de passagem conhecidos como “trote”. Os primeiros a lograr semelhante salto evolutivo foram os alunos veteranos da Química. Conscientes do valor medicinal da urina – cuja ingestão, segundo o famoso professor e urinólogo indiano Sri Auromijo, é essencial à manutenção de nossa saúde – passaram a obrigar seus calouros a ingerir um copo de suas próprias excreções urinárias todas as manhãs do primeiro semestre de curso. O próximo passo foi dado pelos veteranos da Educação Física. Aplicaram uma idéia excelente: extirpar, com o auxílio de uma tesoura de jardim, os inúteis dedinhos do pé dos alunos novatos. A princípio a dificuldade e os problemas para a execução de tal idéia foram tão grandes – pois os calouros usavam de violência para fugir – que precisou-se chamar a polícia para resolver a questão. Evidentemente, com os “bichos” algemados no pau-de-arara era bem mais fácil. Já os veteranos da Engenharia Florestal sempre faziam um sorteio entre seus novos companheiros. O vencedor ganhava um jantar pago num sofisticado restaurante japonês e, depois, noite adentro, bebia por conta dos colegas. No dia seguinte, aproveitando-se de seu coma alcoólico, os veteranos o enterravam vivo e plantavam uma árvore por cima. Não conheciam adubo melhor.

Ao testemunhar tantos avanços, efetivados por companheiros de outras áreas no campo do trote, os membros do Centro Acadêmico de Medicina decidiram abandonar as ingenuidades do tipo “tinta, batom, farinha de trigo e ovo”. Chegaram a um consenso após acatarem as sugestões de alguns membros do corpo docente: em

cada leva de novatos, um seria escolhido para ser sacrificado e ter o corpo doado à ciência.

“Vocês são uns doentes, uns loucos!!”, protestou Aline, uma das veteranas. “Vou denunciá-los!” Todos riram, afinal a própria polícia havia oferecido seus serviços no que se referia à execução e traslado da vítima. Na ocasião, Tiago, presidente do Centro Acadêmico de Medicina, agradeceu amavelmente à força policial, mas recusou a oferta. Aquilo era um trabalho para os veteranos da medicina. E pouco lhe importava a opinião da Aline. Seus ataques não passavam de uma jogada política, pois, com certeza, ela pretendia se eleger presidente do C. A. de medicina com a ajuda dos corações moles do curso. Seria bom ficar de olho nela.

Bem, a princípio se supôs que não seria tarefa tão elementar escolher o tal calouro-vítima. Mas, no primeiro semestre de vigência do novo trote, toda dificuldade de seleção foi sublimada pela presença dum calouro de perfil um tanto sui generis para um estudante de medicina. Era alto, muito forte, a cabeça raspada, braços tatuados, muitos brincos em cada orelha, um body piercing no nariz, outro na sobrancelha e, como se tudo isso não bastasse, ainda se chamava Jason. Detalhe: com a pronúncia inglesa. Era, além disso, um sujeito muito mal encarado que só se comunicava por monossílabos.

“Ô careca”, disse Tiago armando a cilada. “Vem me ajudar a levar uns engradados pro C.A.”

“Só”, respondeu Jason.

Quando o calouro entrou no C.A. de medicina carregando dois engradados de cerveja, alguém, com extrema habilidade e rapidez, passou-lhe um laço pelo pescoço.

“Agora!!”, gritou Tiago.

E então, num átimo, outros cinco veteranos pularam na extremidade oposta da corda, erguendo Jason – que com o susto largara os engradados – até a altura da viga pela qual haviam passado a corda. Jason soltou uns

ruídos feios, estertorou, balançou as pernas no ar e, por fim, expirou, colocando pra fora uma língua enorme, na qual se via um brilhante body piercing de prata.

“Uff! Tudo pela ciência...”, murmurou alguém, limpando o suor da testa.

Minutos depois, numa das mesas da sala de anatomia, Jason jazia nu e, como rezava a lenda, apresentava uma ereção peniana típica dos enforcados. Mas o que realmente surpreendeu o professor e seus alunos – todos ataviados para a dissecação – foi o body piercing – mais um! – que Jason trazia no pênis. Um grande anel metálico vazava-lhe a glândula de cima abaixo, uma coisa espantosa. E o que era mais insólito: havia uma tatuagem do Piupiu – aquele dos desenhos animados – no dorso do pênis dele. Quando alguém brincou dizendo que aquilo se assemelhava a um souvenir da Warner Brothers, Tiago teve uma grande idéia. A pretexto de estudar melhor mais algumas “peças” da máquina humana, Tiago permaneceu na sala de anatomia após a aula. Logo, munido de um bisturi, privou o pobre Jason de sua falecida sexualidade, fazendo, em seguida, uma pequena sutura na base da “peça”. Após toda essa sórdida operação, introduziu-se sorratamente no laboratório de patologia clínica, onde Aline assistia a uma aula. Localizou, então, a bolsa da estudante sobre uma cadeira, retirou-lhe as chaves do carro e substituiu o chaveiro pelo “souvenir da Warner Bros.”, aproveitando-se inclusive da tesourinha chinesa ali encontrada para cortar um fiozinho solto, resquício da sutura. No trajeto para sua casa, Tiago não conseguia segurar as gargalhadas: “Ela vai ver só!”

Naquela noite, antes de dormir, o presidente do C.A. de medicina assistiu, na TV a cabo, a um filme trash um tanto perturbador. Algo sobre um artista plástico que, após vingar-se de um crítico de arte atropelando-o, passou a ser perseguido pela mão deste último, a qual havia sido arrancada no acidente. Aquele filme sinistro fez Tiago ter um sono meio agitado. Sonhou que alguém rondava a

casa, tentando abrir as portas. Felizmente, pela manhã, foi acordado pelo ruído de um molho de chaves que caía ao chão. Provavelmente o vizinho.

Quando chegou na faculdade, recebeu uma notícia surpreendente: por volta das dezenove horas do dia anterior, Aline fora encontrada em estado de choque no estacionamento da faculdade. Embora ela não soubesse dizer como ou o quê a havia atacado, tudo indicava que fora vítima de estupro. Os únicos objetos roubados foram as chaves do carro e o celular.

“Minhas chaves... minhas chaves...”, foi tudo o que Aline sussurrou antes de entrar em estado catatônico.

“Essas burguesinhas!”, disse um policial. “Até mesmo nessas horas só pensam em suas propriedades.”

Espantoso e incompreensível foi o resultado do exame de corpo delito: não houvera estupro, o pretenso violador havia extirpado com precisão cirúrgica o clitóris da menina. O fato estarreceu a todos. Quem teria feito uma coisa assim tão horrível?

Mas Tiago, não sem pavor, compreendeu imediatamente o que se havia passado. Logo, sem pensar duas vezes, correu pra casa sem assistir a uma aula sequer. Uma vez lá, trancou portas e janelas. Claro, talvez tudo não passasse de um surto paranóico, mas – em vista dos fatos – era melhor não arriscar.

O dia transcorreu sem sustos. Por fim, quem efetivamente arrombou as portas foi o tédio. Tiago refestelou-se, então, numa poltrona em frente à TV, com o controle remoto na mão. Apesar de ter pelo menos sessenta canais à sua disposição, contentou-se com manter o dial no canal da Cartoon Network. Quando a noite chegou, um princípio de ronco já lhe escapava dos lábios. Só foi acordar com o telefone do quarto ao lado.

“Alô”, disse com as pálpebras ainda coladas.

“Eu acho que vi um gatinho!”, foi a resposta.

“O qu...”, mas interrompeu-se arregalando uns olhos enormes. Largou o telefone, correu pela casa verificando

as fechaduras e ainda teve a excêntrica idéia de passar a corrente da bicicleta, à guisa de cinto, pelos ilhoses da calça jeans que usava, fechando-a, em seguida, com um cadeado de segredo. Durante todo esse tempo jurava ouvir gargalhadinhas infantis e maquiavélicas. Por fim, regressou à sala tentando respirar profunda e pausadamente. Precisava controlar aquela taquicardia. Mas qual não foi sua surpresa ao perceber que, na TV, passava um desenho animado do Frajola e do Piupiu. Certamente toda aquela correria absurda não passava da reação de uma imaginação doentia a uma mente embotada pelo sono. Sentia-se ridículo. Ficou tão envergonhado que nem percebeu que havia um telefone celular desconhecido ao lado da TV. Era melhor tomar um chá, relaxar e estudar pra prova que teria na manhã seguinte.

Assim que a água do chá ferveu, o telefone celular começou a tocar. Tiago franziu a testa mas não conseguiu reconhecer aquele som. Caminhou até a sala apreensivo. Viu o telefone, porém não atinava em quem poderia tê-lo largado ali. O jeito era atender.

“Alô”, e ficou na expectativa.

“Quem fala?”, indagaram do outro lado.

“Tiago.”

“Tiago?!”, exclamou Aline. “O que é que você tá fazendo com o meu celular?”

“Seu...”, mas não pôde concluir. Alguma coisa – um rato talvez – havia entrado pela barra da sua calça e lhe subia pela perna esquerda. Aline ouviu Tiago soltar gritos terríveis, pedir socorro, mas estava impotente, não sabia como ajudá-lo. O rapaz sentia ainda o roçar frio e metálico de algum objeto preso ao invasor, como uma corrente arrastada por um fantasma. Ou... por um vermão! Lembrou-se da tesourinha chinesa!! Ficou apavorado. Enquanto tentava conter o intruso com a mão esquerda, com a direita tentava encontrar o segredo do cadeado que lhe prendia a calça.

“8-9-0... Não!! Esse é o meu R.G.!”

“Tiago! Tiago!”, gritava Aline no celular. E o bicho subindo.

“3-7-3-5... Não! Não! Esse é o código do meu cartão do banco... Pensa! Pensa!”

“O que é que tá acontecendo, Tiago!?”

“0-0-4-6... Aaaaaaaah!!!”

Tarde demais. Jason fora vingado.

Quando a polícia – avisada por Aline – chegou à casa de Tiago, este, em pessoa, recebeu os soldados à porta. Estava sereno, agradeceu à preocupação dos policiais, mas disse que nada havia ocorrido. Provavelmente tudo não passara de um delírio da coitada da Aline. Afinal, ela acabara de passar por uma experiência traumática. Quanto ao telefone celular, ele tampouco tinha um em casa. Satisfeitos, os policiais se retiraram e Tiago voltou ao seu cigarro e ao seu chá de frutas cítricas.

Realmente nada de anormal parecia ter ocorrido naquela casa. Não havia sangue, sinais de luta e Tiago parecia estar muito bem. Inclusive seus órgãos sexuais estavam intactos. A única coisa estranha foi ele, dias depois, abandonar a presidência do C.A. de medicina e anunciar seu desligamento da universidade. Dizem que foi visto apenas mais uma vez, pouco antes de se mudar pra San Francisco, nos EUA, onde – além de continuar o curso de medicina, no qual se especializaria em urologia – faria também um curso de decoração. Estava saindo da casa de um conhecido tatuador de Brasília. Segundo este, Tiago havia encomendado um desenho do Frajola com os dizeres: “I love Piupiu”. Mas o lugar da tatuagem... bem, era segredo profissional.

## **Maria Eu-gênia**

Maria Eugênia era professora de Psicologia. Sua mãe previra a futura carreira da filha, quando esta, aos doze anos, ficara gritando histericamente, por três dias seguidos, depois que o pai esmagara uma barata na sua frente.

“Essa menina ainda vai parar num hospício...”, dissera a resignada mãe.

Dito e feito: Maria Eugênia, uma aluna exemplar desde os tempos de colégio – “Já é feia, se ficar burra, como é que essa menina arranja namorado?” – graduou-se em Psicologia aos vinte e dois anos, na mesma turma que Garcia Koch, seu namorado desde os tempos de vestibular e atual ex-marido. Conheceram-se num sebo procurando o mesmo livro – o único que faltava para completar suas coleções da obra de um ídolo comum, Joseph Murphy: “O Incrível Poder da Mente”. No aniversário do primeiro ano de namoro, Garcia Koch presenteou Maria Eugênia com um livro de conteúdo um tanto extravagante: “O Segredo do Sucesso”. Algo a respeito de inflar o próprio ego como uma bexiga. Assim ele se elevaria. (Ninguém dissera ao autor, nem a Garcia Koch e muito menos à Maria Eugênia, que, ao elevar-se, uma bexiga acaba por estourar devido a um aumento relativo da pressão interna.) Maria Eugênia manteria este livro ao seu lado, mesmo após tê-lo jogado fora, pelo resto da vida. Garcia Koch, na mesma ocasião, ganhou da namorada um livro sobre os fundamentos da astrologia. Só comentou algo sobre o assunto anos depois, quando já enfeitava seu apartamento com volumes de Lacan, Freud e Piaget. “Como éramos ingênuos!”, dissera, sem no entanto lembrar-se de que, na época, achara aquele livro demasiado complexo para o seu entendimento.

O divórcio foi uma guerra horrenda. Quando um colega lhes recordou que aquilo não passava de um mero conflito de egos, se recalçaram. A guerra tornou-se guerra fria. Ambos passaram a divulgar informações confidenciais.

“Uma vez”, dizia Garcia Koch na mesa do bar, “ela segurou meu pênis ereto e disse que queria ter a pele do rosto lisinha daquele jeito... Ela tinha era inveja do meu pênis!”

“Tá falando comigo?”, perguntou indignado o garçom, ao ver aquele homem falando sozinho na mesa.

Maria Eugênia não deixava por menos:

“Ele sempre tinha atos falhos sexuais, o desgraçado.”

“Era precoce?”

“Não, sempre me chamava de Eurico. Era um maldito lacaniano, só queria saber dos desejos do Outro.”

Quando se formou, Maria Eugênia foi trabalhar num sanatório. Não agüentou um mês.

“Aqueles malucos! Nunca prestavam atenção no que EU dizia...”

Depois tentou clinicar. Mas também não deu certo.

“Os pacientes? Eles só queriam saber de si mesmos, não me deixavam falar...”

Maria Eugênia teve, então, a feliz idéia de seguir a carreira acadêmica.

“Mas Maria Eugênia...”

“Cala a boca! Afinal quem que é a doutora aqui?”

Havia encontrado o seu lugar. O lugar perfeito. Finalmente chegara onde ninguém seria louco o bastante a ponto de enfrentá-la. Os alunos a temiam e a admiravam. Nas reuniões e seminários era sempre sua a última palavra.

“CHEGA! Esta reunião está uma vergonha...”

Ai de quem um dia discordasse. Ai...

Mas esse dia chegou. Uma de suas melhores alunas teve o disparate de discordar de seus argumentos dentro da sua própria sala.

“Eu não concordo, Maria Eugênia...”

Maria Eugênia soltou um grito terrível. A aluna saiu correndo assustada, aquela mulher era impossível. Maria Eugênia ficou três dias gritando dentro da sala. Os amigos, apesar do escândalo, felicitaram a coragem da aluna. Infelizmente, para terror da Maria Eugênia, ninguém se lembrou de matar aquela barata horrível que estava embaixo da mesa.

## Memórias da Ilha do Capeta

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos porque silencieei e porque me dedico. Bem, calei-me, devo confessar, porque não dava com as palavras que iniciariam esta narrativa. Encontrei-as e plagiei-as doutro escritor de menor calibre<sup>11</sup>. Não, não sinto os escrúpulos a me achacar. Urge empeitar a verdade. Na academia a vida é assim mesmo – copia-se a torto, repete-se a direito...

E, enfim, dedico-me agora a narrar estes fatos por uma razão óbvia e até banal: é preciso denunciar não apenas toda a baixeza do ambiente que conheci, mas também a torpeza dos seres que por ali circulam. Sim, caro leitor, a vida num alojamento de estudantes pode ter seus momentos de *glamour*. Mas, ao fim e ao cabo, o que nos resta são as cicatrizes da realidade, neste caso, as cicatrizes do cárcere estudantil.

Mudei-me para a Casa do Estudante, da Universidade de Brasília – vulgo CEU – em princípios da última década do século passado. Lembro-me bem, foi antes da explosão da bomba. Claro, você, leitor, sabe tão bem quanto eu que não houve outra grande guerra. Refiro-me à explosão da bomba que abastecia a caixa d'água do bloco B do CEU. Ninguém, nem mesmo no bloco A, conseguia identificar que estrondo horrível fora aquele. Depois, quando ficamos definitivamente sem água, descobrimos que se tratava duma manobra terrorista dum grupo radical ligado à reitoria, o C.C.C. — o Comando de Caça aos Clandestinos — o qual pretendia combater a permanência de moradores ilegais – largamente patrocinada por moradores oficiais – nos apartamentos do alojamento. Sim... depois foram as grades. Grades nas

---

<sup>11</sup> Vide *Memórias do Cárcere - vol I*, de... ah, um cara aí.

janelas, nas saídas de incêndio, ao redor do campus universitário. Cada um dos moradores – que já ninguém lembrava tratar-se dum estudante – recebeu um número e um cômico uniforme listrado. Meu número, nunca me esquecerei, era... Me esqueci! (Também, hoje em dia é preciso decorar tantos números...) Bem, os porteiros, antes uns singelos senhores de meia idade, foram substituídos por truculentos rambos armados com 38. Um detector de metais foi instalado à entrada da portaria. Nenhum dos moradores tinha qualquer dúvida: o CEU transformara-se num inferno.

Antes desses tristes acontecimentos, nós moradores já sentíamos o isolamento físico do CEU. É exato que este se localizava dentro do campus Darcy Ribeiro, na Asa Norte. Mas não passava dum apêndice do Plano Piloto, próximo ao lago Paranoá. Estávamos longe das farmácias, supermercados, bares, bancas de jornal, cinemas, livrarias, da vida das superquadras, enfim, do mundo. Éramos os aborígenes acadêmicos daquela ilha, os habitantes duma ilha dentro da ilha Brasília. Como vê, amigo leitor, tínhamos apenas um simulacro de mundo. E, então, quando fomos acometidos pelas bárbaras disposições da reitoria, assistimos à cristalização do nosso triste estado de exílio. Afinal, quem se habilitaria a aventurar-se pela cidade, usando aquele ridículo uniforme listrado? Recordo-me inclusive do episódio em que o Papillon – meu companheiro de apartamento, aliás, de cela – foi confundido com o vocalista duma reles bandinha de rock da época. Mamas, Tetas Assassinas ou algo assim, não sei ao certo — como já disse não tínhamos contato com o mundo. Sei apenas que boa parte de nós, personagens daquele pesadelo, compartilhávamos do mesmo anelo: fugir.

Sempre que assisto a filmes sobre prisões, sou assaltado por duas constatações. Primeiro: não existe lugar tão terrivelmente patético quanto a Ilha do Capeta. Pois era uma prisão sem o ser. Segundo: sempre existem

aqueles loucos – ou sábios, quem sabe? – que realmente se adaptam e até curtem viver nessas estéreis fortalezas. Eu poderia enumerar uma boa quantia deles. Alguns sorridentes, outros amargos, mas todos tão enraizados naquele solo quanto uma árvore do cerrado, com suas imensas raízes. Talvez seja isto. Para conseguir viver no clima ora desértico ora diluvial da região, seja necessário lançar profundas raízes. Ou morremos. Provavelmente de tédio.

Um destes loucos acabou por ceder seu nome àquela ilha. Sim, caro leitor, seu nome, pois no final das contas descobri que ele realmente se chamava Capeta. Isto ficará claro mais adiante. Não se afobe. Bem, alguns afirmavam que aquele indivíduo já residia ali há pelo menos vinte anos. Outros, mais modestos, apostavam em quinze. Havia até mesmo aqueles que arriscavam o palpite de uns trinta anos. O que era o mesmo que dizer a verdade: o Capeta sempre estivera ali. Afinal, o alojamento não tinha tal idade, era mais recente. Mas são apenas detalhes. Importa deixar claro que tal morador, entre outros poucos gatos pingados, parecia amar aquele local. E seu espírito pairava omnipresente por todo o CEU.

Quando o cerco da reitoria completou um ano de vigência, nós moradores, digo, prisioneiros, liderados por Gulliver, resolvemos tomar uma atitude. O tão almejado diploma – única forma de salvação – parecia tornar-se cada dia mais distante. Devido a todo aquele tratamento que recebíamos, já não tínhamos cabeça para estudar. Urgia planejar algo. Mas o quê?! Não sabíamos. Foi então que veio o golpe definitivo. Na noite de 24 de agosto daquele ano – dia de São Bartolomeu – seguranças da UnB fortemente armados, e sob o comando do reitor – um simulacro do marechal Deodoro, o qual acreditava ser a universidade um laboratório e nós, um bando de camundongos – invadiram uma a uma todas as celas de ambos os blocos do alojamento. À força retiravam os ocupantes clandestinos renitentes, os quais, a seguir,

eram despídos e enfileirados no pátio entre os dois prédios. E ali, diante de nossa estupefação, foram fuzilados – com tiros de carabina de pressão 4.5mm, pois a universidade passava por dificuldades econômicas e já não tinham munição calibre 38 – e enterrados em grandes valas, abertas anteriormente pelas próprias vítimas. Uma coisa horrenda de se ver. Nós, prisioneiros oficiais, nada pudemos fazer, pois ameaçavam cortar nossa já escassa ração de pão, água e jujubas – servida diariamente no bandeirão – se interferíssemos na chamada “Solução Final para a Questão do CEU”. Sabe-se que a morte por inanição é lenta e terrível. Nosso instinto de preservação – além da íntima e incofessável satisfação por presenciar a eliminação de possíveis concorrentes no já saturado mercado de trabalho – jamais nos permitiria tão sinistro fim. Mas aquela absurda demonstração de força e poder, que não apenas ameaçava nossa escolaridade de nível superior mas também nossa vida, revelou-nos, então, a única saída para o impasse: a rebelião.

Triste sonho o da liberdade... Quem disse que aqueles tristes prisioneiros sabiam o significado de sublevar-se? Primeiro cogitou-se na hipótese de se matar um prisioneiro por dia, à guisa de protesto. A decisão de quem deveria morrer necessitava, segundo opinião da maioria, ser democrática. Quem mais teria essa idéia senão a maioria? Gulliver – estudante de Ciências Políticas, um figura realmente brilhante – contra-argumentou, afirmando que aquela idéia era ridícula. Afinal, aquilo era o que a administração do alojamento desejava, a eliminação gradual dos prisioneiros e o conseqüente aumento das vagas no CEU. Para Gulliver, aqueles estudantes imbecis metidos a políticos – liliputianos, ironizava ele – levariam a rebelião ao fracasso. Infelizmente, foi ignorado e deu-se início à votação, sendo casualmente escolhido como vítima para o holocausto o próprio Gulliver. Logo ele que idealizara a rebelião e tentara abrir os olhos dos demais.

“Não subestime a estupidez dos liliputianos”, disse-lhe Capeta, sarcástico. “Podem ter o cérebro e o coração do tamanho de uma pulga, mas seus egos têm a altura de arranha-céus. E quando feridos são um incêndio numa torre.”

Gulliver estava indignado:

“Foi uma armação! Você não percebeu, Capeta?”

“Claro que foi”, sorriu este. “E daí? Bem vindo, ainda que por pouco tempo, ao mundo real.”

O estudante de Ciências Políticas foi degolado e jogado diante do prédio da reitoria. A administração do alojamento limitou-se a enviar um calouro – outro futuro candidato a funcionário público – para preencher a vaga aberta. E assim, sem atingir seus objetivos, os prisioneiros da Ilha do Capeta – até aquele momento apenas eu a tratava por tal nome – viram-se numa encruzilhada sem galinha preta. Enfim, estavam completamente confusos. O líder fora assassinado por suas próprias mãos e o caos era conseqüência óbvia. Quiseram queimar colchões, mas o Capeta lhes disse:

“Vão dormir nas cinzas, é isso o que vocês vão conseguir.”

Alguns tentaram replicar através de argumentos vazios. Apenas para não perder a pose de ativistas políticos e de membros engajados duma comunidade democrática. Os imbecis... Claro que foram todos ouvidos, para manter o tal ar de democracia – prefere-se sempre a quantidade à qualidade dos discursos, um tédio – e, por fim, aderiu-se ao aparente bom senso do Capeta. Com exceção da petição a ser enviada à reitoria, solicitando a modificação das listras verticais do nosso uniforme para listras horizontais – para parecermos mais gordos e saudáveis – nada mais foi resolvido.

Hoje penso se, naquele momento, o caos não teria mesmo dado fim à opressão na qual vivíamos. Em muitas prisões, se na ocasião adequada, é a única forma de se atingir a quem de direito. Mas não estou tão certo disso.

Talvez só se alcance realmente a “opinião pública”, e esta é um fantasma. Aparece eventualmente para nos assombrar, depois some. Acho que os últimos acontecimentos que presenciei corroboram tal afirmativa.

Numa quinta-feira, eu e Papillon conversávamos sobre seu problema com a namorada de origem hispano-americana. Um problema pessoal que não vem ao caso. Estávamos em nossa cela – o saudoso 103-B – quando recebemos a visita de Robinson Crusóé, que por sinal estava de muito bom humor:

“Já resolveu suas encrencas com a cucaracha, Papillon?”, alfinetou ele. (É preciso esclarecer que fora Crusóé quem apelidara de Papillon o meu colega de cela. Ele maldosamente insinuara que este último era como o personagem do livro homônimo de Henri Charrière. Adorava comer baratas.)

“Do Equador pra baixo todo mundo é cucaracha, Crusóé. Já te disse isso”, respondeu Papillon com despeito.

Crusóé deu uma risada afetada de viado. Usava sua homossexualidade como pretexto para semelhante performance. Apenas para causar efeito. Pois não era este seu comportamento cotidiano. Entre os amigos, costumava-se dizer que Crusóé era um gay sisudo, assim como seu companheiro, o Sexta-Feira, era, de forma complementar, o tesudo. Lembro-me ainda do dia que Crusóé recebeu este sobrenome postiço. Alguém, durante uma conversa, lhe insinuou que, apesar de sua voz grave e de seus ademanos muito masculinos, ele cruzava as pernas como uma mulher.

“Cruzo, ué, e daí?”, disse Robinson na ocasião, provocando risadas.

Naquela quinta, Crusóé apareceu para nos avisar que, no dia seguinte, haveria happy-hour no seu apartamento, o dois-vinte-e-quatro-B (B de bicha, dizia ele). Era uma homenagem que ele costumava fazer ao Sexta-Feira, uma espécie de aniversário semanal, pois se

conhecera nesse dia da semana. Ele nos confirmou que conseguira o açúcar e que nós deveríamos contribuir com a água. Devo informar que era a mistura dessas duas substâncias que costumávamos ingerir nas festas ilegais que organizávamos na Ilha do Capeta. Tomávamos e curtíamos o torpor, deitados pelo chão, sofás, camas e redes. Era o nosso ópio. Às vezes alguém conseguia um ou dois gramas de pó de café, que era cheirado. Mas não era o tipo de catalisador que fazia a minha cabeça.

“Vai ser meio difícil conseguir água suficiente de um dia pro outro”, disse eu. “Você devia ter avisado mais cedo que era nossa vez de arranjar.”

Papillon interveio:

“Não grila não, Graciliano, que, pelas nuvens pretas que tão lá fora, hoje mesmo deve chover.”

Nesse exato instante, um violento trovão ribombou lá fora e a porta do apartamento se abriu:

“E aí, galera?”, entrou o Capeta. “Qui é que tá rolando?”

Todos nos entreolhamos admirados: que sincronismo mais soturno! Também ficamos preocupados. Será que aquele cara pensava que era invisível? Ele não sabia que no alojamento eram proibidas as reuniões com mais de três pessoas? Se o tivessem visto, estaríamos ferrados.

“Vocês não sabem a última da Rei-thoria...”, continuou ele. (Segundo Capeta, o reitor era o nosso Rei-Thor.) “Estão enchendo o pátio de esterco. Querem plantar flores sobre as valas recheadas de presuntos...”

“Esse papo é sério?”, perguntou Crusoé.

Fomos checar. Era verdade. Pelo menos cinco caminhões revolcavam sua carga de fezes animais. Era certamente o resultado do labor de muitos bois. Flores... Um canteiro de flores... Como de costume, tentava-se – com o colorido da mais imaculada das criaturas – encobrir uma chacina. Mas, como se vê, entre a aparente inocência e o crime esquecido, sempre há muita merda.

Naquela mesma noite, eu e Papillon fomos escondidos depositar algumas camisetas e uniformes listrados nos galhos das árvores próximas. Com a chuva que já se iniciava, teríamos muita água pra recolher no dia seguinte. E, graças aos céus, choveu a noite inteira. A sexta-feira amanheceu convenientemente ensolarada, fato que só se mostrou relevante quando, ao voltarmos das aulas pela tarde, demos com um pátio coberto de cogumelos. Crusoé, bastante empolgado, exortou-nos a que o ajudássemos na colheita.

“É do bom! É do bom!”, repetia a cada minuto.

Sua intenção era propiciar, ao companheiro e aos convivas, um aperitivo mais apropriado durante a festa. Executamos o trabalho o mais discreta e rapidamente que pudemos. Aliás, a idéia de ingerir aqueles fungos não era inteiramente do meu agrado. Já vivíamos uma situação inusitada no nosso cotidiano. Como a encararíamos com a mente alterada?

“Esses cogús estão impregnados com a alma dos presuntos clandestinos...”, provocou Capeta, em meio a um esgar.

Crusoé assustou-se com aquela repentina presença:

“Estão impregnados de bosta!”, contestou.

Eu quis acrescentar que a alma daqueles mortos eram uma bosta, mas me detive. Uma ligeira sensação de terror percorreu-me o corpo. Se a cor da inocência ainda não cobria aqueles defuntos, a loucura já se avizinhava de nós sobreviventes. E naquele ambiente aquilo poderia ser perigoso.

À noite, para que conseguíssemos nos reunir no 224-B, recorremos ao costumeiro expediente. O Sexta-Feira, vestido de mulher, atraiu com chamados, gritinhos e levantamento de saia, tanto os porteiros quanto os seguranças do CEU para o cerrado vizinho. Bom conhecedor daquela mata, Sexta-Feira ia embrenhando-se cada vez mais, abandonando a roupa pelo chão, até ficar completamente nu. Seus perseguidores, vítimas da

sedução e da própria cupidez, iam ficando pelo caminho, perdidos ou simplesmente satisfeitos por encontrar uma calcinha ou sutiã. Estavam acostumados a ver belezas apenas nas revistas ou na TV. E o Sexta-Feira fazia muito bem sua performance.

Pelo menos sessenta pessoas, entre prisioneiros e estrangeiros, por assim dizer, burlaram a vigilância e chegaram ao apartamento do Crusoé. O Sexta-Feira apareceu logo em seguida. Os demais foram desestimulados pelo retorno da equipe de segurança, a qual, desiludida pelo fracasso da busca, arquivou os novos troféus abandonados pela, como diziam, *Dama do Cerrado*.

“Da próxima ela não escapa!”, resmungou o porteiro.

No 224-B, após ingerir uma colher de açúcar seco, para economizar água, eu observava a espuma cinza-chumbo que escapava pela válvula da panela de pressão. Os cogumelos já deviam estar desintegrados. Toda a água fora aproveitada naquela poção mágica. Na penumbra do nosso improvisado chill out, ouvíamos *ambient*, um som eletrônico que embalava nossa doce viagem. As pessoas, esparramadas por todos os cantos onde se pudesse deitar, cochichavam entre si ou apenas esperavam. Alguns casais aproveitavam a oportunidade para, um no outro, tornar alheia a realidade dos dias comuns. Uma garota, que eu jamais vira por ali, era a única a dançar. Movia-se lentamente. Atraía alguns olhares gulosos e, aos poucos, estimulou outros a entrarem na onda. Crusoé não arredava o pé da frente do fogão. Sexta-Feira impacientava-se:

“Pôxa, Robinson, vem dançar!”

“Calma, cara. Já tá quase pronto.”

E o chá ficou pronto. Um princípio de tumulto teve que ser imediatamente contido, ninguém queria ser ignorado na partilha. Por mim, eu não entraria naquela, não parecia sensato. Resolvi, então, entregar a sentença ao destino – se algo sobrasse seria meu. Isto decidido, subi

ao mezanino, onde ficavam as camas. Ali não havia ninguém e eu poderia observar os acontecimentos.

“Não é pra deixar uma só gota no copo”, ouvi Capeta dizer com sua voz estridente, sem no entanto localizá-lo em lugar algum. Papillon, alheio à balbúrdia, atracava-se a um canto com uma colombiana.

Em poucos minutos, comecei a notar uma modificação no comportamento daquelas pessoas. Uma preguiça e uma languidez atrozes pareciam dominar inicialmente um a um. Meia hora mais tarde, muito falatório e risadas. Temi que pudessem ser ouvidos lá fora. Se os seguranças aparecessem, o que eu faria? Me esconderia? Não... Fugir correndo seria condenar-me à morte, disso eu estava certo. E, afinal de contas, por que pareciam não ouvir nada? Fiquei imaginando:

“Esta calcinha é minha!!”

“Você já ficou com uma da última vez!”

“Foi o Alcides que ficou”, diria o porteiro, injuriado.

Outros, ainda, especulariam sobre a identidade da *Dama do Cerrado*:

“Acho que é aquela gatinha do 208-B.”

“Será?”

Pensei cá comigo se o tal “Rei-Thor” teria capacidade para prever essas variações aleatórias no decorrer dos experimentos que fazia conosco, seus ratinhos de laboratório. Era engraçado ver como aquilo derivava da reação da natureza a seus procedimentos – o estrume de boi – e propósitos – a camuflagem de flores. “Erro instrumental”, diria ele. As Filhas do Aqueronte, diria eu.

Enquanto me entretinha com esses pensamentos, uma garota subiu ao mezanino. Quando a vi, ali comigo, fiquei sem saber como reagir. Ela parecia muito impressionada com tudo o que via. Tinha um corpo perfeito. Tal constatação deixou-me excitado.

“Você pode tirar meu sutiã?”, pediu-me, levantando a parte posterior da blusa.

“Claro”, respondi, tentando imaginar o que viria depois.

Ela, então – virtualmente aliviada – saiu andando por entre as camas, admirando as gravuras que Crusoé pregara às paredes. Vi seus mamilos apontando sob a blusa. Fiquei mais excitado.

“Nessa xilogravura o Crusoé tentou imitar um artista alemão”, disse eu, aproximando-me.

“Qual?”

“Dürer.”

“Hmm...”, resmungou desinteressada.

Eu não sabia onde esconder tanto tesão. Ela estava evidentemente *viajando*. Seria sacanagem tentar algo com ela?

“Você não quer que eu guarde seu sutiã?”, perguntei, arrependendo-me logo em seguida.

Ela me olhou de cima a baixo. Era jovem apesar do rosto levemente crestado e dos pés de galinha em torno dos olhos. Aquilo certamente seria o resultado de muito rock’n roll. Era, sem sombra de dúvida, uma junkie contumaz.

“Não”, finalmente respondeu, com desdém. “Eu tenho bolsa”, e caminhou até a escada, por onde desceu.

Eu sempre fui péssimo para as aproximações, sei disso. Mas aquele último olhar de desprezo me irritou profundamente. Desci as escadas com o sério propósito de azucrinar o primeiro louco que cruzasse meu caminho, se possível aquela mesma garota. Uma vez lá embaixo, encostei-me a uma mesa e fiquei esperando a primeira vítima. Estava realmente enervado e, quando me dava conta disso, irritava-me ainda mais. Ficar puto por causa do desprezo duma babaca. Vê se pode, remoía comigo.

Logo a seguir, fui quase totalmente apaziguado pela visão daquela outra garota, que já dançava no início da festa. Senti que era por culpa dela que ainda restava adrenalina no meu sangue. Ela tirara o casaco e usava, agora, apenas uma blusa azul e uma calça preta –

provavelmente do mesmo tecido cintilante – que se colavam ao corpo. Era linda, possuía uns ombros frágeis, a clavícula conspícua que contrastava com os seios bem feitos, os olhos claros. Dançava, movendo-se sensualmente. Hipnotizava-me. Creio que notou meu interesse, pois foi se aproximando. As outras pessoas, pelo menos a maioria, pareciam mais preocupadas com a viagem pessoal já iniciada. Eu, no meu canto, começava a me lastimar por minha incapacidade de abordar aquela garota. Devo ter ficado sombrio. Encarei o chão.

“Você tá numa bad-trip?”, perguntou ela.

“Não, não... eu não tomei nada”, respondi sem jeito.

“Então vem dançar!” e, antes que eu respondesse qualquer coisa, puxou-me decidida. Tudo bem, pensei. E comecei a dançar. Ela me encarava, sorria. Eu tentava acompanhá-la. De súbito, aproximou-se do meu ouvido e perguntou se eu não queria me sentar. Achei engraçado; afinal eu mal começara a dançar. Para ela o tempo deveria ter outra dimensão. Tá legal, respondi.

“Você tem um queixo bonito”, disse ela, assim que nos sentamos.

“Obrigado.”

“Posso dar um beijo nele?”

Que garota rápida, pensei. Por que eu não era daquele jeito?

Ela beijou meu queixo e eu segurei sua cabeça. Beijamo-nos. Explorávamos, ora lenta, ora rapidamente, a boca um do outro. Puxei-a para o meu colo.

“Isso mesmo, rapaz! Vai fundo!”, disse Capeta, rindo alto.

Tentei não lhe dar atenção, mas, ao fazê-lo, creio ter feito exatamente o que me aconselhava. À nossa volta, as pessoas circulavam sem parar.

“Você tomou o chá?”, perguntei pra garota, que se chamava Fernanda.

“Só um pouco. E você?”

“Nada.”

“Por que você não bebe só um pouquinho? Vai ser legal.”

Ela me olhava tão apaixonadamente que não quis recusar. Como já disse, cabia ao destino resolver a questão. Fomos ao fogão. Ainda havia o suficiente para um copo. Após alguns segundos de vacilo, virei tudo num trago. O sabor era desagradável.

“Não precisava beber tudo!”, exclamou Fernanda.

Aquele tom de censura me preocupou. Ela precisava dizer daquele jeito? Percebendo minha inquietação, emendou:

“Tudo bem, cara”, e sorriu. “Relaxa que eu vou ficar com você o tempo todo.”

Minha perturbação, no entanto, triplicou quando vi que muita gente, não suportando alucinar entre quatro paredes, preferia arriscar-se a sair do apartamento. Teriam esquecido do toque de recolher? Meu Santo Daime! e agora?

“Fica tranqüilo que eu vou avisar o Crusoé”, disse a garota.

Fernanda encontrou-o no mezanino, sob os lençóis, acompanhado de Sexta-Feira. Por sorte estavam nas preliminares, ou, de tão loucos, não lhe teriam dado ouvidos.

“Xa comigo...”, disse Sexta-Feira, lacônico.

Vestido mais uma vez como a *Dama do Cerrado*, Sexta-Feira saiu correndo porta afora. Logrando ultrapassar todos os que se aventuravam pelo corredor e pelas escadas, atravessou a portaria fazendo estardalhaço. Pelo menos oito homens, incluindo o porteiro, saíram no seu encalço.

“É minha! É minha!”, gritavam.

Desta vez, ao assistir àquela cena, Crusoé não se conteve. Eu e Fernanda tentamos segurá-lo, mas, forte como era, conseguiu se livrar e meteu-se cerrado adentro, atrás dos perseguidores do amante. Estava louco de ciúmes, uivava, certamente sentia-se tal como um

lobisomem em busca de sangue. Desapareceu, pois, em meio à escuridão e conseguíamos tão somente ouvir seus gritos.

“Foda-se Don Juan! Foda-se Castañeda!”, ouvi Papillon berrar às minhas costas. Estava com a colombiana e dançavam no passeio que unia os dois blocos do CEU. Ela, com as pernas arqueadas e as mãos sobre a própria *chucha*, cantava algo em espanhol – “La cucaracha! La cucaracha! Ya no puede caminar!” –, e ele respondia numa língua própria. Riam até perder o fôlego, depois recomeçavam. O pátio, que deveria obrigatoriamente estar vazio e silencioso àquela hora, estava coalhado de gente. Alguns inclusive já passeavam sob o bloco A, admirando embevecidos tudo o que encontravam pela frente. Ouvia-se muitas risadas. De repente, vimos cerca de seis homens saírem da portaria do bloco A. Traziam carabinas de pressão e cassetetes.

“Todo mundo no chão, cambada! Todo mundo no chão!”, ordenava um deles.

Fernanda puxou-me pela mão:

“Vamos pro seu apê! Rápido!”

Eu, que já estava me sentindo demasiado estranho, a segui docemente. Disse-lhe o número do meu apartamento. Ela praticamente me arrastava. Achando tudo muito engraçado, comecei a rir. Na portaria do bloco B, um gaiato telefonava pro corpo de bombeiros. Segundo ele, já havia ligado pra polícia e pra emergência médica. Pra cada um contara uma história diferente, mas ria tanto que não conseguia nos dizer quais foram. Enquanto subíamos a escada, gritou-nos ainda que iria chamar a imprensa.

“Vamos logo, cara!”, repetia Fernanda.

No corredor do primeiro andar, havia muita gente jogada pelo chão. Alguns apenas observavam o piso liqüefazer-se e as paredes transformarem-se em belos mosaicos. Um olhava pro teto e gritava com nítido pavor, como se visse monstros. Outro, os olhos apertados, a testa

franzida, encolhia-se no chão como um feto. Mais adiante uma garota, extremamente pálida, dizia pro Capeta que estava muito mal e que tinha medo de morrer.

“Todo mundo morre um dia...”, consolava-a Capeta, com um sorriso.

Diante da minha porta, um casal chorava intensamente, abraçados. Senti um cheiro de vômito.

“Abre logo essa porta!”, disse Fernanda, nervosa.

Dei-lhe a chave, pois – como a porta pulsava feito coração – não a pude abrir. Quando finalmente entramos, ouvimos as palavras de ordem dum segurança ali no corredor. Fernanda suspirou aliviada. Ela estava mais linda do que antes. Algo me dizia que ela era uma dessas heroínas de desenho animado japonês. Um corpo magro e bonito, grandes olhos azuis, roupa brilhante coberta de mosaicos vivos.

“Minha heroína!”, disse eu, abraçando-a. “Você me salvou! Agora quero te aplicar na minha veia”, e caí na gargalhada.

“Para com isso, cara! Você quer que eles escutem a gente?”

Fiz bico, melindrado. Ela riu. Beije-a e ela me correspondeu. Puxava os cabelos da sua nuca, expondo seu pescoço às minhas mordidas. Comecei, então, a tirar-lhe a roupa, mas um som seco me interrompeu.

“Um tiro!!”, assustou-se Fernanda.

Corremos pra janela. Horrorizados, vimos que um dos seguranças, armado com um 38 surpreendentemente carregado, disparava aleatoriamente nos nossos companheiros. Estes, sem notar o perigo que corriam, ou permaneciam calmamente nas suas viagens individuais, ou se atiravam contra seus adversários como verdadeiros guerreiros bárbaros. Com aquele ataque, iniciou-se uma quebradeira. Pedras voavam pra todos os lados. Pessoas choravam e gritavam. Alguns prisioneiros, que nem sequer haviam participado da festa, uniam-se à batalha. Um dos vidros da janela do meu apartamento partiu-se

subitamente. A confusão era tanta que ainda não saberia dizer se aquilo fora uma pedra ou um tiro. De repente, um helicóptero. Voava baixo, aumentando o barulho e acrescentando uma ventania à baderna. O caos, antes tão temido, fora iniciado.

“É da televisão! É da televisão!”, gritou Fernanda.

“O quê?”, perguntei.

“O helicóptero!”

Ligamos a TV. Num canal, encontramos as imagens ao vivo da rebelião. Uma repórter narrava os acontecimentos: “...e quando os seguranças perceberam, eles já haviam iniciado os atos de vandalismo. O reitor informou que os culpados serão sumariamente executados. A polícia já se encontra a caminho do campus universitário, onde, usando de força se necessário, ajudarão na defesa do patrimônio da UnB...”

“Que canalhas!!”, exasperou-se Fernanda. “Não foram os estudantes que começaram o quebra-quebra.”

Eu não conseguia apreciar o caso com clareza. Meu pensamento voava a mil, sem parar em qualquer ponto. Estava chegando num estágio avançado da viagem. Os gritos vindos lá de fora me afligiam com pungência. Já não entendia o que a repórter dizia na TV. Além disso, sua imagem parecia-me tridimensional. Notando meu estado, Fernanda desligou o aparelho e me levou pro sofá. Também não queria que eu me aproximasse da janela.

“Relaxa, cara, por favor... Eu tô aqui com você”, ela disse.

“Mas eles estão matando todo mundo, Fernanda. A gente tem que ajudar. É a guerra! Eu nunca pensei que isto pudesse acontecer no Brasil, mas é a guerra!”

“Não é, não. É assassinato mesmo. Fica quietinho aí.”

“Mas...”

“Pára! Eu também tô com medo, será que você não percebe?”, disse ela, quase chorando. “Se você for, eu vou ficar aqui sozinha. Fica comigo, porra!”

De súbito, eu me senti dentro dum RPG. Mas extremamente real. Eu era um paladino, um Tristão que deveria proteger sua Isolda. Não poderia desapontá-la. Eu a abracei, protetor, fazendo cara de invencível e poderoso. Acho que, se ela tivesse visto meu rosto naquele momento, teria rido muito.

“Eu não vou sair, não fica preocupada”, disse, e, ao mesmo tempo, senti falta da minha espada. “Peraí.”

“Onde você vai?!”

“Já volto, calma.”

Fui até o armário do Papillon. Certamente ele teria uma espada. Era preciso apenas revistar minuciosamente cada canto e cada gaveta. Roupas, sabonetes, maconha, não. Camisinhas, bandeira do Peru, da Bolívia, não. Snorkel, nadadeiras. Será que ele costumava mergulhar no Paranoá?

Fernanda me seguiu:

“O que é que você tá procurando?”

“Uma espada”, respondi.

“O quê?! Tá maluco, é?”

Aquilo foi um balde d’água gelada. Como é que eu não havia me tocado antes? Sim, era verdade, eu estava maluco. Doidão de pedra. Seria bom, dali em diante, não esquecer disso. Caso contrário, eu me meteria em situações desagradáveis e até perigosas.

Fernanda segurou minha mão e me levou novamente para o sofá da sala.

“Vamos esperar. Uma hora tem que passar o efeito do chá”, disse ela.

“Parece que já acabou a guerra lá fora”, repliquei.

Com efeito, o pior parecia ter acabado. Ouvia-se eventualmente o motor do helicóptero. Mas já não sobrevoava aquela área. Pela janela, vimos que os repórteres e cinegrafistas estavam no chão, acompanhando de perto os fatos. Umas trinta pessoas estavam deitadas de bruços, mãos na cabeça e, vez ou outra, recebiam coronhadas na nuca e nas costas,

conforme chorassem ou gemessem. Alguns policiais auxiliavam na remoção dos corpos. Era terrível assistir a tudo aquilo. Sentia-me concomitantemente impotente e amedrontado. Fernanda, que parecia reprimir soluços, apertava a minha mão. Um homem, de gravata e terno cinza, começou a falar num megafone. Aquele não era outro senão o reitor:

“Graças à intervenção do governador do Distrito Federal, vocês não serão fuzilados. Contudo, receberão um castigo severo caso não denunciem o incitador de tão abjeto...”

Neste momento, gritos vindos do cerrado vizinho aos blocos interromperam o discurso do reitor. Ninguém, nem mesmo os repórteres, ousava manifestar-se. Todos permaneceram em silêncio, esperando a chegada do escandaloso visitante.

“É a voz do Crusoé! Parece que está apanhando!”, sussurrou Fernanda.

E de fato era o Crusoé. Estava algemado, os braços para trás e vinha escoltado pelo porteiro do bloco B e por mais dois seguranças. Seu rosto estava inchado, cuspiam sangue e parecia não compreender o que lhe passava. Às vezes erguia a cabeça, tentando observar seus captores pela fresta que restava sob uma das pálpebras intumescidas. O reitor mantinha uma expressão severa:

“Será que esse é o último?”, indagou com soberba.

O porteiro pensou na *Dama do Cerrado*, mas respondeu positivamente. Um dos seguranças agregou:

“Ele é o líder, Magnífico. Tudo indica que o motim começou no apartamento dele.”

O reitor ficou satisfeito por ouvir aquilo. Os cinegrafistas não perdiam uma cena sequer.

“Então já temos quem nos sirva de exemplo para possíveis futuros rebeldes...”

De repente, comecei a ouvir um estranho zumbido. Minha viagem parecia não ter fim.

“Fernanda, tô ouvindo um som esquisito. Será que meu cérebro tá derretendo?”

“Não diz besteira. Eu também tô ouvindo. Parece que é dessa árvore aqui na frente do apartamento vizinho.”

Chegamo-nos à extrema esquerda da larga janela do meu apartamento. Ali, trepado na árvore, pudemos reconhecer o Sexta-Feira. Ainda estava vestido de mulher, com peruca e tudo. Apuramos os ouvidos, ele parecia sussurrar alguma coisa:

“Vamos fugir, galera, daqui a pouco eles vão invadir e revistar os apartamentos.”

“Mas pra quê?”, indignou-se Fernanda. “Aqui é muito mais seguro e, além disso, eles não tem como provar que a gente tava envolvido. O Graciliano tá até melhorando da onda.”

“Só que você é uma intrusa, né garota. E se você não sabe, o Graciliano sabe que eles fuzilam os intrusos e quem deu guarida pra eles. Se vocês ficarem, tão fudidinhos...”

Nisto o Sexta-Feira tinha razão. Mas como sairíamos dali sem sermos vistos? Havia grades nas janelas e as outras saídas estavam sendo vigiadas.

“Vocês só têm que entrar no apê do Franz K. Tá logo ao lado, e de lá vocês podem passar pra essa árvore aqui.”

“Mas e a porta trancada e as grades da janela? Vai dar no mesmo...”, repliquei.

Sexta-Feira fez uma careta:

“O Franz era pirado, você não sabia? Sempre deixava a porta aberta. O maluco tava sempre injetando e sempre achando que ia virar barata. O apê dele nunca teve chave. Ele tinha medo de ficar preso lá dentro, ou de fora, e dançar. Tem umas grades soltas também. Há muito tempo que ele planejava fugir desta colônia penal.”

“E cadê ele?”

“Tá lá na beira do lago com o Steve McQueen. Eles estão terminando um túnel de fuga. Disseram que hoje eles finalmente vão acabar fugindo desse inferno. Eu voltei

pra buscar o Robinson. Ele matou dois caras. Pra mim esse lugar já era.”

Olhei pra Fernanda. Ela parecia amedrontada.

“Não tem outro jeito, cara”, eu disse.

“Então vamos.”

Demos uma última olhada na direção do reitor. A cena era praticamente a mesma. Havia uma única mudança: Crusoé estava sendo amarrado ao chão, de costas, com as pernas e os braços abertos. Saímos.

No outro extremo do corredor, havia um segurança armado. Parecia, por vezes, conversar com alguém na escada. Num destes momentos, aproveitamos sua desatenção para correr para o apartamento vizinho. Com efeito, a porta estava aberta. Entramos rapidamente. Meu coração parecia descompassado. De relance, vi uma barata enorme. Estava morta. Seria possível?

“Anda logo, galera”, sussurrou Sexta-Feira, pela janela. “Os miseráveis vão detonar o Robinson!”

Localizamos as barras da grade que estavam soltas. Cederam facilmente com um leve puxão. Agora era só passar pra árvore. Correr pro cerrado não seria difícil, afinal, todas as atenções estavam centradas no reitor e no Crusoé. Teríamos, porém, que ajudar Sexta-Feira a salvá-lo. Devíamos nossas vidas a ele.

Fernanda desceu até o tronco da árvore com grande habilidade. Parecia praticar aquilo como um esporte. Eu, reprimindo minha vertigem por lugares altos, fiz o melhor que pude, embora bem mais lento. Quando nos preparávamos para saltar ao solo, tivemos uma terrível visão. O reitor trazia um grande martelo na mão direita. À primeira vista, pretendia romper os ossos do coitado do Crusoé. Sexta-Feira estava quase em pânico. Havíamos descoberto porque o Capeta chamava o reitor de “Rei-Thor”.

“Fica frio, Sexta-Feira!”, comecei. “Acho que não vamos ter chance contra esse exército.”

Mal terminei a oração e o reitor, após erguer a marreta acima da própria cabeça, desferiu um forte golpe nos colhões do Crusoé, o qual, após um ligeiro estremecer, desmaiou de dor. Sexta-Feira não resistiu àquela visão. De um salto – e sem que tivéssemos a oportunidade de impedi-lo – largou-se aos berros na direção do reitor.

“Meu Deus”, exclamou Fernanda.

“Caralho!”, acrescentei, a mão sobre o próprio.

Todavia, antes que Sexta-Feira atingisse seu alvo, o porteiro do bloco B, acompanhado por policiais e seguranças, avançaram sobre a *Dama do Cerrado*. O porteiro, particularmente, parecia excitadíssimo. Finalmente descobriria a identidade da desejada ninfa.

“Me larga, seus filhos da puta!!”, bradou Sexta-Feira com inusual voz de barítono.

O porteiro ficou boquiaberto. Um policial arrancou a peruca do nosso amigo, deixando à mostra sua cabeça raspada. Seguiu-se uma cena inesperada: o porteiro começou a gritar histericamente, deu um forte soco no estômago do Sexta-Feira, e saiu desvairado, correndo cerrado adentro. Era a nossa chance. Já não podíamos fazer absolutamente nada. Pulamos pro chão e, sem que ninguém nos visse, penetramos na mata fechada atrás do bloco. Apesar do escuro, precisávamos atingir o lago.

“Meu Deus! Meu Deus!”, repetia Fernanda.

Com medo de nos encontrarmos com o porteiro, demos uma volta muito grande e nos perdemos. Chegamos numa pista abandonada, que fora utilizada durante a construção do lago Paranoá, e seguimos à esquerda. Por ali tínhamos mais chances de esbarrar no tal túnel construído pelo Franz e pelo Steve. Tínhamos que nos apressar, em breve o sol apontaria no horizonte, por sobre o lago. Se quando houvesse luz ainda estivéssemos ali, seríamos facilmente capturados.

“Isso é maluquice, Graciliano! Pra onde é que esse túnel levaria a gente? Pro fundo do lago? Tá todo mundo

tão louco quanto você estava, quando procurava aquela espada.”

Eu já me sentia completamente normal. Mas sabia de uma coisa que a Fernanda não sabia:

“Fernanda, o Steve e o Franz são loucos em tempo integral. É mais fácil a gente encontrar esse túnel do que um dia atravessar o tal canal da mancha naquele trem...”

“É melhor a gente tentar chegar no Minas Clube”, contestou.

“Relaxa, Fê”, disse eu, beijando-a e preparando um trocadilho. “Tenha fé.”

“Putz, cara, não começa com esse papo não...”, disse, preocupada.

De súbito, enquanto caminhávamos, avistamos uma fraca luz sob uma árvore próxima ao lago. Decidimos nos aproximar sorrateiramente. Talvez fosse um dos nossos salvadores. Precisávamos arriscar. Se fosse o porteiro, bastava dar-lhe as costas e nos mandar.

“Ré, ré, ré, ré...”, ouvimos. Era uma risadinha fanhosa e tétrica. Aproximamo-nos mais. Lentamente.

“Chega mais, galera”, repetiu a vizinha satânica; e, assombrados, deparamo-nos com o Capeta em pessoa, o qual, tal como um ginete, estava sentado sobre os ombros do porteiro do bloco B, apoiando-se na sua cabeça. Este, por sua vez, estava com uma língua enorme pra fora, pendurado num dos galhos da árvore por uma corda presa ao pescoço. Capeta tinha uma pequena folha de papel numa das mãos e uma vela na outra.

“Escuta só, galera”, tornou ele, rindo. E leu: “*Minha Dama do Cerrado/ Ainda irei alcançar/ Sem ela dá tudo errado/ Por isso a vou desposar*”, e, ao terminar, deu uma gargalhada estridente.

Eu não sabia o que dizer. Estava pasmo. Fernanda apertava minha mão com toda a energia que lhe restara. Seus olhos quase saltavam das órbitas.

“O cretino era poeta, veja você”, prosseguia Capeta; e balangava-se naquele corpo inanimado como se estivesse

num balanço. “Ele escrevia quadrinhas, o Pessoa da portaria. Tu já tinha notado isso, Graciliano?”

“Não”, gaguejei.

“Pois era, o safado...”, e ria. “Sabe que esse bicho nunca anotou um recado pra mim quando tínhamos telefone? Tampouco guardou as cartas que eu recebia naquela época. E o babaca tava apaixonado pelo Sexta-Feira!”, e tornou a gargalhar com mais força. Eu nunca havia presenciado imagem semelhante. O Capeta gargalhava e movimentava-se pra cima e pra baixo, cavalgando os ombros do enforcado. Um horror...

“Aiou, Silver, em frente...”, gritou e, de repente, ouvimos um estouro. Diante dos nossos olhos, em meio a uma língua de fogo, vimos o Capeta evaporar no ar. Sentimos o infame cheiro de enxofre. Bem, aquele cheiro forte e incômodo só poderia ser disso. Eu não era estudante de química ou adepto do satanismo para ter certeza. A Fernanda estava paralisada, o olhar perdido algures.

“Vamo, Fê! A gente tem que achar o túnel”, insisti.

“Claro, claro... Ele tá por aí, sim... A gente vai encontrar”, murmurou ela.

Em pouco mais de quinze minutos, encontramos o buraco. Estava ali perto e, quando o vimos, já fomos nos metendo. Nada mais podia nos impressionar. Era a coisa mais natural do mundo atravessar o lago Paranoá por baixo. Aposto que éramos os únicos habitantes do Plano Piloto que ainda não o havíamos feito. No chão, em meio à lama, havia algumas pontas de cigarro, indício de que Steve McQueen realmente passara por ali. Era muito escuro ali dentro, havia goteiras, mas como o túnel não possuía desvios ou acessos secundários, não havia como nos perder. Seguíamos lentamente, parando vez ou outra para nos certificar de que era seguro continuar a travessia. Fernanda estacou algumas vezes, temendo um desabamento. Na verdade, ela tinha horror à escuridão e a lugares apertados.

“Faça de conta que estamos nascendo novamente”, eu dizia.

Continuamos a caminhada e, ao fim de quase duas horas, enxergamos luz. Era a famosa “luz no fim do túnel”. Agora faltava bem pouco. Naqueles últimos momentos, fiquei imaginando há quanto tempo aqueles dois loucos estariam escavando aquela passagem para fora do campus universitário. Era evidentemente um trabalho para um fôlego insano. E nós nem sequer os tínhamos visto. Eles estavam, segundo nos dissera Sexta-Feira, algumas horas à frente.

“Você ouviu isso?”, perguntou Fernanda.

De fato, ouvíamos vozes. Vinham da luz. Provavelmente encontraríamos o Franz e o Steve ali na saída. Pelo menos não seríamos os únicos a conseguir fugir.

Quando chegamos ainda mais perto da luz, também ouvimos som de água, como uma cachoeira. Uma vez na saída, coloquei a cabeça pra fora do buraco e tentei localizar onde estávamos. Para minha surpresa, o túnel desembocava por trás de uma pequena queda d’água, uma espécie de cascata. Teríamos chegado nalguma espécie de parque? Teríamos, em tão pouco tempo, atingido o Jardim Botânico? Decidi investigar mais acuradamente. Metendo a cabeça através da água, vi que estávamos tão somente no quintal da casa de algum *nouveau-riche*. Era uma dessas casas sem estilo definido, bastante grande e de extremo mau-gosto. Provavelmente estávamos numa das Mansões do Lago, ou coisa assim. Mais ao fundo havia um deque sobre o qual descansava um jetski. Era um ângulo do lago Paranoá que eu jamais vira antes. O sol já havia nascido. Quando me preparava para chamar a Fernanda, voltei a ouvir as vozes. Ocultei-me.

“Mas, senhor ex-presidente, eles devem ser espões dos seus detratores. Estou seguro de que eles apenas procuravam informações que prejudicassem sua nova candidatura à presidência.”

“Estou cercado por paranóicos! Se não me livrar de vocês, acabarei me contaminando. Você não percebe que estes dois são apenas dois jovens estudantes? Com toda certeza fugiram a nado do campus da UnB.”

“Com todo respeito, senhor”, continuou o primeiro homem, “eu não ficaria tão tranqüilo. Isto tudo pode desembocar num Watergate prematuro. Eles podem muito bem ser um Woodward e um Bernstein juvenis.”

“Estes são apenas dois pobres loucos. Você não vê? Um deles até se diz chamar Steve McQueen...”

“Quem?!”

“Não importa. Eles são loucos, apenas isso.”

“O senhor agora é psicólogo?”

“Vamos dizer que eu apenas sei muito bem o que é a loucura...”

O outro resignou-se:

“O.K., senhor ex-presidente. Vou chamar o reitor da UnB. Talvez o senhor tenha razão.”

“Claro que tenho”, respondeu com empáfia. “E, a propósito, coloca uma fita do Pink Floyd lá no aparelho de som da solitária. Põe *The Wall*. Talvez com isso eles fiquem mais mansos.”

“Sim, senhor.”

Pude observar os dois se afastando. Sinceramente, naquele momento, eu não tinha a menor idéia do local onde havia me metido. Só pensava numa coisa: o chá de cogú deveria ter efeito perene. Não precisaria voltar a experimentá-lo. Na verdade, precisava era de outra coisa.

“Fê, vem se limpar da lama.”

Ela se aproximou, fechou os olhos e eu, com as mãos em concha, despejei água no rosto dela. Tirei sua blusa. Comecei a banhá-la. Ela estava ofegante.

“Talvez a gente não consiga sair daqui, não é?”, perguntou.

“Talvez...”

Tirei sua calça, depois a calcinha. Ela era uma beleza. Puxei-a para o meu colo, como fizera no começo da festa. Mas desta vez estávamos nus. Aconcheguei minha cabeça nos seus seios. Viajava. Dia mais louco aquele. Ai se o ex-presidente soubesse...

Por fim, após tanto banho, precisávamos sair. Além de tudo, estávamos com fome, muita fome. A casa era guarnecida por altos muros e, sendo a casa dum político, provavelmente teria seguranças. A única saída era novamente o lago. Mas, o que fazer? O jetski, claro. O que mais? Decidimos que eu iria até o veículo e tentaria ligá-lo. Quando o fizesse, Fernanda viria correndo e fugiríamos.

Após me certificar de que não havia cães, passei pra execução do plano. Excetuando o fato de que eu nunca me aproximara dum jetski antes, até que foi fácil. Dei a partida, Fernanda veio correndo e, com exceção duma moça loira, dentuça e de olhos arregalados, — que gritava “Fernando! Fernando!” — ninguém mais viu nossa fuga. Livres! Finalmente livres. Fomos até o Pontão do Lago Sul e, ali, abandonamos o veículo. Compramos uns três cachorro-quentes cada, secamo-nos ao sol e pegamos uma carona até a Asa Sul, onde a Fernanda morava.

No apartamento dela – no qual residia sozinha – passamos uma semana nos recuperando e voltando a nos cansar. Lembro de sentar-me à escrivaninha – único móvel da sala, além do som, do tapete felpudo com almofadas e duma tela na parede – e de tentar escrever algo sobre o ocorrido. Não saía nada. Não fizera a digestão dos fatos. (Coisa que eu só conseguiria anos mais tarde, após perder-me entre os concretos e asfaltos de outra cidade.) Além disso, tampouco sabíamos o que fazer da vida. Após todos os acontecimentos, agora finalmente narrados, tanto eu como ela – que, mesmo sem morar, estudava naquela

universidade – não voltamos a pôr os pés ali. Naquele dia, à escrivaninha, li: *A aprendizagem que me deram/ Desci dela pela janela das traseiras da casa*. Sim, fora isso, mas não queria, naquele momento – como no poema – voltar ao campo. Era penoso sentir tal coisa, mas eu realmente não tinha nenhum grande propósito e, após tanto susto em meio ao cerrado, estava cansado de ervas e árvores. Hoje, quando penso em tudo o que aconteceu, sinto que vivi um sonho. Não um pesadelo, a Fernanda foi um argumento forte contra tal idéia. Simplesmente um sonho, um sonho experienciado, real, palpável. Tão palpável que sei que algum outro Steve McQueen está por lá, provavelmente numa solitária do departamento em que estuda, brincando com um vídeo-game de mão, atirando contra naves inimigas. Eu sei que ele tentará fugir de novo, eles sempre tentam. Com respeito a outro Franz K, já não estou tão seguro. Segundo a informação que recebi na época, o Franz, que conheci, fora preso a uma mesa de uma das salas do prédio da reitoria. Disseram-me que o reitor desejava testar uma nova máquina nele. Uma geringonça semelhante a uma grande máquina de costura, que – através de inúmeras agulhas – escreve na pele do estudante o tipo de comportamento que ele deve ter. Disseram-me que era daquela multinacional, a *Skinner & Behaviorists Incorporation*, e que tinha o efeito semelhante ao da mídia. Não sei bem, não entendo dessas coisas. Da mídia, aliás – naquela ocasião – lembro-me apenas que, apesar de tentar jogar a opinião pública contra os estudantes, acabou apenas por atingir um efeito contrário. Segundo as rarefeitas estatísticas – “rarefeitas” é atributo da estatística e não aspecto eventual – a população condenava vigorosamente a violência da repressão, achava que deveria ser usado algum castigo mais rápido e indolor. Mas como já assinalei, a opinião pública é apenas fumaça, indício de incêndio. Não é e jamais será extintor de pó-químico ou mesmo pá de areia. Quando o incêndio foi

controlado, as negras vagas de fumo deliram-se rapidamente.

Eventualmente vem à minha consciência a idéia de que não era necessária tanta estripulia para fugir. Talvez eu devesse ter saído com minha roupa listrada até um shopping center e, ali, ter comprado, ou mesmo roubado outra roupa. Mas não, precisei enlouquecer para ver que já estava louco. Não via que as grades da prisão estavam dentro da minha própria cabeça. Um Steve sobrevive ali porque não tem grades na cabeça. Só são um tanto azarados. E, afinal, eles gostam dali, são estudiosos, têm um espírito crítico e independente. Mesmo sabendo que podem ir até um shopping, trocar de uniforme, preferem alucinar os demais acadêmicos. São pessoas assim que se tornam eminentes ali dentro.

Disseram-me ainda que o jardim, entre os blocos do alojamento, é hoje totalmente coberto de flores. Ali também repousam agora Papillon, Crusoé e Sexta-Feira, saudosos amigos. Outro dia, aliás, recebi um postal da Colômbia. O tal *problema* que Papillon tivera com a namorada já iria completar dez anos de idade. A mãe me diz que é uma menina *muy chévere y guapa...* Penso ainda no Gulliver. Num governo burro e totalitário, as melhores cabeças são sempre as primeiras a rolar. Pouco importa se a ação iníqua é praticada por pretensos democratas. Um sistema que se arrola democrático, sob o julgo dum sistema maior e totalitário, não pode ser democracia. Principalmente se tal sistema totalitário for a mera *idéia de democracia*. Em geral as idéias são vermes que habitam as tripas do cérebro. Quando há uma única e fixa, ou seja, uma encéfalo-solitária, assistimos ao nascimento dum utopista e deste pro fascista ou pro assassino falta um pulinho. Bem, tampouco entendo de política... Pelo menos sei que o Capeta ainda anda por ali. É bom que aquele lugar seja sacudido vez ou outra. Só assim as falsas

construções, assim como as más fundações, podem ser reveladas. E se, para tanto, aquela ilha não tem terremotos, que continue sendo no mínimo a Ilha do Capeta.

*Graciliano Matos – Brasília, 1º de abril de 2001.*

## Marco Aurélio

“Papai, por que meu nome é um nome brasileiro?”, perguntou Marco Aurélio.

“Seu nome não é brasileiro. É romano. Foi o nome de um imperador romano.”

“Aaaah...”

Foi a primeira vez que Marco Aurélio sentiu que seu destino seria glorioso. Tinha três anos de idade e havia recentemente se mudado, com os pais adotivos, para o Brasil. Era marroquino. Mas a mãe era canadense e o pai alemão. A globalização em termos domésticos.

Aos quatro anos, quando transformou um forno de microondas estragado num secador de cabelo, Marco Aurélio tornou notória a inclinação de seu gênio pelo campo da tecnologia. Tornou-se, no colégio, um renomado c.d.f. Durante as provas de física e matemática, metade dos colegas sentava-se atrás de sua carteira. Para colar. Os demais eram pisoteados na tentativa de uma maior aproximação.

“Marco Aurélio, por que você está deitado sobre a prova?”, perguntava a professora.

“Não dou cola! Não dou cola!”, ele berrava.

Quase não saia na rua. Não tinha amigos. Sua única distração eram os computadores e os vídeo-games. Uma vez, aos treze anos, conseguiu interligar um Atari, um Telejogo e um Mega Drive. Conseguiu, assim, colocar o Pac-Man pra jogar tênis com os lutadores do Street Fighter. De tão recluso, permaneceu virgem até os vinte e oito anos, quando arranhou um encontro com uma garota de doze anos que conheceu num chat da internet.

“Marco Aurélio, é você que tem que usar essa camisinha.”

“Ah...”

Ainda aos dezesseis anos, quando terminou o segundo grau, conseguiu ser um dos únicos quinze estudantes, de todo o mundo, a ganhar uma bolsa de iniciação científica da Nasa. Os primeiros elefantes a pisar no solo marciano usavam trajes espaciais desenvolvidos por ele.

Marco Aurélio graduou-se em ciência da computação e em engenharia eletrônica. Resolveu tornar-se um pesquisador e seguir a vida acadêmica. Ingressou, portanto, na Universidade de Brasília onde pretendia obter o grau de mestre. Sua tese de mestrado discorreria sobre a inteligência artificial e as incríveis conseqüências da evolução técnica neste campo. Queria provar como o computador, ao tornar-se tão evoluído e complexo, podia mentir em seus dados e resultados, pelo simples e pícaro prazer de sacanear o usuário. Podia, também, para poder tirar uma folga voluntária, alegar uma falha técnica. Era a *cyber-malandragem*.

Mas a vida de Marco Aurélio sofreu uma reviravolta repentina. O governo brasileiro privatizou suas universidades públicas e a UnB foi comprada pela Disney. Não que Marco Aurélio não pudesse pagar as despesas do curso. Além de possuir uma bolsa de mestrado, seu pai era muito rico. O problema foi a biblioteca. Por ser um tradicional ponto de encontro dos estudantes, decidiram transformá-la num misto de castelo da Cinderela e área de lazer de shopping center. Claro, e também de biblioteca. Marco Aurélio já não conseguia estudar naquele lugar. Aquilo era um inferno. Quando inauguraram a pista de patinação no gelo, no subsolo, em frente aos banheiros, ao xerox e ao Mac Donald's, estudar ali tornou-se impossível. Quando alguém se esborrachava no gelo, as vaias e gritos ecoavam por toda a biblioteca. Marco Aurélio precisava tomar uma providência. Seria necessário recorrer a outros seres humanos. Que horror!

Ele encontrou os aliados ideais no grupo de estudantes de artes cênicas conhecido como *O Teatro*

*Terrorista*. Eram recalcitrantes natos. Após elaborarem um eficiente plano estratégico, invadiram a biblioteca. Mas não deu certo. O grupo uniu-se à balbúrdia geral.

“Ih!! Caiu! Uuuuh...”, gritavam à beira da pista de patinação.

Marco Aurélio entrou num conflito íntimo. Aquele grupo de protesto apenas tornara especializado todo o caos reinante. Aquilo era um paradoxo. Era como matar alguém porque esse alguém matou alguém. Era como encher um computador com programas complexos de difícil entendimento para realizar tarefas simples. Este seria, futuramente, o tema da sua tese de doutorado, a qual entraria pra história com o pomposo nome de *O Paradoxo Primordial de Marco Aurélio*.

Logo, Marco Aurélio desistiu. Entrou em depressão. Já estava prestes a abandonar a vida acadêmica quando, então, numa árida segunda-feira, deparou-se, no acervo geral da biblioteca, com um conjunto de máquinas que o eletrizaram. Eram consoles de vídeo-game para realidade virtual desenvolvidos pela Silicon Graphics. Marco Aurélio escolheu um jogo de guerra na lua. Era algo sobre astronautas em luta com bois mutantes vitimados pelo cézio-137 de Goiânia. Marco Aurélio colocou a data-roupa, as data-luvas e o data-capacete. Depois saiu com uma data-metralhadora atirando em inimigos virtuais. Corria freneticamente pelo acervo geral, gritando, derrubando mesas, livros e outros alunos.

“Ô panaca, tem gente querendo estudar!”

“Alguém joga um livrão nesse desgraçado!”

Mas não adiantava. Marco Aurélio não ouvia. Estava no mundo da lua.

## O Culturaholic

Na fauna de Brasília Narciso configurava-se como uma de suas espécies mais típicas. Era um desses fervorosos consumidores de eventos culturais, um viciado em vernissages, concertos e recitais de música erudita, lançamentos de livros, mostras de cinema, novíssimas montagens cênicas de dramaturgos consagrados, shows de rock de bandinhas cabeças, etc., etc. Era freqüentador mais que assíduo do Teatro Nacional, do Cine Brasília, do auditório da escola de música, do Espaço Cultural da 508-sul, do Café Belas Artes, do Teatro Dulcina, da Casa do Teatro Amador, do Itamarati, das diversas galerias e bares *in* do Plano, além de toda e qualquer recepção promovida pelas embaixadas estrangeiras radicadas na cidade. No entanto, todos compartilhavam a opinião de que Narciso era um tremendo chato, uma figura insuportável. Afinal, por mais variados que fossem os assuntos que desenvolvia – de Nietzsche a Wim Wenders, passando pelas melhores marcas de charutos – intrinsecamente expunha sempre o mesmo tema: o quão culto ELE era.

Uma noite, após haver assistido à apresentação dum quarteto de jazz no Antro – o centro acadêmico de antropologia da Universidade de Brasília –, Narciso flanava distraidamente diante dos bares da comercial 109-sul. Ao passar em frente ao Beirute, não percebeu que, numa mesa próxima, seus cinco ocupantes ocultavam-se atrás dos cardápios.

“Ele tá olhando pra cá! Ele tá olhando pra cá!”

“Relaxa, cara, senão ele vê a gente!”

Narciso não os viu. Mas ouviu Eco, que estava sentada numa mesa ao lado daquela.

“NARCISOO!!”

Eco era uma ninfetinha linda, muito divertida até, mas extremamente pueril e fútil, o que muito irritava Narciso. Tinha este apelido pois costumava gritar em ambientes muito amplos para o ouvir o eco de sua própria voz. Era muito escandalosa.

“NARCISOOO!!!”

“Ah, não! Lá vem ele.”

“E aí, moçada?”, disse Narciso, reconhecendo a turma. “Não adianta se esconderem da Eco que ela sempre encontra todo mundo. É um saco...”

“É”, replicou um.

“Um saco”, acrescentou outro.

“Oi, Narciso”, disse Eco beijando-o. “Oi, gente!”

“Oi, Eco”, responderam todos pelas frestas dum unânime sorriso amarelo.

Eco, pois, convidou Narciso a acompanhá-la até a Itaú-galeria. Lá haveria um vernissage duma já badalada artista plástica local. Ela estava abrindo sua terceira exposição. Trabalhava com vídeo-arte e sua série de instalações intitulava-se *Reflexos*. Narciso, apesar de o convite partir da chata da Eco, ficou muito interessado. Prometeu – “acorrentado”, pensou ele – irem juntos, depois de beber algo com os amigos. Sentou-se. Na mesa, onde imperava um silêncio fúnebre, todos suspiraram.

“Hmm...”

Aproveitando aquela brecha calada, Narciso principiou sua análise da apresentação do quarteto de jazz. Demonstrou minuciosamente o porquê de os integrantes daquela banda serem limitados. Até que se defendiam bem no *bebop* e no *cool*, mas quando tentaram tocar *Tomaas*, de Miles Davis, explicitaram sua ignorância e incapacidade para compreender uma música verdadeiramente modal e descentrada.

“Tocaram como se todo o desenvolvimento estivesse baseado numa tônica fixa presente, o que é uma falácia, pois todos sabem que é ausente.”

Ninguém se manifestou. Afinal não sabiam nada daquilo. Tinham apenas o íntimo desejo de que ausente estivesse o chato do Narciso.

“Hmm...”

Depois, Narciso narrou o jogo de xadrez que jogara aquela tarde. Descreveu todos os movimentos, tim-tim por tim-tim. Seus brilhantes olhos cintilavam ainda mais:

“Usei aquela abertura clássica – a mais banal de todas – e o cara não percebeu. Vi logo que aquele jogo estava ganho. Era um imbecil, coitado...”

Neste momento todos queriam dar um xeque-mate naquela entidade ali presente. Quando já estavam próximos do desespero, veio a *dama* e arrebatou Narciso.

“Vamos!”, disse Eco empolgadíssima.

“Vamos”, respondeu o resignado *rei* da mesa.

O alívio foi geral. Duro seria ter que agüentar novamente aquele figura noutra dia – e como costumavam dizer – no mesmo bat-local, na mesma bat-hora. Onde é que o vagal arranjava tempo pra se instruir? Que angustioso praqueles cinco amigos suportar a ignorância entalada na garganta...

O Itaú-galeria estava cheio de culturaholics. Parecia um encontro dos C.A. – os Culturaholics Anônimos. Mesmo que não conhecesse o nome de todos os presentes, Narciso já os cumprimentava com um discreto movimento de cabeça. Naquelas ocasiões, sempre havia um clima de confraternização. Afinal, compartilhavam do mesmo vício.

Narciso ficou encantado com a exposição. Agradou-o sobremaneira uma instalação com o subtítulo: *O Quarto de Espelhos*. Aquilo lhe pareceu perfeito: “*Reflexos – O Quarto de Espelhos*”, repetia para si. Tratava-se dum pequeno cubículo cujas paredes, teto e chão estavam cobertos por monitores de TV. Cada uma das faces em que se depositava o olhar continha uma câmera oculta, que reproduzia a imagem do observador indefinidamente. Narciso, deslumbrado, perdeu a noção do tempo.

“Ô, cara, tem gente querendo entrar também!”

Saiu decidido a conhecer a artista. Manifestou o desejo a um anônimo companheiro de vício.

“Laguna, ela se chama Laguna. Peraí que eu vou te apresentar a figura.”

O companheiro voltou acompanhado pela artista.

“É... Hmm...”

“Narciso.”

“Claro... Que cabeça a minha. Narciso essa é a Laguna.”

Mal apertou a mão da garota e já começou a elogiá-la. Disse o quanto fora enlevado por aqueles trabalhos, o quanto apreciava a sua sensibilidade e o profundo e atualíssimo senso estético que possuía. Ela o encarava fixamente, deslumbrada com tanto entusiasmo. Narciso enveredou, então, por um discurso sobre estética pós-moderna. O rapaz que os apresentou, entediado, afastou-se. E, no entanto, Laguna seguia presa dos olhos de Narciso. Felizmente, era surda-muda.

Quando Eco percebeu o estrago que causara ao levar Narciso até ali, fez o que pôde pra remediar a questão. Mas foi em vão. Ele a ignorava. Laguna, por sua vez, apesar de explicitamente enfeitada, não fazia o tipo ciumento. Por mais que Eco se pendurasse no pescoço de Narciso, tentando levá-lo dali, Laguna permanecia impassível. Impassível e apaixonada.

Principiou ali um intenso romance. Narciso e Laguna foram morar juntos. Ele a incentivava e a admirava cada vez mais. Embora ela jamais ouvisse as coisas que ele dizia, adorava contemplá-lo durante seus solilóquios. Nestes momentos, ela o observava tão embevecida que Narciso chegava a esquecer que era surda. Quando ele percebia a cena absurda, tentava passar tudo pro papel para que ela lesse. Mas como era um inveterado culturaholic – desses que não tem tempo para si mesmos mas apenas para as obras alheias – não conseguia escrever nada. Como tampouco sabia fazer qualquer outra coisa. Conhecia a abertura *benoni* no xadrez. Mas... e daí?

A primeira providência tomada por Narciso no lar comum, foi reservar todo um quarto pra obra que mais amava: *Reflexos – O Quarto de Espelhos*. Todas as tardes, quando chegava do trabalho, passava horas inteiras ali dentro, admirando aquela profusa multiplicação da sua própria imagem. Era indescritível aquela sensação...

Numa fria noite de julho, Laguna chegou em casa com todo o silêncio e tranqüilidade que lhe eram inerentes. Antes porém que fechasse a porta, sentiu um forte cheiro de queimado. O que seria aquilo? Narciso certamente havia deixado uma ponta de cigarro cair no carpete. Foi seguindo o incômodo odor. Ao chegar no *Quarto de Espelhos*, sobressaltou-se. Além de os monitores de TV estarem rotos e chamuscados, sentia um cheiro de carne tostada. Horrorizada, encontrou o corpo de Narciso semi-carbonizado em meio a fios descapados, cacos de vidro e plástico derretido. A única coisa intacta era uma flor, um narciso, que ele trazia ridiculamente presa à lapela do paletó. Não suportando a visão, Laguna desmaiou.

No dia da missa de sétimo dia de Narciso, à porta da igreja, Eco encontrou Laguna, que chorava copiosamente. Embora alimentasse um rancor pungente por aquela que lhe roubara o ser amado, Eco sentiu o coração confranger-se ao ver o sofrimento da moça. Sentindo a necessidade de se compadecer com Laguna, aproximou-se.

“Não fique assim, cara. Narciso não ia gostar de te ver assim tão triste.”

Laguna, claro, não ouviu necas. Embaraçada, Eco desistiu de tentar dizer qualquer coisa através de gestos e repetiu a última frase usando caneta e papel. Após a leitura, Laguna intensificou o pranto e atirou-se nos braços de Eco, que, por sinal, sentiu uma pontinha de satisfação sádica. Aquele pérfido sentimento a animou. Tornou a pegar o papel e a escrever nova mensagem: “Eu sei que você amava Narciso, amava sua beleza e as coisas

lindas que ele dizia. Mas você não apenas precisa como vai superar tudo isto.”

Laguna leu e as lágrimas estancaram instantaneamente. A expressão dolorida, colada antes ao rosto, transmutou-se para um ar de surpresa. Pegou o papel e começou a garatujar algo. Eco estava curiosa com a repentina mudança. Leu: “Você achava o Narciso bonito? As coisas que dizia eram belas?”

Eco franziu a testa: “Claro que sim! Sim para as duas perguntas”, anotou.

Laguna pegou a caneta: “Sabe que eu nunca havia reparado em nada disso?”

Eco ficou pasma. Não sabia o que dizer. Ficou olhando a outra com os olhos arregalados. Seria possível?

Laguna tornou a escrever: “Eu gostava do Narciso porque ele era o único que realmente gostava das coisas que eu fazia. Eu adorava ver o efeito que minhas obras tinham sobre ele.”

Eco estava chocada. Ela que tanto amou aquele homem, seu corpo, suas palavras – era a única que admirava sinceramente tudo o que Narciso dizia – o perdeu para uma mulher insensível que nunca reparara nele. Aquilo era o fim. Sem poder se controlar, deu um tapa no rosto de Laguna. Entre lágrimas xingou-a de todos os nomes feios que lhe vinham à cabeça. Pouco importava se a outra era surda ou não. Laguna limitou-se a se espantar muito. Por fim, Eco fugiu correndo.

Ainda naquela tarde, tomada por desespero, Eco dirigiu-se até a barragem do Lago Paranoá. Em prantos, repetindo o nome daquele que amava, subiu na amurada que dava para um amplo vale. Olhou para trás despedindo-se do lago represado e do sol poente. Aquela visão lembrou-lhe um filme que vira na TV. E esta lembrou-lhe as instalações de... Laguna! Sentindo a boca amarga, atirou-se lá embaixo, nas pedras. Contudo, ela não morreu. A barragem não era assim tão alta. Ainda hoje, qualquer pessoa que ali gritar, na direção do vale,

ouvirá a resposta de Eco. Ela ainda chora por Narciso. E pede por socorro.

## Frida

Desde criança Frida sempre se interessou pelos mistérios que cercam a vida humana. A morte, a alma, a magia, a reencarnação, a astrologia, Deus, a cabala, o sufismo, os ovnis, a alquimia, o intrincado funcionamento de um computador, tudo a deixava intrigada e deslumbrada ao mesmo tempo. Mas o que mais atiçava sua curiosidade era descobrir quem ela realmente era – o mistério do autoconhecimento. Quando pequenina, Tábatha, sua mãe, lia estórias maravilhosas de fadas, princesas, bruxas, príncipes e dragões para ela. Aos quatro anos, Frida tinha certeza: era uma princesa. Aos oito começou a achar esse negócio de princesa uma chatice, ficar ali a eternidade toda, sem fazer nada, esperando um príncipe cair dos céus. Que bobagem! Legal mesmo era ser fada, ter asas, voar e fazer mágicas com uma varinha de condão. Na puberdade descobriu que o mundo todo era uma merda, a começar por seus pais, que não quiseram deixá-la fazer uma tatuagem nas costas. Desistiu de ser fada e percebeu que seria foda. E só então descobriu o que realmente era: uma bruxa.

Agora Frida passava os cinzentos dias de sua adolescência trancada no quarto, ouvindo *Enya* e *The Doors*, queimando – entre outras coisas – incenso e lendo tudo o que lhe caia nas mãos sobre feitiçaria ou qualquer outro tipo de crença ou ritual mágico pagão. De tanto imiscuir-se nesse gênero de estudo, decidiu, à época do vestibular, ingressar no curso de Antropologia da Universidade de Brasília. Não poderia ter feito melhor escolha. Aquele curso – o estudo do ser humano – contribuiria na lapidação de sua alma e traria à tona seus mais ocultos poderes.

Samantha, sua avó, indignou-se:

“Por que é que essa menina não pára com essa mania atávica e não vai estudar algo que presta? Como, por exemplo, nutrição ou pedagogia?”

“Ora, mamãe...”, contestava Tábatha. “Os tempos mudaram, deixa a menina fazer o que bem entender.”

“Humf! Se o James ainda estivesse vivo...”, resmungava a velha.

Coloridos foram os dias da juventude de Frida. Viajou muito. Geográfica e psiquicamente. Viveu com os índios Krahô. Aprendeu a fazer cerâmica e outros gêneros de artesanato. Aproveitando o grande espaço disponível, colocou vários brincos em cada orelha. Tornou-se uma experta em culinária natural e macrobiótica. Conhecia a Chapada dos Veadeiros, a dos Guimarães, a Diamantina e a costa brasileira como as ervas do quintal da sua casa. E o principal: aprendeu a conectar-se com as energias do cosmos e, assim, descobriu que não existem coincidências e acasos. Tudo na vida é significativo.

“Acho melhor você não pegar esse avião.”

“Ué, Frida, por que não?”

“Eu acabo de ver uma borboleta azul...”

“E daí?”

“Vai por mim”, concluía Frida com olhar penetrante, “pega outro avião.”

Ninguém contrariava Frida. Não na sua frente, claro, nem todos são néscios. E sim, ela parecia ter acesso aos arcanos e segredos do universo. Parecia...

Mas foi no primeiro domingo de dezembro do ano de 1994, que, na feira de trocas de Olhos d'Água, Frida teve uma revelação. Enquanto caminhava por entre os variegados objetos expostos na feira, seus olhos se encontraram com os olhos de um coelhinho cinza-azulado. Alguém lhe dissera, certa feita, que dificilmente um coelho encara uma pessoa. Aquilo lhe pareceu tanto mais significativo se se tomasse em conta o que tinha em mente naquele exato instante: o mistério do relacionamento homem-mulher. Havia já algum tempo que Frida

tencionava conhecer o homem com quem experimentaria todos os arcanos do amor e do sexo, atingindo, assim, uma epifania orgástica. E nalgumas culturas – ela sabia – o coelho era símbolo de fertilidade. Era óbvio: aquele bichinho a levaria de encontro ao futuro companheiro. Trocou, pois, sua bolsa otavaleña de lã de alpaca, duas maricas – uma de osso, outra de durepox – e um chaveiro do Pato Donald pelo animal, com o qual, aliás, afeiçãoou-se rapidamente. Batizou-o de Paulo.

No dia seguinte, ao final da tarde, Frida estava sentada à beira da estrada com Paulo, o coelho, tentando conseguir uma carona pra Brasília. Um Opala negro, ano 78, se aproximava com extrema velocidade – negando aparentemente qualquer possibilidade de carona – quando, de súbito, o coelho pulou para o meio da pista. A moça gritou, colocando as mãos na cabeça. Era o fim. O carro, no entanto, freiou a poucos centímetros da cabeça do leporídeo, o qual, como se nada houvesse ocorrido, olhava tranqüilamente para Frida. Antes que ela abandonasse seu estupor, um rapaz de seus vinte e poucos anos, alto, pálido, cabelos desgrenhados, vestido de preto dos pés à cabeça, saltou do carro, apanhou o animalzinho e dirigiu-se calmamente até a garota.

“Não fica preocupada”, disse o rapaz, colocando o bicho no colo da moça. “Ele tá legal.”

Frida, que já abandonava aquela terrível paralisia, paralisou-se novamente. De paixão, porém.

“Eu... eu... quer dizer...”

“Você quer uma carona?”

“Cla-claro, quero sim”

Aleister Crowley de Souza era extremamente taciturno. Não dizia senão o necessário.

“Você não vai levar seu coelho, Frida?”

“Hã?! Claro... claro... que cabeça...”

Enquanto Aleister mantinha os profundos olhos negros fixos na estrada, Frida observava-o timidamente, a princípio, depois diretamente. Ela já o conhecia, vira-o na

universidade, onde, certamente, também deveria estudar. Notou que ele trazia tatuados, nas costas da mão direita, um número – 999 – e, ao lado, uma serpente enrodilhada de cabeça pra baixo. Muito esquisito.

“Bacana sua tatuagem...”

Ele permanecia calado. Nem um sorriso sequer. Era estranho, mas aquilo deixava a garota ainda mais excitada e curiosa. Uma hora depois, contudo, ela desistiu de entabular qualquer gênero de conversa. Sua excitação represada foi aos poucos se transformando em irritação. E, pra piorar, Paulo, o coelho – por uma razão qualquer – não parava de se mexer no seu colo.

“Paulo, se você não ficar quieto, vou te jogar pela janela!”

Aleister olhou-a surpreso:

“Seu coelho se chama Paulo?”

“É, por quê? Alguma coisa errada nisso?”

Aleister desatou a rir sofregamente. A tensão de Frida, até então reprimida, também escapuliu na forma de risos um tanto nervosos, é verdade, mas, enfim, risos. E qual seria o motivo de tanta graça? Aleister meteu a mão por baixo do banco que ocupava, e retirou dali um livro que entregou à passageira. Era um livro com narrativas medievais de perseguições às bruxas, sendo que uma delas discorria sobre um certo coelho chamado Paulo, o qual, na verdade, era um feiticeiro espanhol condenado a viver sob tal forma animalisca por ter infringido as leis da magia. Ele havia divulgado conhecimentos secretos.

“Deve ser ele”, disse Aleister, apontando o animalzinho.

Frida quis lhe dizer que fora ela quem dera aquele nome pro coelho, mas calou-se. Melhor seria esticar a conversa e tentar conhecer intimamente aquele sujeito. Afinal, descobrira aquele elo fortíssimo que os unia: a magia.

“E ele poderia voltar à forma humana?”, perguntou ela.

“Sim”, respondeu Aleister. “Mas para isso ele precisaria realizar o desejo de uma pessoa...”

“Como assim?”, fez Frida, surpresa.

“Não tenho a menor idéia”, disse ele, e sorriu.

Ficaram em silêncio por alguns momentos.

Ela: “Que curso você faz lá na UnB?”

“Não sou aluno, sou professor de Antropologia da Religião.”

Frida não pôde esconder seu espanto:

“Mas você parece tão novo!”

Ele esboçou novo sorriso:

“Tenho vinte e nove anos. No ano passado, na Espanha, defendi minha tese de doutorado. Foi um estudo que fiz a respeito dos *grimoires* – livros de feitiçaria e de magia branca ou negra.”

Os olhos de Frida brilharam. Voltou a sentir-se uma princesinha diante daquele príncipe. Afinal, à bruxa, um príncipe o bruxo lhe parece.

“Aleister...?”

“Hum.”

“Eu estou perto de me formar. Será que você...”, e calou-se.

“O que é? Pode dizer.”

“Olha”, começou ela, acanhada. “Eu já tenho uma idéia pra fazer minha monografia...”

“E...?”

Frida estava tensa:

“Será que você não quer ser meu orientador?”

“Claro, Frida. Será um prazer.”

A moça ficou subitamente molhada. E também Paulo, o coelho. A janela do carro estava aberta e uma repentina rajada de chuva entrou por ali.

A monografia de Frida trataria da analogia existente entre o poder de um líder de igreja, ou seita religiosa, e o de um mago de tempos passados, o qual, abusando da boa vontade alheia, fazia intenso proselitismo entre as

várias camadas da sociedade. Não que não houvesse pessoas que realmente se beneficiassem com os dogmas impostos. Segundo Frida, neste caso, o único fato relevante era se havia fé sincera por parte de cada seguidor. Obviamente, algo difícil de se averiguar. Sim, mas o ponto central do estudo era: todo líder de movimento religioso aspira, na verdade, à riqueza e principalmente ao poder, ainda que ele próprio não tenha – ou se recuse a ter – consciência disso. Devido a tais fatos, escolheu como epígrafe para o trabalho um trecho do *Fausto* de Goethe, uma frase de Mefistófeles, o diabo: “Sou parte daquela força que eternamente quer o mal, mas que eternamente obra o bem.”

Por orientação de Aleister, a estudante começou a freqüentar os cultos do Templo Mundial do Reino Dividido Ltda. A princípio, Frida sentia-se qual agente secreta. Entrava discretamente, sentava-se a um canto, no fundo, e ficava a ouvir o pastor. Com o tempo, começou a reconhecer as pessoas; alguns até a cumprimentavam com um movimento de cabeça. Ali eram todos muito atenciosos, principalmente o pastor. Um dia, em sua casa, durante o almoço, ela chegou a citar por duas vezes algumas frases proferidas por este último numa de suas litânicas. Tábatha preocupou-se:

“Minha filha, será que você não está levando muito a sério esse seu trabalho?”

“Deixa ela”, replicou Samantha, com dissimulada satisfação. “Ela está aprendendo coisas importantes.”

Sem responder, Frida apenas sorriu e, levantando-se, foi preparar a comida do coelho. Afinal, o que diria? Que apesar do aparente fanatismo das pessoas que conhecera, finalmente encontrara um discurso sobre o amor baseado em valores sólidos e próprios da sua cultura? Diria pra mãe que estava cansada de não entender o Baghavad Gita e os hexagramas do I Ching? Que a possibilidade de reencarnar-se neste planeta mais mil vezes era uma idéia terrível e angustiante? Que o Zen budismo não parecia

senão a melhor maneira de navegar para lugar algum? Não, era melhor calar-se. Ela queria apenas acomodar o peso da existência em ombros infinitamente mais largos. Talvez fosse este o ato mais sobrenatural que um bruxa pudesse tentar.

Aleister, por seu turno, não se perturbava ao ouvi-la perfrasear longamente sobre os cultos e a doutrina do Templo Mundial do Reino Dividido Ltda. Era o que esperava dela. Mas não pôde esconder uma ruga na testa quando ouviu-a dizer que estava contribuindo com o dízimo.

“Você o quê?”

“Bem...”, começou Frida, tergiversando. “Faz parte do trabalho.”

Naquele mesmo dia, Aleister teve um *insight*. Sempre quisera escrever um romance e agora tinha a idéia fresquinha na cabeça. Não foi deitar-se enquanto não a passou pro papel. Escreveria sobre um rapaz que, num sonho, via a cidade e a casa do homem que desaparecera sem lhe pagar uma grande soma em dinheiro. Assim, o rapaz atravessa um grande deserto e, ao chegar na tal casa estrangeira, descobre ser ali um covil de ladrões, sendo, em seguida, preso pela polícia juntamente com os demais suspeitos. Interpelado pelo delegado, conta-lhe o sonho. O delegado, sorrindo com escárnio, diz-lhe que teve sonho parecido, que numa cidade do outro lado do deserto havia uma casa e que, no jardim dessa casa, havia um vaso sob o qual ocultava-se um cheque com a quantia que lhe deviam. A diferença – enfatiza o delegado – é que ele não fora tolo a ponto de empreender semelhante jornada, e, após recomendar juízo ao rapaz, deixa-lhe partir. Consciente de que o delegado lhe havia descrito a própria casa, o rapaz, ao retornar, procura e encontra o cheque sob o tal vaso. Tudo isto depois de muitos sofrimentos e aprendizados. É claro que Aleister sabia que estava usurpando a idéia de um dos volumes de “As Mil e Uma Noites”. Mas isto era irrelevante. O que importava no seu

livro seria a demonstração de que, atualmente, Deus é dinheiro. Toda a peregrinação do rapaz fora uma busca espiritual cujo desenlace é um encontro traduzido na forma financeira. Não que ele quisesse afirmar que a mera posse do dinheiro é uma epifania, uma premiação com a graça de Deus. Mas que a busca de dinheiro, hoje, confunde-se com a busca de Deus e só se encontra satisfação num quando também se encontra o outro. Seu livro se chamaria: *O Homem que Foi Pago*. Ou melhor: *Diário do Homem que Foi Pago*. Ou ainda: *O Diário de um Pago*. Tendo anotado essas coisas, Aleister foi dormir.

Na manhã seguinte, Frida foi encontrar-se com Aleister, acompanhada por Paulo, o coelho. Levava-o no colo. Queria, com isso, de uma vez por todas, verificar se Aleister a amava ou não. Em todas as reuniões ela se insinuou e ele não teve nenhuma atitude, seja positiva ou negativa. Ele era tímido? Ou simplesmente não a amava? Agora teria uma resposta. Não era para isto que adquirira o bicho? Aleister recebeu-a com efusão:

“Frida, sabe no que pensei a noite toda graças a você?”

A moça sentiu o coração apertado:

“Não”, disse com ternura.

“Deus é dinheiro!!!”, gritou ele.

Frida arregalou os olhos estupefata:

“O quê?! Você pirou, é? E graças a mim você teve essa grande idéia? Ai, meu Deus...”, e refestelou-se numa cadeira, choramingando sobre o imaculado pêlo de Paulo, o coelho.

“Calma, Frida, eu vou te explicar”, disse Aleister, aproximando-se solícito.

“Sai de perto de mim, sua Grande Besta! Você é o Homem mais Malévolo do Mundo!”, berrou ela, pensando que aquele não era um príncipe mas um dragão.

Ele sentou-se numa cadeira e começou a contar tudo o que pensara na noite anterior. Explicou como a busca de dinheiro se confunde com a busca da graça divina. Que

Deus é eterno e, portanto, a própria eternidade, e que eternidade é poder dispor de todo o tempo e que, enfim, tempo é dinheiro.

“Nas notas de um dólar não está escrito: *In God We Trust?* Isso quer dizer que o dinheiro se fia em si mesmo, afinal, ele não é Deus?”

Aleister continuou dizendo que as verdadeiras universidades religiosas são pagas, porque só aceitam quem tem Deus consigo.

“O bem público e gratuito é uma heresia. Apenas semeiam a preguiça, a indolência e o ócio. E todos sabem que este é a oficina do diabo! ”

Frida estava comovida:

“E o que eu disse pra você pensar em tudo isso?”

“Quando você me contou que pagava o dízimo.”

“Como assim? O dízimo é pra ajudar os pastores a construir mais templos, e a levar a palavra de Deus a todos os lugares.”

“Sim, e pra estimular os fiéis com o exemplo que dão de serem homens bem sucedidos, graças unicamente à fé de cada um deles.”

Os olhos de ambos marejaram. Estavam emocionados, compartilhavam um momento de revelação. Sem se preocupar com Paulo, o coelho, Frida levantou-se, segurando-o com uma mão, e, com a outra, cingiu o pescoço do professor, que também se levantou.

“Eu te amo”, disse Frida e, antes que Aleister tivesse qualquer reação, beijou-o.

De repente uma espessa fumaça preencheu a sala e alguém surgiu entre o casal, pisando nos pés de ambos.

“Perdón...”, disse o intruso.

Aleister e Frida, assustados, pularam cada qual prum lado. Quando a fumaça se dissipou, puderam ver o rosto do visitante. A moça nem sequer notara o sumiço do seu coelho.

“Mi nombre es Pablo”, continuou o homem, “Pablo Conejo.”

Os dois olharam-se com assombro:

“É ele!”, disseram em coro. “O feiticeiro!”

“Mago, por favor, mago...”, corrigiu Pablo, o qual trajava uma roupa de lugar e época remotos. Tinha um cavanhaque grisalho, estatura média, os olhos de quem nascera a pelo menos dez mil anos atrás e o ar de quem esconde muitos segredos.

Durante alguns segundos, ninguém soube o que dizer. Aleister limitou-se a fazer um gesto para que todos se sentassem. Mas foi Pablo quem rompeu o silêncio:

“Creo que les debo una explicación para lo que acaban de presenciar...”, começou ele; e, então, contou tudo o que lhe passara 682 anos antes. Disse que, em 1312 d.C., ele não passava dum reles *tempestarii*, um andarilho que – ao passar pelos povoados da Espanha medieval – extorquia ouro e prata, ameaçando as populações locais de provocar terríveis tempestades se não o pagassem. Frida, que não compreendia aquele espanhol enrolado e ceceoso, não estava entendendo nada do que Pablo dizia. Já Aleister, de olhos arregalados, não apenas compreendia como também fazia anotações num bloco de papel. Aquilo tudo era extraordinário.

“Pero, en aquel año, todo cambió...”, prosseguia o mago. E relatou como conhecera um famoso alquimista da época, um certo Arnaldo de Villanueva, o qual, fugindo da Inquisição e particularmente do Arcebispo de Tarragona – que havia queimado seus livros em praça pública – refugiou-se com ele em Ponferrada. Pablo residia em tal cidade havia já alguns anos, pois ali podia facilmente contatar outros magos, os quais – disfarçados de peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela – eventualmente se reuniam para trocar conhecimentos ocultos e realizar sabás. Nos quatro meses que se seguiram, Pablo e Villanueva tornaram-se grandes amigos. Quando se separaram, Pablo estava mudado: aprofundara-se no estudo esotérico e já não tinha com a magia aquela postura leviana de que tanto abusara

anteriormente, ao ameaçar os incautos com seu *maleficium*. Além do mais, aprendera a transmutação dos metais e dispunha de todo o ouro que quisesse. Tal afirmação fez Aleister pular da cadeira.

“O que foi que ele disse?”, perguntou Frida, curiosa.

“Nada de importante, não se preocupe...”

Pablo Conejo encerrou sua narrativa repetindo a história que Aleister já conhecia: Em 1340 – após escrever um livro no qual não apenas revelava segredos alquímicos, mas também fórmulas rituais da seita secreta a que pertencia – foi transformado num coelho. Foi a maneira usada pelo Grão-Mestre daquela seita – a *Orden de la Estrella Zancuda que Alumbra Nuestras Nalgas* – para vingar-se dele. E assim viveu até aquele momento, de mão em mão, fugindo dos famintos e dos caçadores, até encontrar um desejo que pudesse ajudar a realizar. Foi o preço que pagou por haver desejado a fama às custas de segredos seculares.

“Sim”, disse Aleister, pensativo, “um desejo foi realizado...”

Ouvindo isso, Frida levantou-se sorrindo e aproximou-se do ser amado, afagando-lhe os cabelos. Sim, seu desejo de ser correspondida fora satisfeito. Aleister, no entanto, tornou a levantar-se abruptamente, puxou Pablo pela mão e dirigiu-se até a porta. A moça não entendeu bulufas:

“Onde vocês vão?!”, indagou.

“Quando eu voltar, te conto algo que não pude dizer por causa do Pablo.”

“Mas...”

“Tá tudo bem, ele vai me ajudar muito”, continuou Aleister. “Mas primeiro vou arranjar umas roupas novas pra ele”, e saíram.

Frida procurou pelo professor durante todo o dia e toda a noite, não o encontrando nem mesmo em casa. As mensagens que deixou na caixa-postal do celular dele foram ostensivamente ignoradas. No dia seguinte, pela

manhã, ele tampouco apareceu para a reunião que haviam marcado. O que teria acontecido? Pablo teria feito algo com Aleister? Era melhor nem pensar, ou seu coração não agüentaria. Provavelmente Aleister o teria levado para conhecer nossa época, agindo como uma espécie de cicerone do futuro. Não estavam na cidade mais futurista do mundo? Grande bosta o futuro então, pensava Frida. O jeito era continuar seu trabalho. No dia seguinte, com certeza, ele apareceria.

A moça dirigiu-se, pois, até o Conic, onde localizava-se o Templo Mundial do Reino Dividido Ltda. que costumava freqüentar. Era engraçado imaginar que aquele espaço fora, um dia, o Teatro Dulcina, e que, ali, representava-se anteriormente outro gênero de espetáculo, aquele no qual os atores, ao final, tiram as máscaras. Hoje, todos aqueles personagens que ali se encontram não tiram a *persona* nem sequer para tomar banho. Houve época em que pelo menos os pastores, após os cultos, abandonavam suas caracterizações. Mas atualmente, com tantas câmeras escondidas – profissionais ou amadoras – era melhor não arriscar. Ninguém se esquecia daquele pastor da alta cúpula do Templo que fora filmado num prostíbulo, em plena ação pecaminosa. Se ele tivesse sido mais carinhoso com a moça, teria descoberto a câmera que ela tinha no umbigo.

“Não vai ter culto hoje?”, perguntou Frida a um Guerreiro de Cristo, que, aliás, guardava a entrada do templo e tinha nas mãos um cassetete em forma de cruz.

“Foram todos pra inauguração do novo templo na 106-Sul”, disse ele.

“106-Sul?!”

“Isso, onde era o antigo Cine Brasília. O Bispo Antônio Rada de Jesus estará lá.”

A estudante ficou pasma. Adeus festivais de cinema, pensou. Pelo menos teria a chance de assistir a um culto do líder daquela igreja. O Bispo era famoso por sua pregação sedutora e por seu ardor místico. Talvez pudesse

finalmente completar a coleta de dados para escrever a monografia. Aleister ficaria satisfeito.

No novo templo da 106-Sul, muita gente já se acomodava pelas escadas e corredores, pois os assentos estavam todos ocupados. Frida aproximou-se o mais que pôde do palco-altar. Sentou-se no chão. Em pouco menos de dez minutos, o Bispo Rada de Jesus surgiu diante de seus fiéis. Tinha um ar severo e paternal. Estava cercado por alguns de seus asseclas.

“Meus filhos!”, começou ele. “Estamos aqui reunidos para juntos darmos nossa benção a nosso novo templo. Sim!”, gritou. “Estamos todos rejubilados por esse momento de comunhão e de vitória. Nosso desejo foi realizado, não foi? Na verdade, um outro desejo que eu trazia no coração foi mitigado, o desejo de encontrar um bom homem para tornar-se pastor desse templo...”

Deu uma pausa para causar suspense e apreciar o impacto de suas palavras. No templo observava-se um silêncio absoluto.

“Meus filhos!”, tornou a bradar o Bispo Rada de Jesus. “Quero lhes apresentar o homem a quem darei – assim como Cristo deu a Pedro a chave do Seu Reino – as chaves do maior templo do Distrito Federal. Aqui está o Pastor Aleister Crowley!”

Por pouco Frida não desmaia. Ficou besta ao ver o seu orientador, acompanhado por Pablo Conejo, subir ao palco-altar. Aquilo era demais pra sua cabeça. Há tempos não recebia um golpe tão certo quanto aquele que o Bispo Rada lhe dera. Então era aquele o desejo realizado. A moça nem sequer conseguiu ouvir o que Aleister dizia aos fiéis. Limitava-se a encará-lo absorta. Então Deus é dinheiro..., pensava consigo. Que absurdo! Antes que o culto chegasse a término, porém, deixou o templo. Lá fora, ainda presa de intensa letargia, admirou uma última vez o ex-cinema que tanto freqüentara. Foi ali que assistira a uma reapresentação do filme *Entre Deus e o Pecado*, com o magnífico escorpiano Burt Lancaster.

A estudante saiu caminhando lentamente. Atravessou o eixinho W e dirigiu-se para o eixão, onde tomaria um ônibus pra casa. Eram dezoito horas e o trânsito, como de costume, intenso. Mas Frida quase não via os carros. Ao chegar na passagem de pedestres, no centro do eixão, viu apenas uma bonita borboleta azul. Deve estar indo pra casa dela, pensou, sem parar de caminhar. Assim que começou a atravessar a outra metade do eixão, foi arrebatada por um carro. A estudante não viu mais nada.

Quando Aleister se inteirou daquele terrível acidente, chorou uma semana seguida. Não sabia, até aquela data, que estava apaixonado pela estudante. Frida sempre se insinuou muito, mas aquilo apenas o irritara. Não gostava desse tipo de mulher. E ainda havia aquelas coisas enormes na cabeça dela que não o agradavam.

“Todavía puedes conocer otras mujeres...”, disse-lhe Pablo; e o ex-professor entendeu que ele se referia ao sentido bíblico da palavra *conhecer*. Neste caso, o mago espanhol não estava totalmente desprovido de razão. Mas, após aquele incidente, ele jamais se uniria em matrimônio com outra mulher. Isso não. Seu espírito ainda pertencia à pobre Frida. Agora, seu corpo... bem, já era outra história.

Assim, além de dedicar-se aos cultos do Templo Mundial do Reino Dividido Ltda., o pastor Aleister também passou a gastar seu tempo na conversão de marias-madalenas:

“Ai, pastor, seus óculos escuros tão machucando minhas coxas...”, exclamou a pecadora. “Será que o senhor não podia tirá eles não?”

Aleister ficou desconfiado. Mas após examinar o umbigo da mulher, viu que seus temores eram infundados. A imprensa não tinha como encontrá-lo ali. Tirou, pois, os óculos e continuou a pregação oral:

“Hmm... hmm... slupt...”

Qual não foi a surpresa do pastor Aleister ao ver suas imagens – num close extremamente sórdido e vulgar –

durante um respeitado programa jornalístico. Quase não acreditava na ousadia dos jornalistas por esconder uma câmera em semelhante local, um verdadeiro desrespeito com o corpo da mulher. E aquelas cenas, em pleno horário nobre, derrubaram o pastor. Era extremamente chocante a visão, em determinado momento, daquele 666, tatuado nas costas da sua mão, indo e voltando. O Bispo Rada de Jesus expulsou-o e admitiu, em público, o erro de haver recrutado, como sequaz, um acadêmico hipócrita, desvirtuoso e herege.

“O intelecto é um diabo que devemos manter sob correntes!”, bradou num de seus cultos.

Aleister sentia-se literalmente no inferno. Sua vida fora jogada na lama, apedrejada e escarrada. Não apenas pela imprensa mas ainda por seus amigos, ex-colegas de docência e parentes. Apenas Pablo permanecia ao seu lado – o que, aliás, muito o atormentava. Afinal ele fora um dos pivôs de sua entrada no Templo. Se não fosse o fato de o mago ser capaz de transformar qualquer metal em ouro, jamais teria aceito a proposta do Bispo. Tornar-se sócio daquela empreitada religiosa não lhe parecia, a princípio, muito seguro. Mas era muito mais certo do que a possibilidade de manter Pablo, com sua capacidade de produzir ouro, a seu lado. E, afinal, Deus era dinheiro, não era? Agora, o que mais minava seu espírito era sua incapacidade de desculpar-se ou mesmo de falar com Frida. Suas almas estavam muito distantes. Foi, então, num domingo à tarde que o ex-pastor, enlouquecido pela quantidade de remordimentos, se atirou do alto da Torre de TV.

Frida, ainda no leito do Hospital Sarah Kubitschek, recebeu a notícia da morte de Aleister com os olhos úmidos. Apesar de tudo, ainda o amava. Não entendia por que ele só a visitara quando ainda estava desacordada. Será que ele sentiu alguma repulsa quando descobriu que ela estava paraplégica? Será que ele realmente não a amava? Na verdade, a moça só conseguiu compreender

toda aquela série de acontecimentos, quando Tábatha, sua mãe, algumas semanas depois, lhe trouxe um livro.

“Meu Deus!”, repetia enquanto folheava a brochura.

O livro fora escrito por Pablo Conejo e, de forma romanceada, tratava da relação dela com Aleister e de todos os terríveis fatos ocorridos. Para Frida, aquilo era uma canalhice da parte do espanhol. Além de expor sua vida particular, ele ainda dera um título demasiado cafona pra obra: *Na Margem do Lago Paranoá Eu Sentei e Chorei*. Mau gosto maior, impossível...

Frida, Tábatha e Samantha, após intensos debates, chegaram a uma conclusão. Deveriam dar um jeito naquele bruxo fossilizado. E só então a estudante ouviu a revelação que a mãe e a avó tinham pra lhe fazer, havia já muitos anos: as três eram feiticeiras. Aquilo foi outro grande susto na sua vida. Ela era de fato o que no íntimo sempre quis ser. Por que nunca lhe disseram antes?

“Seu avô nos condicionou a agir como pessoas normais, não podíamos contrariá-lo”, disse Tábatha.

A avó concordou com um movimento de cabeça:

“E eu, num determinado momento, vi que ele tinha razão. A vida não tem graça se pudermos resolver tudo com passes de mágica.”

“Mas certas coisas podem ser melhor arranjadas se usarmos um pouco de magia”, contestou Frida, indignada.

“É por isso que não vamos deixar aquele médico esquisito operá-la”, disse Samantha. “Nós podemos fazer bem melhor...”

“Num piscar de olhos você estará andando”, acrescentou Tábatha. “Vamos apenas esperar um pouco pra que ele não fique pensando que ocorreu algum tipo de milagre.”

Depois Frida ouviu de ambas a explicação do porque apenas ela deveria fazer algo contra o mago. Como ela fora a única afetada diretamente, apenas ela poderia aplicar o castigo. E deveria fazê-lo com sabedoria, senão - da mesma maneira que poderia ocorrer às outras duas caso

tomassem suas dores – o sortilégio também recairia sobre ela.

Naquele dia, Frida foi dormir tranqüila. Não precisava mais se preocupar com sua saúde, nem com suas crenças, nem com sua verdadeira natureza – era mesmo uma bruxa! – ou mesmo com o destino do Pablo Conejo. Ele, evidentemente, não perdia por esperar. Desta vez seria transformado numa galinha ou, quem sabe, num Cachorro-Urubu. O tal mago, aliás, também estava bastante satisfeito com sua nova carreira de escritor. Muito embora todo o trabalho de escrever lhe exigisse apenas um estalar de dedos. Inclusive já planejava seu novo livro: *As Warquírias*. O livro contaria a história de dois caipiras que vão pra capital e se tornam duas Drag-Queens que, imagine, adoram se vestir de anjos. Uma beleza de livro. Agora, nada tranqüilas estavam Samantha e Tábatha... Afinal, como diriam pra menina que – após as plásticas que ambas sofreram (idéia do James, claro) – já não podiam mover respectivamente a boca e o nariz para efetuar as mágicas? Claro, Frida podia realizar os passes de mágica por si mesma, isto é verdade. Contudo, restava uma questão: no que se referia ao ponto do corpo usado para desencadear a magia, a menina possuía os genes do tataravô ou da tataravó? Sim, pois, se houvesse puxado esta última, deveria mover o dedão do pé esquerdo, o que era impossível. Mas se carregasse os genes do tataravô bastava abanar as orelhas, coisa que ela tinha de sobra. Que o diga Aleister Crowley de Souza...

---

Nota: Antes que você, leitor, caia na obtusidade de me colocar como antagonista de certo autor já consagrado, pense no seguinte: este livro faz parte da minha *lenda pessoal*...

## **Penteu, o Pentelho**

Penteu foi criado num ambiente que moldou seu caráter de forma definitiva. Seus pais foram orgulhosos membros do conselho da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, chegando a promover abaixo-assinados contra o divórcio e o aborto, e a apoiar o governo militar ativamente. Graças a isto, seu pai, funcionário público de carreira, conseguiu promover-se e transferir-se com a família do Rio para Brasília.

Em meados dos anos oitenta, seu pai faleceu e Penteu, juntamente com a mãe, foi viver na casa do avô materno, Cadmo, residente no Lago Norte. Foi o início de um grande conflito. O avô era demasiado liberal em suas idéias, indulgente em suas relações e excêntrico em suas atitudes. Tendo sido professor de urbanismo no Departamento de Arquitetura da UnB por mais de 20 anos, Cadmo pôde cultivar um grande número de amigos e admiradores. Todos “suspeitos” na opinião do neto, pois para este o avô não passava de um vagabundo que outrora adotara eufemismos românticos – tais como beatnik e hippie – e que fizera proselitismo entre a corja pateticamente subversiva. O fato de o avô ser hoje um arquiteto respeitado era – segundo Penteu – além de puro acaso, o único ponto de contato que aquele tinha com a realidade. Cadmo não se importava com as opiniões do neto. Eram apenas opiniões. E quando se aposentou, manteve suas estreitas relações com Tirésias, professor de história, famigerado rebelde e companheiro nos difíceis anos da ditadura militar. Tirésias ficara cego após ter sido preso e torturado em 1974, no Rio de Janeiro. Felizmente isto não o impediu de continuar ministrando aulas. Como Borges, aquilo o deixara mais sábio.

Para maior angústia de Penteu, sua natureza colocou-o no mesmo trajeto profissional que o avô. Bom no desenho, relativamente criativo e metódico em suas idéias, Penteu ingressou no curso de arquitetura e urbanismo da UnB. Sem embargo, sua fama no curso corria no sentido oposto à fama granjeada pelo avô, quando este ali esteve. Penteu ainda era calouro quando ingressou na diretoria do centro acadêmico. Angariou a antipatia e o desprezo de todos os colegas quando criou a Urna Anti-Marola. Nela deveriam ser colocadas denúncias contra os maconheiros do departamento. No único dia de vigência da urna, todas as cédulas recolhidas apontavam um único contraventor: o próprio Penteu. Magoado, ele passou a defender com ainda mais convicção os ideais de seu falecido pai e tornou-se um ferrenho opositor de toda atividade condenável dentro do departamento. Quando vazou a história de que ele havia sido iniciado sexualmente – com a conivência do próprio pai – por uma prostituta, recebeu a alcunha de “Ana, o Anacrônico”. Também tornou-se conhecido como “TFP” e “Médici”. Como ele insistisse em reagir violentamente a todos estes apodos, tornou-se conhecido definitivamente como Penteu, o Pentelho. Seu avô apenas ouvia suas queixas e reclamações, para depois sorrir e sacudir a cabeça compassivo. Penteu saía enfurecido e batia a porta atrás de si.

“Papai, não o provoque!”, condoía-se Ágave, mãe de Penteu.

“Mas eu... Ora!”, sorria Cadmo.

Como evitasse maiores contatos com seus colegas, Penteu só se inteirou da festa da Arquitetura pela boca de seu avô.

“Quem lhe disse que haverá festa?”, perguntou.

“Foi o Tirésias. Vai me dizer que tu não sabia? Ô rapaz, tu precisava de melhorar tua vida social... Arranjar namorada...”

“Olha, vô, minha vida social só interessa a mim”, começou irritado. “E esse seu amigo não está velho demais pra ir em festa de estudantes?”

“Velho? O espírito dele é 300 anos mais jovem que o teu. Sabia que foi ele quem deu a idéia da festa? Vai se chamar ‘A Grande Dionisiaca’.”

Penteu indignou-se:

“Baco, Brômio, Dioniso são todos a mesma palhaçada e idiotice. Bacanal, carnaval é tudo a mesma merda, a mesma alegria patética, a mesma fuga desvairada; é música baiana, pagode, rock’n roll comercial, música eletrônica inexpressiva. Será que o senhor não vê a decadência em que vivemos? Não vê que estamos morrendo rapidamente e ninguém se importa? É tão cego quanto seu amigo? Não existe êxtase dionisiaco, o que existe é estase da cultura e do bom senso. Não entro nesse seu papo pódi-crê. O sonho já acabou há muito tempo, meu avô!”

“Tudo bem! Tu fica em casa com teu sono sem sonhos de sempre, que eu vou dar um pulinho na festa pra conversar com o Tirésias. Falou?”

“Vai lá, seu velho gagá. Sempre achei que foi a sua geração quem começou com a merda toda. Um bando de cérebros derretidos. Uns depravados!”

Cadmo sorriu:

“Até mais!”, disse; e partiu no seu Maverick branco.

Já passava da uma da madrugada quando Ágave veio chamar o filho. Queria que Penteu fosse atrás do avô. Aquilo não era hora de um homem idoso estar na rua. Embora xingasse mentalmente o avô, obedeceu sua mãe sem dizer palavra. Infelizmente teria que suportar todos os cretinos da universidade e de Brasília, que sempre acorriam às tumultuosas festas da Arquitetura. Essa, seu avô ficaria lhe devendo.

À entrada da festa, Penteu confirmou seus receios. O Distrito Federal inteiro parecia estar ali. Comprou sua entrada, foi revistado por um segurança trajado à grega,

recebeu sua coroa de falsos louros e entrou. Ato seguido retirou a coroa e atirou-a ao chão. Toda a enorme parte térrea do ateliê, com seu alto pé-direito, estava tomada por bacantes que dançavam ao som do tradicional rock'n roll. No mezanino estava o DJ. Ao fundo as bebidas. Abrindo caminho por entre as pessoas tentava encontrar o avô. Encontrava apenas motivos para aumentar seu mau humor. Teve uma idéia. O pessoal do bar poderia informá-lo, certamente não havia tantos velhos naquele lugar. Cutucou então uma garota que pescava uma lata de cerveja num tonel de gelo.

“Peraí!”, disse ela sem se virar. Não havendo outra barmaid menos ocupada, Penteu aguardou-a resignado. Quando ela voltou-se, uma eletricidade *extática* percorreu o corpo dele. Ela o olhou direto nos olhos e ele sentiu uma vertigem enorme. Segurou-se para não cair no abismo daquele olhar.

“O que você vai querer?”, perguntou ela com expressivo interesse.

“É... eu...”

“O quê?”

Penteu respirou fundo:

“Será que você não viu dois velhos juntos aqui nessa festa? Um deles é cego.”

“Ah, claro que vi; é o Tirésias e o seu Cadmo. Uns puta figuras...”

“Putas figuras”, pensou Penteu. “Minha nossa!”

“Você sabe me dizer onde eles estão?”, tornou ele.

“Acho que tão no inferno.”

“Como é que é?!”

“No Reino de Hades, ouvindo trance, house, trip hop.... Peraí que eu te levo lá.”

“Não precisa, eu...”

“Fê, já terminei meu turno; fica no meu lugar, falou? Vou ali com o Penteu.”

Ela o conhecia... E era linda. Seus olhos eram claros, sua pele o tantalizava, sua voz... sua voz...

“Vem, cara”, disse ela, puxando-o pela mão. “Vamos pro inferno!”

Agora ele estava realmente em conflito. Ela era uma verdadeira ninfa, o sonho que ele nunca tivera e que não poderia alimentar. Mas ela tinha um piercing no umbigo, uma tatuagem acima do seio, falava “puta figuras” e provavelmente não deveria saber quem fora Dioniso e o que era o Reino de Hades. Não passava de uma menina frívola. O que poderia encontrar nela? Já não bastava a decadência que ele próprio levava consigo?

Desceram umas escadas. A temperatura aumentou, muito vapor de gelo seco. Um som eletrônico que atrapalhava o pensamento. Era o inferno. E ela não largava sua mão.

Depois de procurar aqui e ali, Penteu percebeu que seria impossível encontrar o avô. Aturdido com o som, com as luzes frenéticas e com o fluxo imperfeito dos pensamentos, decidiu voltar pra casa. A garota tentou demovê-lo da decisão, mas foi inútil.

Que carinha metido a difícil!, pensou ela; e ele partiu sem olhá-la, caso contrário, não o teria conseguido. Ele precisava afastar seu sangue amargo do amor alheio.

Uma vez no estacionamento, Penteu, no escuro, tentava meter a chave na porta do carro. De repente alguém tocou-lhe o ombro. Ele virou-se, pensando em Cadmo. Mas não era o avô. Um rapaz de cabelos longos, sem camisa, trajando apenas um saíote, encarava-o com olhos impertinentes. Trazia uma brilhante coroa de louros e sua pele parecia iluminada.

“O que é que foi, cara?”, perguntou Penteu. “É assalto ou você quer carona?”

O outro deu uma risada sonora. Penteu impacientou-se:

“Olha aqui, meu amigo, não tenho tempo pra conversar com viado histérico” e deu as costas, voltando à tentativa de abrir a porta.

“Você não vai conseguir abrir seu carro. Eu entupi as fechaduras com terra, meu caro.”

“Você o quê?!”, fez Penteu virando-se.

“Você não pode ir agora...”

“Que história é essa, seu filho da puta?”

“Não levante a mão pra mim, seu travado!”

“Se você não der um jeito nisto aqui, lhe quebro a cara!”, ameaçou Penteu.

“Segurem-no!!”, esbravejou o dono da coroa de louros e, imediatamente, não se sabe de onde, surgiram seres andróginos seminus que agarraram o estudante.

“Agora podemos continuar”, prosseguiu o líder do bando. “Você é um sujeito bastante irascível, sabia? Se continuar assim, você vai se foder. Aliás, você já se fodeu. Eu, Dioniso, vou estuprá-lo neste instante.”

Apavorado, Penteu começou a gritar por socorro.

“Inútil, meu caro, ninguém vai ouvi-lo. Preste atenção...” e, tirando o saiote, deixou-se ver: ao redor e sobre os genitais, Dioniso trazia alguns pequenos cachos de uva. Com um sorriso sarcástico e cúpido retirou uma uva. “Pare de gritar, imbecil!”, continuou. “Não vou curralo, não tenho estômago para tanto. Além disso, você sabe que não seria nada bom para mim... Portanto, farei muito pior: violentarei sua alma!” e abaixando-se, aproximou a uva da boca de Penteu.

“Me larguem, seus viciados! senão vocês vão ver uma coisa!”

“Ai! Chega, Penteu. Parece criança... Você não imagina o quanto é patético e ridículo.”

Penteu assombrou-se:

“Como você sabe meu nome?”

“Eu sei de muitas coisas. Sei por exemplo que você vai mastigar e engolir esta uva. Não irá embora pois estará tão louco que certamente baterá o carro ou, se chegar em casa, violentará a própria mãe. Isto não seria terrível? hem?”, e sorriu. “Não, não há nenhuma droga aqui da qual você já tenha ouvido falar. É apenas uma de minhas uvas,

e dependendo de você, com ela poderá conhecer o inferno ou o paraíso” e, dizendo isto, meteu-lhe a uva na boca, fazendo-o engoli-la à força. “Podem soltá-lo”, continuou Dioniso, enquanto Penteu, em vão, tentava regurgitar a uva. “Agora, meu caro, as portas do seu carro já estão abertas. Se quiser, poderá partir. Neste caso, que os deuses tenham piedade da sua alma. Mas se ficar, volte pra festa, você precisará de alguém. Talvez você saiba de quem...”

“Você pensa que me assusta com sua performance, não é?”, disse Penteu entrando no carro. “Dioniso é um mito, um conto de fadas, meu chapa. Ninguém me engana com essa comédia.”

Dioniso sorriu:

“Vamos dizer que uma possível mas limitadíssima analogia para mito, hoje, seria por exemplo... deixe-me ver...”, e fechou os olhos meditando; “sim”, disse abrindo-os, “pense em transmissões radiofônicas onde cada deus teria uma frequência específica, onde a natureza seria a totalidade dos rádios e os humanos seus ouvintes. Se você quiser realmente me conhecer sem esse ranço erudito, sem esse bolor de conhecimento livresco, entre na minha onda, capte a minha frequência! Sou tão vital para sua vida quanto o sexo para a reprodução humana natural. Não tenha uma vida de proveta...”, e dando-lhe as costas: “Boa viagem!”

“Espera aí, cara!”, gritou Penteu. “Eu posso lhe reconhecer em qualquer lugar! Se isto for uma droga ou veneno...”

Dioniso deu uma gargalhada demente:

“Tá com medo, não é? Relaxa, meu caro, a morte e a loucura estão tão próximas de você quanto de qualquer outra pessoa... Estão coladas à sua pele!”

Penteu não conseguiu ver onde os comparsas de Dioniso haviam se metido. E quando voltou-se para este, também não o encontrou. Olhou nos espelhos retrovisores, não viu ninguém. Que brincadeira de mau gosto era

aquela? Certamente seria armação da turminha da arquitetura. Era preciso sair rápido dali.

“Então você vai mesmo embora?”

Penteu quase descomeu o coração de tanto susto. Era Tirésias que estava sentado ao seu lado.

“Tirésias, cadê meu avô?”

“Não importa o paradeiro de Cadmo. Importa perceber o quanto somos similarmente cegos. Você enxerga apenas o exterior, eu enxergo meu interior. Eu já não tenho esperança de ver as coisas externas, mas você ainda pode ver-se a si próprio...”

“Ah, não, Tirésias! Não vem com esoterismo pra cima de mim. Será que você anda lendo auto-ajuda em braile?”

Mas antes que Tirésias dissesse outra coisa, Penteu o viu transformar-se pouco a pouco na poltrona do seu carro. Fora apenas uma alucinação. Assustado, Penteu saltou rapidamente pra fora do veículo. O pensamento girava a mil, conclusões emendavam-se com os silogismos iniciais, todo problema era uma serpente mordendo a própria cauda. O asfalto parecia liquefazer-se querendo tragá-lo, a respiração era difícil. Sentindo a morte iminente, encostou-se no carro, fechou os olhos, jogou a cabeça pra trás. Respirar fundo, assim, calma... Tentava sem sucesso levantar a cabeça. Calma... Quando abriu os olhos ficou maravilhado. Apesar da lua cheia – terrivelmente luminosa! – via nitidamente todas as estrelas do firmamento. Não apenas via os pontos de luz isolados, mas via-os unidos por linhas brilhantes formando inúmeros desenhos, tal como num planetário. E as imagens eram vivas. Reconheceu as constelações zodiacais visíveis. Viu Órion, Sírio e o Cruzeiro do Sul, do qual escorria uma lágrima-estrela. Toda essa visão o tranqüilizou e Penteu sentiu-se serenamente sólido. Lembrou-se dos olhos azuis da garota. Lembrou-se do crucifixo com uma lágrima que ela tinha tatuado junto ao seio. Lembrou-se que não sabia seu nome. Assim, quase involuntariamente, voltou caminhando na direção da festa

por entre as árvores do estacionamento, por sob suas folhas verde-fosforescentes. Parecia flutuar.

Já deveria ser tarde, pois as portas da festa haviam sido liberadas. Contudo, ainda havia muita, muita gente. Penteu olhava para aquelas pessoas e as via sem máscaras. Alguns infelizes, arrimados às paredes, pareciam estátuas trincadas e ocas, de olhar vago. Outros pareciam sátiros, feios diabos à caça de ninfetas. Alguns casais pareciam devorar um a carne do outro. Pareciam ter em mente apenas a própria fome. Mulheres assemelhavam-se a vampiros, sanguessugas. Outras a verdadeiras deusas e ninfas. Penteu via tudo isto literalmente. Via mortos caminhando, anjos e demônios dançando. Viu um homem alto e magro com um vírus preso numa coleira. Sim, seu vírus era amestrado. Aquilo fez Penteu rir. Encontrava as coisas mais absurdas sem dar-se conta disto. Só não encontrava quem queria. No inferno não conseguia distinguir o rosto das pessoas. Pelo jeito, perdera sua chance. Antes porém que pudesse maquirar no tema, aquele som eletrônico invadiu seu cérebro, roubando o espaço de qualquer pensamento. Apesar do forte som que ainda ouvia, sem os pensamentos ouviu também um potente silêncio. Começou a dançar e sentiu que parar seria morrer.

Minutos depois, enquanto ainda dançava, alguém tocou seu braço:

“Tava perdido?”, perguntou a garota.

Penteu parou:

“Não, eu tava por aí”, disse sem esconder a satisfação.

“Então, oi!”, tornou ela, puxando-o pela mão.

“Oi!”, respondeu ele.

Ela começou a dançar abraçando-se a ele, que sorriu: “Como assim você já tá me abraçando?”

Ela arregalou os olhos mostrando suas pupilas dilatadas:

“Por quê? Não posso?”

“E se você engarranchar o piercing do seu umbigo no zíper da minha braguilha?”

“A gente vai embora assim, coladinhos...”

Penteu perdeu-se dentro daqueles olhos e o toque pele-à-pele o extasiava. Beijaram-se repetidamente. Dançaram com o som fluindo por seus corpos como eletricidade. Descobriu o nome dela: Tália. Seria realmente uma das Graças? Claro que era, sentia ele.

“Sabe que eu não sei por que estou com você?”, perguntou ela. “Primeiro foge de mim, depois fala umas bobagens... Só faltou babar!”

“Mistério...”, replicou Penteu.

“Hmm, quase me esqueço. O Tirésias e o seu Cadmo apareceram e já foram embora. Você não me disse que o Cadmo era seu avô. Foi engraçado que quando eu contei que você estava aqui ele não acreditou. Aí o Tirésias disse: ‘Tá sim, eu o vi...’”, e Tália riu. Penteu ficou pensativo. Também já não estava tão cego.

Depois saíram andando sob a luz crepuscular pelo Instituto Central de Ciências. Numa sala de aula vazia, na penumbra, despiram-se lentamente. Seus poros beijavam o corpo um do outro. Penteu ficou repentinamente sombrio.

“O que foi?”, perguntou Tália apreensiva.

Ele não sabia como explicar-se. Dizer o quê, que tinha sangue amargo? Que seu amor podia matar? Não, sem eufemismos.

“Eu não tenho camisinha...”, disse ele.

“Eu tenho”, disse ela pegando a bolsa.

Ele abaixou-se e contou-lhe no ouvido a verdade. Ela ficou séria. Encarou-o:

“Eu tenho camisinha”, repetiu com olhos brilhantes.

Penteu abraçou-a forte e, deitando-a na mesa, sugou-a como se seus líquidos fossem matar sua sede. E ali, viveram felizes para sempre. E esse para sempre foi intermitente por dois anos, ao fim dos quais, encerrou-se definitivamente aquele relacionamento. Como muitas

vezes ainda terminaria também a paciência de Penteu com o avô e a vida. Mas ele compreendia melhor suas vicissitudes e, assim, quando faleceu cinco anos mais tarde, em decorrência da aids adquirida de uma prostituta em sua primeira relação sexual, já conhecia bem a morte. Tália levou a cruz tatuada até a sepultura dele. Suas lágrimas e seu sangue ainda eram doces.

## **A Revelação**

Ele alimentava uma inveterada paixão pela secretária do reitor. Desde que ingressara no curso de matemática, há cinco anos, vivia inventando pretextos para penetrar na ante-sala do gabinete do reitor, como quem se houvesse enganado.

“É aqui o Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação?”

“Não”, ela respondia. “É em frente, no fim do corredor.”

Ele saía com o coração trincado. Em todos esses anos, ela nunca dera mostras de o ter reconhecido. Isso era muito pior do que um possível desprezo da parte dela. Para alguém ser desprezado, é preciso ter reconhecida sua existência. E ela simplesmente o ignorava.

Numa enfumaçada e depressiva segunda-feira, estava sentado na entrada norte do Instituto Central de Ciências, de frente para a biblioteca, quando foi interpelado por Chatud:

“Vejo que você também sente a decadência do mundo, não é verdade?”

Ele encarou Chatud timidamente. Não estava pensando em nada disso. Pensava na secretária. Mas seria melhor concordar. Os amigos diziam que aquele cara maltrapilho, sujo, descalço e provido de solidéu acreditava ser a reencarnação de Cristo, e, em meio a discursos messiânicos, prometia riquezas extraordinárias para quem

o ajudasse a combater e encarcerar Satanás por mais mil anos. Com todo esse currículo, Chatud podia ser perigoso.

“É verdade”, aquiesceu o estudante, “o mundo está tão podre, que o único que podemos fazer é dar um empurrãozinho pra que ele desabe mais rapidamente. Talvez só assim algo melhor possa nascer. Algo melhor que esse mundo de bestas.”

Chatud sorriu condescendente. Mundo de bestas... Sim, aquele ali era digno de ser um dos seus generais. Logo, principiando sua ladainha, segredou que a Revelação já fora iniciada, que os quatro cavaleiros – com seus cavalos branco, vermelho, preto e amarelo – já haviam sido invocados pela abertura dos quatro primeiros selos do Livro da Revelação, e que ele, Chatud, estava nos rastros da Besta e de Satanás. O estudante ouvia a tudo aquilo não sem espanto. Mas quando Chatud começou, sem mais nem menos, a lhe demonstrar um teorema complicadíssimo de matemática e a provar-lhe, por a mais b, que toda a nossa matemática não é mais que nosso anelo pelo Infinito, ficou muito impressionado. Se aquele cara era mesmo louco, sua loucura provinha de um excesso e não de uma falta de inteligência. De repente, Chatud tomou-lhe a mão direita e disse:

“Você agora é um dos meus generais e terá, quando estivermos na Nova Jerusalém, o direito de possuir cem concubinas, segundo sua própria escolha.” Então levantou-se e recitou: “Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus”, e tendo dito isto, saiu. Alguém o chamara pra fumar um.

“Concubinas!”, pensou o estudante, lembrando-se da secretária do reitor e esquecendo-se da árvore da vida. “Isto sim seria demais!”

Em casa, após reler longos trechos da Bíblia, o estudante ligou a televisão. Assassinatos, catástrofes, guerras, revoluções, fome, doenças incuráveis – até aqui tudo normal – e banalidades, banalidades e mais banalidades – agora, sim, indícios do fim dos tempos...

Lembrou-se, então, de Chatud. Lembrou-se da secretária. Esqueceu-se de si mesmo. Dormiu no sofá da sala.

Reencontrou-se num sonho. Estava sentado num trono ao lado dum cordeiro que o mirava com sete olhos.

“Como o reconhecerei, Mestre?”, perguntou o estudante.

“Eu lhe demonstrarei o teorema indemonstrável”, disse o cordeiro piscando-lhe a *metade* dos seus sete olhos.

Depois, viu a secretária do reitor aproximar-se, sorrir-lhe e sentar-se aos seus pés. Estava linda, coberta apenas com sete véus fosforescentes.

“Meu Deus...”, ele ainda murmurou.

Acordou transmutado. Não era mais um estudante de matemática, tornara-se outra coisa. Precisava de confirmação.

“Faz a demonstração desse teorema”, disse, já na UnB, ao entregar um caderno a Chatud.

Chatud pegou o caderno, olhou o teorema e, após uma veleidade de sorriso, pediu um lápis. Sentou-se e começou a garatujar qualquer coisa no papel. Aquele teorema seria a grande confirmação. Desde o século dezoito – quando foi elaborado pela primeira vez – que esse teorema ficara sem uma demonstração completa. A demonstração, feita pelo matemático que o criara, perdera-se algures. Grandes matemáticos já se haviam rendido àquele desafio.

“Pronto”, disse Chatud, estendendo o caderno.

O estudante leu e releu a demonstração do teorema diversas vezes. Chatud explicou-lhe alguns trechos mais obscuros. É, estava correto. Os olhos do estudante brilharam:

“Mestre!”

Chatud pediu-lhe para que se calasse e ouvisse. Ele havia encontrado a Besta. Vira o 666 gravado na sua testa. Ela passaria por ali dentro de instantes. Deveriam

agir. Chegara a hora. Seriam abertos os últimos selos do Livro da Revelação. Antes, porém, foram fumar unzinho.

Quando voltaram pra entrada norte do ICC, ficaram estarrecidos – a Besta já estava lá! Parecia um cavalo, mas tinha cabeça de leopardo, os pés de urso e sobre ela vinha montada uma mulher vestida de vermelho e dourado.

“Aquela é a mãe de todas as prostituições e abominações da Terra”, sussurrou Chatud. “Prepare-se!”

Quando se aproximaram, num átimo voaram sobre aqueles dois seres execráveis. Gritavam: “É seu fim, porca Babilônia!” A luta foi terrível. A mãe de todas as abominações da Terra tentava enganá-los dizendo que era apenas aluna do grupo circense do Departamento de Artes Cênicas. Mas não adiantou. Eles, o Mestre e seu General, foram impiedosos. No entanto, apareceram reforços. Alguns guerreiros-do-mal, de botas pretas e armados com bastões, conseguiram nocauteá-los e prendê-los com algemas. O estudante lembra apenas de ter visto, momentos depois, o céu tornar-se negro e fechar-se sobre o mundo, como se fosse a porta traseira de um camburão. Sim, foi o fim. De tudo.

Quando voltaram a si, já estavam na Nova Jerusalém. De um jeito ou de outro, haviam cumprido as profecias. Agora, usavam túnicas brancas e, engraçado, tinham a cabeça raspada. Chatud não se lembrava de haver lido sobre aquilo no Apocalipse, o Livro das Revelações. Almas carecas! Muito estranho. Apenas os anjos do Senhor tinham cabelo. Chatud passava os dias no seu trono, sob a árvore da vida – que muito se assemelhava a uma jaqueira. O estudante estava injuriado. Não havia recebido suas concubinas. Nem sequer a secretária do reitor. O mestre o enganara. Por isso, só voltou a dirigir-lhe a palavra quando ouviu um dos anjos referir-se a eles como *internos do sanatório*. Isto causou-lhe um surto de lucidez. Correu até a árvore da vida.

“Chatud!”, começou. “Preciso lhe fazer uma revelaç”, mas não teve tempo. Uma jaca se espatifou sobre sua cabeça.

“Falsos profetas não fazem revelações”, disse sabiamente Chatud, enquanto olhava o cadáver do seu general.

## O Boitató Quântico ou O Samba do Bobo Doido

O físico inglês Adan Sopal estava muito preocupado com o rumo tomado pelas pesquisas acadêmicas em todo o mundo e, conseqüentemente, com o futuro da ciência. Após publicar um artigo de cunho satírico numa respeitada revista científica - *The True Science* - decidiu aceitar o convite da Universidade de Brasília para ali ministrar aulas durante dois semestres letivos. O referido artigo era uma paródia aos inúmeros trabalhos publicados pelo meio acadêmico-científico, que, com extrema pretensão, buscam demonstrar algum sentido. Tal texto intitulava-se: *Transcendendo o Paradigma: em Direção a uma Hermenêutica Não-Probabilística da Onda-Quântica*. Usando uma linguagem carregada de metáforas grotescas, conceitos nebulosos e analogias improváveis - assim como grande parte dos acadêmicos costuma fazer - conseguiu engambelar todo mundo. Ninguém percebeu que aquilo não passava duma piada. Afinal, aquele cientista excêntrico sempre se comportou como se tivesse um rei na barriga. Os poucos que mantiveram um pé atrás, em relação ao texto, não tiveram disposição ou mesmo gabarito para contestar o venerado PhD. Por fim - quando ele próprio se desmascarou através doutro artigo na revista *The Science Fiction* - retirou-se, fugindo da tonelada de críticas e anátemas, cá para os trópicos.

Sopal já havia passado uma temporada no Brasil, a convite da UNICAMP, e, portanto, já tinha uma idéia do que lhe esperava. No fundo - guardadas as devidas proporções, principalmente no que se referia às condições materiais - ele sabia que o nível de nossas pesquisas equiparava-se ao do primeiro mundo. Só não se lembrava do toque de exotismo encontrado nas saladas científicas

de alguns picaretas tupiniquins; certamente pra inglês – no caso, ele – ver. Contudo, graças à atenção enviesada dada pelos sábios do hemisfério norte a esses sábios autóctones, tanto labor resultaria inócuo. Para Sopal, isto não deixava de ser um alívio. Pelo menos por enquanto.

Na primeira semana de sua estada em Brasília, fez uma visita ao coordenador de pesquisa e pós-graduação da UnB. Agora que se tornara, segundo suas próprias palavras, um “estudioso cultural amador”, precisava inteirar-se da produção daquela instituição. Pareceu-lhe banal encontrar teses em andamento que tentavam provar, por exemplo: que Capitu realmente traía Bentinho; que Einstein e Wittgenstein eram “burros emocionais”; que a filiação de Heidegger ao Partido Nacional-Socialista alemão modificara essencialmente sua filosofia; que *Moby Dick*, de Herman Melville, era uma releitura de *Don Quijote*, de Cervantes; que Gilles Deleuze e Felix Guattari jamais disseram algo de significativo; que o historiador latino Suetônio, autor de *Os Doze Césares*, tinha aversão a homossexuais; que o governo brasileiro era a máxima expressão da teoria do Caos; e assim por diante. Nas áreas de exatas e biológicas deparou-se com a mesma linguagem hermética que tanto assusta os leigos. Um fato comum e, até certo ponto, legítimo. Mas também encontrou a mesma ausência de relevância em praticamente todos aqueles projetos. Fato este, a seu ver, ainda mais corriqueiro. Não obstante, duas pesquisas bastante insólitas chamaram sua atenção: uma do professor Fêndix, um geneticista reconhecido internacionalmente; outra do professor Leves, um físico muito talentoso, mas imaginativo demais. Resolveu, pois, estudar ambos os projetos, antes de contatar os respectivos responsáveis.

Enquanto caminhava pelo Instituto Central de Ciências, carregando um calhamaço de textos sob o braço, Sopal ia refletindo a respeito do futuro da academia. Talvez ele fosse um tanto radical e não reparasse em

certos aspectos positivos dessas instituições. Talvez o Edifício da Ciência, com seu fulcro e suas proposições, já estivesse não apenas terminado – como há muito se especula – mas, acima de tudo, necessitando de remendos, de um novo ar condicionado e de novos caminhos que o ligassem ao dia-a-dia humano. Talvez já não existissem realmente muitos passos a dar adiante, mais partículas elementares a descobrir, novas leis a revelar ou até mesmo novos paradigmas para se agarrar. A resposta estaria provavelmente neste caminhar para os lados, neste percorrer todas as direções, às vezes em ziguezague, às vezes para trás (com uma marreta na mão), tal como apregoavam alguns franceses malucos. O fato de a maioria das pesquisas atuais se alicerçarem sobre teorias e sistemas, há muito elaborados, confirmados e até combatidos, apenas corroborava tal pensamento. Um grande salto adiante parecia improvável. Agora seria o momento de testar o que ainda parecesse sólido, compreendê-lo e pô-lo em prática. Dar a mão à comunidade, à cidade, ao homem da rua. Não apenas através de cursos profissionalizantes – que, de modo geral, apenas contribuem com o *mercado* – mas através de boa vontade. E era essa boa vontade que parecia faltar no meio de tanta picaretagem. Sim, Adan Sopal sabia ser um sonhador.

E foi com tais considerações em mente que o físico achou-se em meio a uma intensa aglomeração de estudantes, uma espécie de comício. Alguém, com uma cadela nos braços, discursava:

“...pois, afinal, vocês querem eleger como seu reitor um peão de obra, um figura que nem sequer tem o segundo grau, ou um cientista maluco, cuja concepção de ser humano é semelhante à idéia que tem do funcionamento de um computador? Hem?”

“Joga a bosta da Gení neles!”, bradaram alguns partidários do orador, enquanto os demais estudantes,

indolentes, limitavam-se a observar tudo aquilo como se fosse um espetáculo circense.

“Vou repetir”, prosseguiu o orador. “Nós estudantes devemos protestar contra o peso ridículo que nossos votos têm nessa eleição e, também, contra o nível dos candidatos. Não podemos deixar os professores e os funcionários decidirem nossa vida.” E erguendo a cadelinha acima da cabeça, gritou: “Votem na Gení!!”

“Joga a bosta da Gení neles!”, repetiram os asseclas da candidata. Ouviu-se algumas risadas, a maioria dos passantes retomou seu caminho. O orador continuava sua pregação:

“A situação é a seguinte...”

Toda aquela cena fez Sopal sentir-se indisposto e irritado. Odiava tais manifestações. Sentiu que, se a universidade não se aproximava tanto das pessoas ordinárias, estas mesmas pessoas, em compensação, já a haviam invadido. Uma tristeza. Pelo menos a maior parte dos estudantes não aderira àquela demonstração de anarquia política. Muito embora tal afastamento decorresse mais duma inércia e dum individualismo característicos da juventude do mundo inteiro, do que de consciência social. Não!, decidiu, a academia não deveria continuar andando pros lados ou em círculos, mas sim seguir em frente. Era preciso descobrir novos talentos e incentivá-los, prosseguir no desenvolvimento do Edifício da Ciência. As possibilidades eram infinitas. A Ciência não devia nada àquela gente vulgar! A aristocracia do espírito deveria imperar na academia. Quem sabe ele até convencesse aqueles dois cientistas brasileiros a participar da sua cruzada contra a vulgarização acadêmica. Antes, porém, era necessário avaliá-los. Eles podiam muito bem ser representantes da degeneração acadêmica.

Quando chegou no apartamento funcional que lhe fora cedido pela UnB, Sopal teve nova surpresa. Um rapaz com uma roupa de cores berrantes e repleta de guizos o esperava. Espantado, o físico descobriu que aquele fora o

último bobo da corte do Palácio de Buckingham. Este explicou-lhe que, assim que se viu desempregado, colocou um anúncio nos classificados do *London Times*, oferecendo seus serviços. Foi, então, contratado pelo irmão de Sopal.

“Seu irmão me disse que eu seria útil para o senhor”, prosseguiu o bobo num inglês britânico. “Ah!, e eu também adoro feijoada...”

Era só o que me faltava, pensou Sopal. Mais um bobo... E, no entanto, ao conversar com aquele jovem, surpreendeu-se com a fina ironia explicitada por ele em tudo o que dizia:

“Deixei a família real porque me haviam roubado a função. Eu era o bobo deles, é verdade, mas eles se tornaram os bobos da nação. Eu não queria fazer metalinguagem...”

Persuadido de que a presença do rapaz lhe seria vantajosa, Sopal o aceitou como seu assistente. Só não pôde demovê-lo da convicção de que deveria seguir trajado de bufão. Segundo o bobo, que se chamava Yorick, se assim não o fizesse, acabaria sofrendo represálias a nível pessoal. Precisava enfatizar que era apenas um personagem cômico, um encarregado de explicitar o ridículo alheio.

“O.K.”, disse Sopal, resignado.

Na manhã do dia seguinte, no seu laboratório da UnB, o professor Fêndix trabalhava em suas experiências genéticas. Não via a hora de encerrar as atividades daquele dia e retornar para a chácara onde morava. Lá, além de cultivar as mais variadas espécies vegetais, colhidas em suas inúmeras viagens, possuía seu próprio laboratório, no qual dava origem a novas espécies. Sua mais recente criatura era um ser híbrido de duas espécies vegetais (*Selenicereus grandiflorus* – a rainha-da-noite – e *Impatiens sultanii* – a maria-sem-vergonha) e de uma ave da família dos vulturídeos (um abutre do gênero *Vultur*). Com tão singular coquetel mendeliano, Fêndix esperava

obter uma planta arbustiva e carnívora que, abrindo as flores à noite, pudesse devorar os ratos que infestavam sua chácara. Ela se chamaria *Selenicereus sultanii* ou maria-da-noite. Apenas naquele dia poderia confirmar tal previsão. As flores da jovem planta estavam a ponto de desabrochar.

“Posso interrompê-lo por um instante?”, indagou Sopal, à entrada laboratório.

“Claro, claro...”, disse Fêndix, gesticulando. “Entre.”

Cumprimentaram-se com um aperto de mão. Fêndix inquietou-se. Já conhecia a reputação daquele homem.

“May I?”, disse o bobo, aparecendo logo em seguida.

O geneticista não conseguiu identificar *o que* era aquilo ali na porta. Ficou boquiaberto sem saber o que responder.

“Não se preocupe”, disse Sopal. “Ele está comigo.”

Fêndix abriu ainda mais a boca. Olhou espantado para o físico, que sorriu. Seguiu-se um momento de constrangimento. Yorick, inocente qual criança, entrou saltitando.

“É seu filho?”, perguntou Fêndix.

“Não”, replicou em inglês o bobo, enquanto observava o conteúdo dum béquer. “Sou o novo responsável pelo laboratório...”

“Ah”, fez Fêndix. Mas este pensava: só pode ser filho dele. E decidiu não lhe fazer caso. Excentricidades britânicas, deduziu. Apenas isto.

Sopal tomou assento:

“Estou a par da sua pesquisa”, afirmou, cruzando as pernas.

Fêndix ficou repentinamente pálido. Retirou um lenço do bolso do jaleco e enxugou a testa.

“Ah, é?”, disse.

“Sim”, continuou o inglês. “Achei muito interessante o seu trabalho de clonagem de hortifrutícolas. Principalmente no que tange à melhoria genética de

algumas espécies, tornando-as resistentes a certas pragas.”

O geneticista respirou aliviado. Por um momento pensou que havia sido espiado. O bobo, a um canto, tentava disfarçar o constrangimento por não compreender a língua portuguesa. Vestido com um jaleco sujo, fazia caretas.

Os dois cientistas conversaram por cerca de duas horas. Para surpresa de Fêndix, o físico pareceu-lhe um homem digno e simpático. Concordou quando este discorreu sobre a necessidade de evitar o colapso das pesquisas acadêmico-científicas. Sentiu-se profundamente lisonjeado quando Sopal o apontou como um exemplo a ser seguido. E seus olhos brilharam ao ouvir do físico que os gênios ainda estão por aí, esperando o momento de dar as caras. O que ele acharia da nova espécie híbrida que estava criando? Não pôde perguntar. Mas convidou Sopal a conhecer sua chácara naquela mesma noite. Tinha muitas coisas a lhe mostrar. O inglês, satisfeito, aceitou a invitation.

Quando saíram do laboratório, Sopal e Yorick se dirigiram ao restaurante universitário, o bandejão. O bobo estava cabisbaixo, parecia decepcionado consigo mesmo.

“O que é que você tem?”, indagou o físico.

Yorick explicou-lhe que não poderia fazer suas intervenções e tiradas satíricas sem conhecer a língua daquelas pessoas. Sentia-se um bobo.

“Mas você não é um bobo, meu amigo?”

“Um bufão nunca é um verdadeiro bobo”, respondeu. “Ele apenas mostra o quanto as pessoas podem comportar-se como otárias. Ele é um tipo de espelho.”

Sopal sorriu. Afeiçoava-se por aquele rapaz:

“Ora, não se preocupe, Yorick. Enquanto vai aprendendo esse idioma, você pode continuar intervindo em inglês. Algumas pessoas entendem.”

“Não estou tão certo disso. Aquele tal de Fêndix ficou muito alterado quando o arremedei comportando-me como

um cientista louco. Pensei que fosse voar no meu pescoço. Se ele tivesse entendido o que eu dizia não teria ficado daquele jeito.”

“Bem”, disse Sopal, franzindo a testa. “Vamos comer. Talvez sirvam uma feijoada hoje...”

O bobo abriu um sorriso instantaneamente:

“Vamos!”

Uma vez no restaurante, outro contratempo: os partidários da candidatura de Gení à reitoria, continuavam fazendo alarde ali dentro.

“My God!”, murmurou Sopal.

Já o bobo, ao ver todo aquele movimento, sentiu-se em casa. Saiu por entre os estudantes fazendo acrobacias, dando saltos mortais e retirando ovos das orelhas femininas que por ali passavam. Se não podia falar com a boca falaria com o resto do corpo. Começou, então, através de mímicas, a imitar um comensal manco carregando uma bandeja imaginária. Os estudantes, funcionários e professores riram sem mais poder por pelo menos quinze minutos.

“Quem é esse cara?”, perguntou um.

“Acho que é aquele maluco da Música...”, responderam.

Por fim, faminto, Yorick uniu-se a Sopal numa mesa.

“Cadê a feijoada?”, indagou, investigando a própria bandeja.

“Acho que só vão servi-la amanhã”, respondeu o físico.

“Aaaaaaaah!!!!”, saiu gritando o bobo.

Todos o olharam curiosos. O que faria agora? Yorick, pois, saltou a roleta, tomou a cadela Gení das mãos do estudante que discursava e voltou para o refeitório.

“Eu quero carne!”, bradou em inglês, erguendo a cadela à frente da boca. Poucos o entenderam. Percebendo isto, começou a gritar com forte sotaque: “Feijoada! Feijoada!”

Muitos riram, outros ficaram enojados. Entre estes Sopal, que, por seu turno, foi saindo de mansinho do restaurante. Já não parecia uma boa idéia ter contratado aquele bufão.

Yorick, a essa altura dos acontecimentos, já colocara a cadelinha pra comer da sua bandeja. Atraído pelos gritos e risadas, alguns seguranças do restaurante foram averiguar o que se passava. Quando solicitaram ao bobo que se comportasse, este levantou-se com estrépito e, enquanto apontava para a bandeja, tornou a gritar a plenos pulmões:

“Dog food! Dog food!”; e todos riram e aplaudiram.

Chicão – o enorme, bigodudo e musculoso chefe da cozinha – apareceu para ver o que estava acontecendo. Quando lhe contaram que alguém estava dizendo que sua comida era comida de cachorro, mordeu o lábio inferior e perguntou com gravidade:

“Quem é o sicrano?”

Horácio, um dos cozinheiros, apontou para o bobo, que, no seu canto, comia da bandeja junto com a cadelinha.

“Vem cá!”, rosnou Chicão, pegando Yorick pela nuca.

“What are you doing, fellow?!”, soltou o bobo, agitando as pernas no ar.

“Tu vai vê o que eu *du* com você!”

“Eita”, exclamou Horácio. “Fica calmo aí, Chicão, qui tá todo mundo olhando...”

Uma estudante de Letras-Inglês aproximou-se tentando evitar o pior. Servindo como intérprete e defensora, transmitiu a Chicão os pedidos de desculpa do bobo. Este ainda a fez acrescentar aos autos seu desejo de comer feijoada. O cozinheiro deu um sorriso de poucos amigos:

“Então o gringo quer feijoada... Manda ele voltar aqui hoje às oito da noite”; e piscou um olho pro colega Horácio.

Naquela tarde, Sopal aproveitou a ausência de Yorick para conhecer Leves, o professor de física. Sem o bobo poderia ter um diálogo mais substancial. Dirigiu-se ao departamento de física. Antes mesmo de entrar na sala do professor, ouviu um solo de guitarra. Bateu várias vezes na porta, sem ser atendido. Resolveu entrar e se deparou com Leves que, de olhos fechados, tocava um blues do Muddy Waters. Três gatos andavam pela sala.

“Hum, hum”, pigarreou o inglês.

Leves arregalou os olhos:

“Caramba! Me desculpe, eu não tinha te visto. Só um momento...”, e, para embaraço do visitante, executou o restante da música. Três minutos que pareceram uma hora. “Pronto. O senhor deseja...?”

“Eu sou Adan Sopal. Gostaria de tomar alguns minutos do seu tempo.”

“Claro! Vamos, sente-se, é um prazer conhecê-lo...”, e sentou-se com um gato no colo. Estava pasmo: um inglês que não marca hora? Incrível!

“Bem...”, e Sopal principiou sua ladainha de sempre, desta vez com maior empolgação, afinal era uma conversa de físico pra físico. Contudo, durante todo o tempo, Leves limitou-se a sorrir e a dizer um *sim* ou um *claro*, vez ou outra. Decepcionado, percebeu que estava diante não apenas de um gênio, mas também de um desses ingleses arrogantes, conservadores e com mania de apocalipse. Alguém com um rei doente na barriga, por assim dizer. Sim, era evidente que a academia vive momentos de crise e até mesmo de impasse, pensou. Mas isto era uma contingência, haveria de passar. Não adiantava virar um dom-quixote da ciência. Ainda mais um físico talentoso como Sopal.

“Eu queria que você me explicasse sua pesquisa”, acrescentou o inglês, cortando os pensamentos do professor. “Seu projeto não me pareceu muito claro...”

“Você gosta de gatos?”, perguntou Leves, tangenciando a conversa.

O visitante coçou a cabeça:

“Bem... Não... Não muito...”

“Deixa eu lhe apresentar alguns. Esse é o Múon, este aqui é o Glúon e aquele pretinho é o Bóson.”

“Olha”, interrompeu Sopal, “colocar nomes de partículas elementares em gatos não faz de alguém um grande físico. Se você não quiser me falar do seu trabalho, eu entenderei...”

Leves sorriu:

“O.K., O.K., eu só queria deixá-lo mais à vontade, apresentando minha família... É... Você quer saber...?”

“Sua pesquisa”, disse o inglês, visivelmente impaciente.

“Claro, minha pesquisa. Bom, eu acabo de desenvolver um aparelho revolucionário...”

Sopal, incrédulo, arqueou as sobrancelhas: “Hum.”

“E não posso esconder o quanto devo ao senhor tê-lo construído...”

“A mim? Que aparelho é esse?”, indagou, curioso.

“Eu criei uma máquina que torna possível a um corpo extenso dar saltos quânticos!”

“Um teleportador!!”, fez o inglês, levantando-se. “Como o da *Guerra nas Estrelas!*?”

“Não”, corrigiu Leves. “Como aquele da *Jornada nas Estrelas.*”

Sopal ficou muito irritado:

“Isso é uma brincadeira de mau gosto! Eu jamais escrevi sobre tal assunto!”

Agora foi Leves que se surpreendeu:

“Claro que escreveu. Está bem aqui...”, disse, estendendo um exemplar da revista *The True Science*.

“Mas isto é uma piada, uma paródia que fiz aos artigos vazios que essas porcarias de revistas costumam publicar.”

“Piada ou não, o senhor estava corretíssimo...”

“Isto é um absurdo...”, disse Sopal.

“Eu posso provar. Esta noite eu lhe farei uma demonstração com meu *Boitatá Quântico...*”

O inglês pensou por alguns segundos. Outro maluco? Boitatá Quântico?!

“Já tenho compromisso, mas...”

E combinaram que iriam juntos à casa de Fêndix. Este, ao ser indagado se um novo convidado o incomodaria, respondeu que não, muito pelo contrário, seria ótimo. Para Sopal, aquele tal de Leves seria apenas um substituto para o bobo, que não tornara a encontrar. Tudo o que ele, Sopal, escrevera no artigo era inconsistente, não poderia servir de respaldo teórico para nenhum projeto de pesquisa. Qualquer físico sabe que uma onda quântica é uma função de probabilidade e, portanto, não pode ser controlada. Os tais “corpos taquiônicos”, citados por Leves, não existem, pois nenhum corpo extenso pode viajar mais depressa que a luz. Essa história de um aparelho que emite um feixe de ondas quânticas, criando um padrão *holotaquiográfico* de um objeto qualquer, é pura conversa pra rainha dormir. Aquele físico brasileiro era definitivamente maluco. Daria muitas risadas aquela noite. Imagine: um feixe de ondas quânticas (que Leves chama de *Boitatá Quântico*) transportando um “corpo taquiônico” através dum atalho no além do Espaço-Tempo – os *buracos de minhoca* ou, segundo ele, *buracos de Boitatá* – para uma região distante, dentro dum tempo-imaginário. Loucura! Se tudo isto não fosse tão complicado para os leigos, mandaria essa idéia para um desses programas de TV em que os apresentadores adoram piadas infames e temas escatológicos.

O bobo passou grande parte daquela tarde procurando Sopal. Como não o encontrou, abordava qualquer um que lhe cruzasse o caminho, pedindo que lhe ensinasse português. Sentia-se muito desorientado para fazer gracinhas e chistes. Felizmente, encontrou um

estudante de direito muito atencioso que lhe ensinou algumas palavras chaves: *Please* era *cuzão*; *Good evening* era *foda-se*; *Thank You* era *filho-da-puta*; *I'm sorry* era *vou te comer*; e etc. Como era sonoramente agradável o português! Gostou sobremaneira da palavra *cuzão*. Parecia francês. “Cuzão”, repetia. E ficou praticando a nova língua durante muito tempo. Quando se tocou do adiantado da hora – eram 7:42 h. – dirigiu-se imediatamente para o bandejão, que já estava fechado. Ficou dez minutos parado diante da porta de acesso à cozinha. Precisava esperar as oito horas, ser pontual. Era bobo, mas também era inglês.

“Entra aí, rapaiz”, disse Horácio, abrindo a porta. “Vamo logo que a gente tem que ir embora.”

“*Foda-se*”, disse Yorick.

Horácio arregalou os olhos. Crispou as mãos. Mas... fazer o quê? Sua sina era servir, não era? Melhor era engolir mais esse sapo. E levou o bobo até a cozinha, onde estava Chicão.

O chefe da cozinha, felizmente, estava bastante loquaz e quase não deixava o bobo falar. Mudara completamente desde a hora do almoço, era a amabilidade em pessoa. Perguntava muitas coisas, tais como: de onde era o bobo, quantos anos tinha, onde morava aqui no Brasil, se gostava de Brasília, e assim por diante. Cantarolava sem parar um sambinha que, segundo ele, seria ideal para o bobo aprender: *Canta, canta, minha gente/ Deixa a tristeza pra lá/ Canta forte, canta alto/ Que a vida vai melhorar...* Yorick, obviamente, não compreendia nada. Apenas deixou-se levar até a mesa, onde recebeu prato, talheres, guardanapo, etc. Finalmente comeria sua feijoada. Antes, porém, Chicão lhe disse:

“Vai te custar oitenta reais, entendeu?”

“Excuse me?”

“Oitenta dólares – Oi-ten-ta-dó-la-res. Entendeu?”

Desconfiado, Yorick tirou a carteira do bolso e retirou cerca de dez reais.

“Nãnanina”, disse Chicão, grosso. “Oitenta!”

O bobo, vexado, entregou a carteira pro cozinheiro e viu-o retirar uns cem dólares dali. Horácio assistia a tudo impassível. Quando Yorick recebeu novamente a carteira, tudo voltou ao estado anterior. Chicão tornou-se um enorme sorriso bigodudo e ambulante. O bobo não via a hora de comer e sair fora.

“Humm...”, gemia.

Minutos depois, Horácio apareceu com uma grande panela na mão. Chicão vinha logo atrás. O cheiro era delicioso.

“Espero que esse cabra termine logo”, resmungou Chicão.

Quando Horácio terminou de encher o prato, Yorick agradeceu:

“Filho-da-puta.”

Num átimo, Chicão agarrou-o pelos cabelos:

“O qui é que o cabra safado disse? Hem?”, gritou, levantando-o no ar.

O bobo ficou muito assustado, não entendia aquela reação irada. Quando viu uma faca na outra mão do cozinheiro, desesperou-se. Começou a suplicar:

“Cuzão, cuzão, vou te comer, cuzão...”

“Aié? Toma sua peste!”, e Chicão passou-lhe a peixeira pela garganta. Horácio ficou estarecido:

“Endoidou, homi! Qui é que a gente faz com ele agora?!”

“Já ti digo o que a gente faz com esse sangrado”, e limpou a peixeira no avental. “Ele não queria feijoada? Vai ter feijoada!”

Enquanto isso, Sopal, Leves e Fêndix chegavam à chácara deste último. Haviam conversado bastante durante o trajeto. O geneticista era o mais animado. Adorava receber visitas em sua casa. Leves, ainda na UnB, havia colocado uma caixa pesada no porta-malas do carro.

Segundo ele, ali dentro estava o Boitató Quântico. Sopal não conseguia desfazer seu olhar cínico. Ali da chácara avistava-se todo o Plano Piloto, uma visão magnífica.

“Entrem, entrem...”, disse Fêndix, abrindo a porta de casa. “Fiquem à vontade. Vocês querem beber algo? Um vinho?”

Sentaram-se cada qual com seu copo na mão. Leves havia trazido a caixa pra dentro da casa.

“Onde está sua planta?”, perguntou Sopal.

“Tá lá atrás, na estufa anexa ao laboratório. Mas que tal se a gente ver primeiro essa geringonça do Leves?”

Leves retirou o aparelho da caixa e começou a montá-lo sobre a mesinha de centro. Retirou do bolso do casaco um saquinho plástico:

“Aqui dentro tem uma cerâmica especialmente desenvolvida para o Boitató. É nela que o padrão holotaquiográfico fica armazenado antes do salto quântico.”

“Hmff...”, suspirou Sopal.

“O que é que a gente vai teleportar?”, perguntou Fêndix.

“O que eu não sei, mas sei pra onde”, disse Leves.

“Pra onde?”

“Pro trono da rainha da Inglaterra...”

“Rruerck!”, ouviram.

“Que diabo é isso?”, perguntou Fêndix.

Sopal sorriu:

“Acho que é a minha barriga. A comida de vocês não me faz muito bem.”

“Não esse barulho”, continuou Fêndix. “Esse outro lá nos fundos...”

Efetivamente, um som estranho vinha do fundo da casa. O geneticista parecia preocupado:

“Já regresso”, disse.

Os dois físicos ficaram em silêncio por alguns instantes. Leves sabia que o inglês não tragava seu invento. Mas dali a pouco ele se surpreenderia, com

certeza. Ligou o engenho na tomada. Apontou a entrada do Boitatá para um lado. Agora era só apertar o botão vermelho.

“Aaaaah... Me solta... Socooooorro...”, gritou Fêndix, do fundo da casa.

Os visitantes, assustados, correram na direção dos gritos. O que seria aquilo? Quando chegaram ao laboratório depararam-se com uma cena terrível. A sala estava inteiramente tomada por uma enorme trepadeira cheia de espinhos. Suas flores pareciam bicos rapinantes e atacavam tudo o que viam pela frente. No chão, próximo a um balcão carregado de equipamentos sofisticados, estava o corpo nu de Fêndix. A planta abrira um buraco em seu abdômen e parecia comer pedaços do seu fígado.

“Meu Deus!”, exclamou Leves. “Vamos sair daqui!”

“Nããããoo!”, gritou alguém atrás do balcão. “Me ajudem!”

Armados com um cutelo e um facão, encontrados na cozinha, Sopal e Leves abriram caminho por entre os ramos e gavinhas da feroz trepadeira. Quando atingiram o local de onde partiam os gritos, encontraram, não sem grande surpresa, o próprio professor Fêndix, vestido e tudo. A planta tentava estrangulá-lo. Foi com custo que o tiraram dali.

“Mas, Fêndix, quem era aquele lá no chão?”, indagou Sopal, confuso.

“Era meu clone”, respondeu o geneticista.

“Como é que é?!” , perguntaram os físicos ao mesmo tempo.

“Meu clone...”, tornou ele. “Mas não se preocupem, ele não tinha cérebro. Era uma espécie de banco de órgãos particular. Era mais vegetal que essa planta maldita...”

Os outros dois mal acreditavam no que ouviam.

“Acho que algo deu errado e minha maria-da-noite virou uma rainha-sem-vergonha, ou seja, uma *Impatiens grandiflorus*.”

“Meu Deus!”, exclamou Leves. “Você é o que costumam chamar de cientista maluco...”

“Rruerck”, tornou a barriga de Sopal, que, boquiaberto tentava ver dali da porta o corpo do clone:

“É fantástico!!”, disse ele. “Você é incrível, Fêndix!”

“Como assim, Sopal?!”, espantou-se Leves. “Não me diga que você acha tudo isso uma vitória da Ciência, do conhecimento?”

“Claro que é! Não está claro pra você?”

Leves colocou as mãos na cabeça:

“Não acredito! Vocês dois são a vaidade científica em pessoa! Deviam estar acorrentados no lugar daquele Prometeu clônico desmiolado. Isso lá é conhecimento que se propague? Vou agora mesmo destruir meu Boitatá Quântico! Vocês não merecem vê-lo”, e saiu na direção da sala.

Sopal riu. Fêndix mantinha-se calado.

“Rruerck”, repetiu a barriga de Sopal. “Que fome!”, disse ele.

“Aarrgh”, fez a rainha-sem-vergonha, agarrando-o pelos pés.

“Leves!”, gritou Fêndix, pegando o facão. “Acode aqui!”

A planta rapidamente dominou o corpo do inglês. Parecia mais forte, talvez por ter se alimentado de carne humana. Sufocado, Sopal nem sequer conseguia gritar. Os outros dois faziam o possível para soltá-lo. Mas a planta parecia imbatível. Conseguiu rapidamente perfurar o abdômen de Sopal. Leves recuou, enojado e amedrontado. Fêndix fez o mesmo:

“É melhor a gente se afastar”, disse.

De repente uma cena aterradora. De dentro da barriga de Sopal saiu um homúnculo correndo. Vestia uma capa vermelha e tinha uma coroa dourada na cabeça. Leves e Fêndix, estarecidos, saíram no encalço do estranho ser, que, por sua vez, já transpusera a porta dos fundos da casa. Quando chegaram na sala, viram o

reizinho subir numa cobra luminosa que saia de dentro do aparelho de Leves. Era o Boitatá Quântico.

“God save my Kingdom!”, berrou o anão, desaparecendo em seguida.

Os outros ficaram paralisados.

“Aquela... aquela coisa... foi pro trono da rainha da Inglaterra”, murmurou Fêndix.

“Negativo”, replicou Leves. “O aparelho ainda não tava regulado pra isso. Hoje de manhã, eu o usei pra mandar lixo pro espaço. Aquela coisa deve estar em alguma órbita da Terra agora. Foi pro espaço...”

O geneticista fez uma careta:

“Por que todos os astronautas tem que ser gringos? Nunca vi alguém do hemisfério sul ter esse privilégio...”

Encararam-se. Em menos de dois segundos começaram a gargalhar histericamente. Realmente não dava pra imaginar um astronauta brasileiro. Ou dava?

No dia seguinte, uma notícia chocante percorreu os corredores da UnB. A cadela Gení fora eleita reitora da universidade. Nem mesmo os estudantes que lançaram sua candidatura ficaram satisfeitos com aquilo. Será que as pessoas não haviam notado que aquilo fora um mero chiste, uma gozação?

“O professor Sopal tem razão”, disse o coordenador de pesquisa e pós-graduação. “É o fim do mundo... do mundo acadêmico.”

Mas Leves nem reparava nesses acontecimentos. Não conseguia tirar as imagens da noite anterior da cabeça. Nem ao menos se lembrava do artigo que deveria enviar naquele dia àquela publicação científica de Recife, a *The Chico Sciense*. Quantas coisas horríveis testemunhara... Ele e tampouco Fêndix sabiam que providência tomar. Talvez não tomassem nenhuma.

Quando entrou no bandejão, nem sequer ouvia os comentários quebrados referentes ao resultado das

eleições universitárias. Como um sonâmbulo, pegou a bandeja e entrou na fila. Só caiu em si quando, já na mesa, percebeu que lhe haviam servido feijoada. Ficou enojado. Depois do que presenciara, jamais tornaria a comer qualquer tipo de carne. Todas lhe lembravam carne humana. Nauseado, olhava ao redor. Pessoas sentadas, de pé, na fila, servindo comida. Todas feitas de carne, desde o estudante de medicina ao seu lado àquele homem que despejava a feijoada na bandeja das pessoas. Não, nunca mais...

“Chicão, vem cá, rapaiz”, chamou Horácio, com a concha cheia de feijoada na mão. “Dá uma olhada nisto aqui.”

“Que qui foi?”

“O crânio, rapaiz”, disse mostrando a concha.

“O quê?!”

“A caveira!, homi, a caveira!”

“Ah”, fez Chicão pegando a concha. *“Deixa-me ver. Ah, pobre Yorick! Conheci-o, Horácio. Era um moço duma graça infinita, duma invulgar fantasia. Onde estão agora os teus gracejos, os teus ditos, as tuas canções, as tuas brincadeiras, que tão estrondosas gargalhadas provocavam à mesa? E agora? Nem um simples dito para troçar do teu próprio esgar? Já não tens queixo? Vai procurar a minha senhora e diz-lhe que, por mais pintura que ponha no rosto, é a este estado que tem de chegar. Fá-la rir com isso. Peça-te, Horácio, dize-me uma coisa.”*<sup>12</sup>

“O que é, Chicão?”

“Será que esses estudantes pensam que só porque a gente serve eles, a gente é ingnorante?”

---

<sup>12</sup> Para inglês ler: “Let me see. Alas, poor Yorick! I knew him, Horatio. A fellow of infinite jest, of most excellent fancy. (...) Your gambols, your songs, your flashes of merriment that were wont to set the table on a roar? Not one now to mock your own grinning? Quite chop-fallen? Now get you to my lady’s table and tell her, let her paint an inch thick, to this favour she must come. Make her laugh at that. Prithee, Horatio, tell me one thing.” (Vide *Hamlet*, V.I)

“Talvez, rapaiz, talvez...”

Chicão rangeu os dentes:

“Eles que não se metam comigo. Ingnorante, pois sim!...”

---

Nota: O autor pretende explicitar aqui sua perplexidade diante do rumo tomado pelo conto. Rei na barriga?! Deve ter sido o café degustado durante a viagem de escrever...

## ***Piptadenia peregrina***

Naquela primeira semana de aula já haviam ocorrido dez mortes. As vítimas eram professores de dois diferentes departamentos e institutos da Universidade de Brasília. O primeiro assassinato foi o de um professor de Física, estrangulado, durante uma reunião do colegiado, pelo chefe do seu departamento. Este alegava que o tal professor não tinha uma produção acadêmica condizente com sua qualificação curricular. Chamou-o de inadimplente e, por fim, de canalha. Quando o professor, que a tudo escutava impassível, ameaçou dar outro bocejo, teve seu pescoço enlaçado pelo fio do telefone. O chefe foi impiedoso. Os outros professores nada fizeram em defesa do colega. Concordavam com o chefe. Aquela sinecura tinha que acabar.

Quando outros doze professores, dessa vez da Letras (Teoria Literária), foram vitimados num atentado à bomba, Andrade, professor de botânica e taxonomia vegetal, começou a andar armado. Ele também enfrentava problemas na relação com o colegiado do seu departamento. Os professores da letras haviam caído numa astuciosa armadilha. Receberam uma convocação falsa para uma reunião extraordinária. Inclusive o chefe do departamento fora enganado. Quando todos ainda esperavam o professor Armando Guerra para poder dar início à reunião, a bomba explodiu. Estava dentro do bolo de chocolate. Claro, todos desconfiaram do professor Armando Guerra, pois já conheciam seu inveterado desejo de ocupar a chefia do departamento, além de seu indefectível talento na cozinha: adorava fazer bolos e tortas. Mas como não puderam provar nada, ele tornou-se chefe. De si mesmo, pois agora era o único professor do departamento.

O professor Andrade, da botânica, também era chefe do seu departamento. Mas já não temia atentados à bomba. Após a chacina da Letras, um famigerado esquadrão anti-bombas da polícia vasculhava a universidade inteira, inclusive os carros que entravam no campus, todos os dias sem exceção. Por este lado não tinha com o que se preocupar. Problema mesmo eram aqueles professores egressos do sertão nordestino, com os quais tinha divergências metodológicas. Eles haviam encomendado sua morte a dois jagunços importados do interior de Sergipe. Estes lhe estavam sempre armando tocaia. Outro problema era a Associação das Mães da Praça dos Três Poderes. Elas criaram essa associação para pressionar o governo a tomar providências no sentido de encontrar seus filhos que, durante as aulas de campo do professor Andrade, haviam desaparecido no cerrado vizinho à UnB. Os alunos temiam essas aulas. O Andrade andava rápido demais.

“Que merda, cara, cadê o Andrade?!”

“Acho que ele foi por ali.”

“Não, não... Foi por ali!”

“Meu Deus! Estamos perdidos...”

O professor Andrade não comentava nada, mas era notório que se satisfazia ao perder por aí todos aqueles alunos que pouco ou nenhum interesse dedicavam à sua disciplina. Na sala, antes de partir pro campo, dava uma longa sugada na bomba do chimarrão e observava a turma:

“Hoje é aquela loirinha quem vai dançar...”, pensava.

Mas foi numa manhã de sexta-feira, do mês de Agosto, quando se registrava uma umidade relativa do ar de 13%, que o professor Andrade se viu realmente em maus lençóis. Ao entrar na sala da chefia do seu departamento, encontrou o professor Aureliano sentado em sua mesa. Aureliano era um baixinho de bigode extremamente petulante.

“O que é que tu fazes na minha mesa?”, perguntou Andrade indignado.

“Não é mais a sua mesa não, Andrade. Agora EU tô no comando.”

Era um golpe. A primeira reação de Andrade foi levar a mão à arma, que agora sempre trazia consigo. Antes de sacá-la do coldre, porém, foi admoestado pelo professor Aureliano:

“Eu não faria isso se fosse você”, e no mesmo instante apareceram os dois jagunços, ambos armados com peixeiras e submetralhadoras Uzi. Andrade desfez o gesto. Pensou um pouco.

“Vou dar minha aula”, começou, “e se na volta eu te encontrar aqui... Ai, ai, ai, tu verás uma coisa.” Aureliano deu um sorrisinho mofador e fez sinal para que um dos jagunços abrisse a porta para o professor Andrade.

“Boa aula”, disse.

Os alunos, para poder acompanhar o professor Andrade, nunca tiveram que correr tanto como naquele dia. Ele estava fora de si.

“Ele deve ter comido uma daquelas plantas narcóticas que sempre mostra pra gente”, disse um aluno antes de desmaiar de sede, pois esquecera seu cantil em casa.

É verdade, Andrade pertencia à confraria daqueles que leram todos os livros do Carlos Castañeda. Havia feito intercâmbio nos EUA, no auge dos anos sessenta, e, certa feita, dividiu um ácido com um maluco metido a poeta que conhecera num bar de Los Angeles. Quando voltou a si, no dia seguinte, na casa do maluco, descobriu que este se chamava Jim Morrison.

Andrade, que já estava quase correndo pelo cerrado, estacou de repente. Lá estava uma *Piptadenia peregrina*, uma espécie de angico – o paricá – do qual os índios extraíam a semente para fabricar um rapé alucinógeno, que utilizavam em rituais de metempsicose. Sempre

quisera mostrar essa árvore para os alunos. Mas quando olhou em volta, estava sozinho.

“Nossa!”, sussurrou, “Dessa vez, perdi todo mundo.” E no entanto, após examinar a situação mais acuradamente, descobriu horrorizado que ele é quem estava perdido. E assim ficou por quase três dias, quando percebeu que estava sendo seguido pelos jagunços. Ficou, pois, esperto e só andava com o revólver na mão. Mas não adiantou.

“Ah, rá!”, fizeram os jagunços ao surpreendê-lo, apontando as submetralhadoras pra sua cabeça.

“AH, RÁ!”, fez toda a tribo guerreira, constituída por alunos desaparecidos, ao render tanto Andrade quanto os jagunços, com seus arco & flechas e tacapes e bordunas e coquetéis molotov.

Os prisioneiros foram levados pra taba. Andrade foi amarrado na coluna central da Grande Oca. Os jagunços flanqueavam-no amarrados em estacas. Um dos alunos-selvagens, que parecia ser o cacique, colocou uma placa sobre a cabeça de Andrade com a inscrição: INRI – Índio Não Reage Injustamente.

“Agora nós derreter seu cérebro”, disse o aluno-cacique, que, por falta de televisão, parecia esquecer o português. Tinha um tubo de bambu na mão. “Aqui dentro ter pó de semente de *Piptadenia peregrina*”, disse brandindo selvagememente o tubo. “Você lembrar, professor?”

“Se tu soprases esse rapé no meu nariz”, começou Andrade, “eu vou virar bicho. Olha lá, hem? Tu podes te arrepender...”

“Qualé, professor? Nós derreter seu cérebro.” E pro resto da tribo: “Galera, mim quer ver todos cantando”, e começaram a cantar *Lucy in the Sky with Diamonds*.

O aluno-cacique aproximou a extremidade do tubo do nariz de Andrade e assoprou. Andrade jogou a cabeça pra trás arfando. Depois começou a soltar gritos terríveis, lancinantes. Os jagunços estavam apavorados.

“Se você vai virar bicho, podia soltar a todos nós”, murmurou um deles.

Andrade não deu ouvidos: “Pai”, disse, “perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.”

E transformou-se numa onça-pintada enorme, que, com um simples movimento do corpo, derrubou a coluna que sustentava a oca matando a todos, à exceção de si própria. Quando a Associação das Mães da Praça dos Três Poderes descobriu o ocorrido, reivindicou, junto ao governo, verba para construir um memorial no local. O memorial foi projetado por Oscar Niemeyer e se constituía de dois elementos principais: o Monumento aos Alunos Desaparecidos no Cerrado — que para ser feito precisou-se cobrir metade do cerrado com concreto — e o Auditório Dois Jagunços.

Quando a onça emergiu dos escombros da oca, serviu-se de seu faro para retornar ao Instituto Central de Ciências da UnB. Uma vez lá, atrapalhada por seu cérebro irracional, teve que devorar todos os baixinhos de bigode que encontrava, pois dentre todos, não conseguia distinguir qual era o professor Aureliano. Infelizmente, entre os cinquenta e três baixinhos de bigode devorados, nenhum era o Aureliano. Hoje, a onça está lá no zoológico, triste, coitada, com cara de quem perdeu a chefia do departamento.

## **Matando um Mosquito Com um Tiro de Canhão**

No dia 25 de Dezembro de 2000, o professor de história e sócio do cursinho pré-universitário *Purgatório*, Epimeteu da Boa Morte, recebeu pelo correio uma caixa de bombons acompanhando a seguinte carta:

*Mui estimado prof. Epimeteu da Boa Morte*

*Espero que esta lhe encontre bem de saúde e, acima de tudo, nos seus mais prósperos dias de vida, coisa de que não duvido, pois tenho ouvido com grande contentamento as notícias do seu recente casamento e da sua expansão no campo pedagógico. Sei que agora, além de dono de uma rede de cursinhos, também possui outros três colégios de segundo grau fora da nossa cidade. Ficam registrados aqui meus votos de sucesso não apenas nesse seu novo empreendimento mas principalmente na sua vida familiar.*

*Não sei se o senhor se recorda de mim – e, aliás, por que deveria? Quem sou eu senão apenas um de seus numerosos e felizardos ex-alunos? Sim, estudei no seu cursinho há exatos dez anos e, se o senhor fizer um pequeno esforço mnemônico – coisa simples para um professor de história da sua estirpe – estou seguro de que se lembrará de mim. Meu nome é Adão Mark de Barros e, se o senhor já tiver fresca a memória da minha pessoa, sei que estará deveras surpreso por receber não apenas correspondência mas também um presente da minha parte. Não tivemos, é verdade, uma relação fácil e muito menos agradável. Não podemos nos iludir quanto a isso. Havia,*

*achava eu à época, uma incompreensão mútua. Hoje, após concluir meu mestrado em história – veja só como o senhor me influenciou! – sinto o quão importante foi, para mim, tê-lo encontrado naquele ponto crucial do meu caminho. Graças ao senhor – já não me atrevo a chamá-lo simplesmente de “Oquimeteu” ou de senhor Morte, como costumava – eu encontrei minha realização pessoal e profissional, além da decisiva capacidade para concentrar-me e dedicar-me aos estudos com afinco e disciplina. Hoje, sei que a incompreensão estava apenas a meu lado e que o senhor sabia exatamente o que estava fazendo. Quando jovens, precisamos realmente tomar algumas porradas ou nos metemos por caminhos vãos. Por isto, devo agradecer também a todo o corpo docente que trabalha consigo e que tão bem lhe seguem os passos. Se não fossem por esses professores, hoje eu seria um completo imbecil.*

*Lembro-me das muitas vezes em que o senhor nos interpelava, buscando saber o quanto havíamos estudado nos livros e apostilas. Se não respondêssemos, tínhamos que nos ajoelhar sobre cacos de vidro. Se nos equivocássemos com datas, lugares ou nomes – além de pagar uma multa de algumas centenas de dólares – tínhamos que beijar os pés dos alunos que respondiam corretamente. Na época, eu achava aquilo o cúmulo do absurdo, mesmo após ter sido reprovado em dois exames vestibulares. Somente hoje percebo o quão correto era o seu procedimento. Realmente, era mais do que necessário ter tudo na ponta da língua. Logo que entrei no cursinho, o professor de química Carlos Ruggieri, o famigerado Rugão, inverteu meus dois prenomes e passou a tratar-me por Mark Adão ou, simplesmente, Markadão. Não sei se o senhor se recorda. Ele queria todas as fórmulas e reações químicas de cor e sempre me pegava em flagrante delito de esquecimento. Não saía do meu pé. Uma vez tentei lhe dizer que achava todo esse método de ensino vazio e estúpido, e que de nada nos servia pois esqueceríamos de tudo após o vestibular. Disse ainda que mesmo quando decorávamos*

*fórmulas e conceitos não tínhamos a menor idéia do significado daquilo tudo.*

*“O vestibular é um saquinho plástico onde vamos vomitar todo esse material inerte engolido às pressas”, continuei eu. “Quem tragar mais, sentindo menos sabor, vai se dar melhor. Depois, eles pesam o saquinho e examinam quem descomeu mais, quem teve menos alimento absorvido pelo sangue...”*

*Ele limitou-se a dar uma gargalhada e perguntar quem era eu pra contestar aquilo tudo. Afinal, segundo ele, mesmo que por minha própria conta eu viesse a compreender de onde tudo aquilo tinha surgido, não era isto que me exigiriam nos exames. Falou-me isto ao ouvido, tentando realçar a importância do que dizia, e, depois, deu-me bolos na mão com uma velha palmatória. É claro que eu tinha a alternativa de mudar de cursinho preparatório, mas o Purgatório era o melhor, eu não poderia abandoná-lo. Talvez o senhor se lembre de que eu quase o fiz. Vocês não se importaram com minha ausência, pois não tinham nada a perder. Sempre houve quem quisesse pagar para estudar ali. Mas quando voltei atrás na minha decisão e regresssei, fui obrigado a ficar uma semana vestido de palhaço durante as aulas. Meus colegas, aliás, meus concorrentes não paravam de rir:*

*“Dançou, Markadão!”*

*Agora, pior mesmo, foi no caminho de casa, após aquelas doze primeiras horas diárias de aula. O senhor, claro, sabe o que aconteceu. Dois homens muito fortes e altos, duas verdadeiras geladeiras, me encurralaram num beco escuro e me espancaram. Pensei que fosse um assalto, mas não me levaram nada.*

*“Isto é pra tu aprender a não largar o Purgatório, seu escroto...”, disse um deles.*

*Naquele momento, eu percebi que todos nós temos a liberdade de eleger nosso caminho, mas que, uma vez feita tal eleição, nosso livre arbítrio fica encerrado nos limites da alternativa escolhida. E já que eu pretendia possuir um dia um diploma de nível superior, eu deveria resignar-me aos fatos. Afinal, quem realmente era eu pra contestar esse estado de coisas? Que o ensino de segundo grau não nos ensina nada parecia-me bastante óbvio. Mas e daí? Ele não dá a todos a impressão de que estão aprendendo algo de útil? Que tudo fosse uma mera transmissão de informações e elucidações superficiais pouco importava. Posteriormente não nos tornaríamos sábios na universidade? Por que então reclamar? Lembro-me inclusive que fiquei chocado quando – ao assistir a um filmeço do agente 007, O Satânico Dr. No – a personagem de Ursula Andrews diz ao famoso espião que não precisara estudar em colégios, enquanto acompanhava as várias viagens do pai pelo mundo, pois eles possuíam uma enciclopédia e ela já estava na letra T. Que horror!, julguei eu. Mas ela concluiu: “Aposto que sei mais coisas do que você...”; e aí pensei: acho que ela tem razão. Com a educação que se recebe hoje em dia, presumia eu, muito melhor seria ficar em casa e ler a Barsa de cabo a rabo. Pra que um intermediário humano que apenas cumpre uma função de máquina? Mas não – prosseguia – alguém tem que selecionar nossas informações, pois se não sabemos nada, como podemos saber o que devemos saber? O problema real é: e quem é que sabe? Somos condicionados a apreender coisas e não a aprender com as coisas. Nossa postura numa sala de aula é passiva – não no sentido limitado que muitos idiotas acusam de que apenas ouvimos e não contribuimos em nada, pois todos supostamente sabem alguma coisa. Mas no sentido de que recebemos muita informação não trabalhada, não pensada, não criticada, não interligada criativamente. Os professores, concluía eu, não nos ensinam a capacidade de trabalhar as informações e o conhecimento, mas apenas no-los repassam. Tudo isto cruzava minha mente, professor. É verdade, eu me resignara, mas por*

*dentro eu ainda era pura dinamite. Incrível a capacidade de rebelar-se que os jovens possuem, não acha? A vontade de mudar o mundo. Que bobagem! Quem é que pode ensinar a inteligência?*

*Há pouco tempo, num livro que peguei ao acaso, li o seguinte: “O ensino da história universal nas chamadas escolas médias ainda hoje muito deixa a desejar. Poucos professores compreendem que a finalidade do ensino da história não deve consistir em aprender de cor datas e acontecimentos ou obrigar o aluno a saber quando esta ou aquela batalha se realizou, quando nasceu um general ou quando um monarca, quase sempre sem significação, pôs sobre a cabeça a coroa dos seus avós. Não, graças a Deus não é disso que se deve tratar. Aprender história quer dizer procurar e encontrar as forças que conduzem às causas das ações que vemos como acontecimentos históricos.” Fiquei espantado ao perceber que isto era mais ou menos o mesmo que eu me atrevi a lhe dizer certa vez. O senhor ficou estupefato com minha impertinência:*

*“Quem por acaso é o professor aqui?! Vamos, venha cá!”; e, tirando-me a camisa, açoitou-me com um vergalho tirado não sei de onde. Minhas costas ficaram em carne viva. O quanto lhe odiei naquele momento é difícil de dizer. Mas esteja o senhor seguro do quanto hoje o admiro por aquilo. Imagine!, acreditar que a história – sendo esta o próprio transcorrer da vida de uma civilização – poderia ser um encadeamento de causas e efeitos tal como uma máquina à combustão. Delírio, puro delírio...*

*Li ainda do mesmo autor: “A arte da leitura como da instrução consiste nisto: conservar o essencial, esquecer o dispensável.” E ele também cita o quão imbecis são certos indivíduos “lidos”, pois acreditam ser a sabedoria um mero acúmulo de conhecimentos, não sabendo, no entanto, como utilizar toda a informação acumulada em suas memórias mecânicas, utilizando sempre os dados errados no contexto*

*errado. Diz ainda que deveríamos acreditar no nosso instinto e tão somente guardar o que nos parece essencial para o pensamento, construindo, assim, uma espécie de mosaico interior, o qual seria um reflexo do nosso próprio gênio. E pensar que eu também acreditei cegamente em tudo isto! Usar as palavras e o conhecimento em benefício de emoções e crenças particulares! O senhor, professor Boa Morte, com sua excelente memória, certamente sabe que quem escreveu tais palavras foi Adolf Hitler. Eu quase não acreditei quando me dei conta: eu pensava de forma equivalente ao terrível nazista...*

*Certa manhã – o senhor com certeza há de lembrar-se disto – eu me dirigi ao cursinho sem ter feito nenhum dos exercícios que haviam sido propostos no dia anterior. Logo no primeiro horário – uma aula de física – fui descoberto. O professor me mandara ao quadro resolver uma questão de movimento balístico e eu, dizendo-lhe que metesse o giz naquele local, me recusei. Ele ficou estarrecido. Depois furibundo. E, então, quando, na sala de torturas, descobriram que eu não fizera exercícios de matéria alguma, colocaram-me uma camisa de força e me mantiveram ali por uma semana. Sem me deixarem dormir – jogavam-me água gelada a cada meia hora – fui forçado a ouvir gravações com explanações de diversas matérias.*

*“Você agora vai ficar Markadão pro resto da vida”, exclamou o professor Rugão.*

*Vocês ainda disseram aos meus pais que eu estava fazendo uma maratona de estudos. Não estavam mentindo... Por fim, saí dali para nunca mais voltar. Planejava, evidentemente, retornar com alguma vingança. Mas o esforço e o tempo que despendi para passar nos exames, sem a sua ajuda, me fizeram desistir de qualquer ato revanchista. De um jeito ou de outro, eu fora domado.*

*Hoje, creio que o senhor tem razão, professor, alunos são gado e devem viver sob golpes de látego. Quando pensam por si, iludem-se e, se demasiado convencidos do próprio gênio, tendem a transformar-se em loucos, talvez até em assassinos. É melhor não lhes estimular a inteligência, é perigoso. E pensar que um dia acreditei que todos os professores fossem mosquitos transmissores da febre da burrice. Meu Deus, como estava enganado. Somos todos iguais, devemos ter instrução similar e sermos tratados da mesma forma. Não existem gênios, isto é mito. O senhor sempre teve razão quanto a tudo isso. E quando ingressei na universidade, apenas comecei a sentir a verdade das suas palavras. Todos sendo adestrados da mesmíssima forma, ninguém melhor do que ninguém e nenhum sábio à vista. Enfim, quem teria autoridade pra dizer quem é e quem não é superior criativa e intelectualmente? Quando vejo essas escolas pra superdotados, vejo apenas um bando de crianças que serão maquinamente mais eficientes que outras nos afazeres cotidianos. E claro, devem ser exímias nos jogos conhecidos como “exames vestibulares”. Contudo, somos seres humanos e não máquinas. E como seres humanos somos todos iguais.*

*Quando peguei o livro do Hitler para dar uma lida, pensei que encontraria uma espécie de Bíblia do satanismo. Mas encontrei o livro de um homem que se acreditava genial e que, cercado pelas melhores intenções, entregava-se ao delírio de apontar culpados pela miséria humana de que foi testemunha. Eu também cheguei a acreditar que a culpa da nossa burrice nacional fosse culpa dos péssimos professores que possuímos. Por pouco não urdi planos de exterminar esse enxame de mosquitos portadores da pior das doenças: a ignorância. Eu achava que os piores eram esses amestradores de cursinhos pré-universitários, um bando de parasitas da educação, um sem número de mafiosos, proxenetas que transformavam a educação na sua prostituta e dela sobreviviam. Eu os via – inclusive o senhor – como um grupo de showmen e de palhaços que transformava as*

*aulas em espetáculo e que nos ludibriava, fazendo-nos crer que realmente aprendíamos algo importante. Mas assim como um entretenimento de auditório aponta apenas para si mesmo, também as aulas de cursinho exauriam-se no mesmo instante em que eram proferidas, tendo como significado apenas a si mesmas. Para mim, tendo ou não boas intenções, vocês eram a escória da educação, pois limitavam-se a capitaliza-la e a vendê-la em conserva. De estudantes, pensava eu, passáramos a consumidores de conhecimentos. Como vê, eu era tão ingênuo que ainda acreditava que todos vocês queriam nos ensinar algo e que o faziam de maneira estúpida e canhestra. Só agora vejo o óbvio: vocês nos preparavam para uma simples competição, na qual usaríamos o cérebro de forma mecânica, tal como numa queda de braço. Quem tivesse se dedicado a exercícios de musculação cerebral, em academias como a sua, estaria mais habilitado para a luta. Que os músculos cerebrais posteriormente se transformassem em banhas neurais era outra história. Vocês faziam sua parte, recebiam seu dinheiro, e nós, se cumpríssemos o acordo tácito, recebíamos a nossa: uma vaga na universidade. É apenas por isso que pessoas muito inteligentes mas sem recursos não conseguem uma dessas vagas. Afinal, não têm dinheiro para pagar essas academias e suas apostilas-anabolizantes. Mas e daí? O que eu e você podemos fazer, professor? Nada. Está fora da nossa alçada tal problema. E, aliás, seria até prejudicial para pessoas como você, não é? Imagine, substituir tais exames por outro tipo de seleção! O fim da musculação cerebral seria o fim das academias-cursinhos. Mesmo que mudem para outra coisa – como, por exemplo, um jiu-jítsu mental – que mantenham pelo menos o caráter de força-bruta. E eu sei que vocês têm influência(\$) para mantê-lo. Deste modo a musculação sempre será uma ajuda.*

*Sim, professor Boa Morte, como já lhe disse, eu também caí na tentação de apontar culpados. E acabei me revoltando contra aqueles que eram os únicos realmente preocupados com um ensino eficiente e coerente com a*

*nossa época. Não, apesar do que disse acima, não estou sendo irônico. Repito: eu me emendei. Quando, tempos atrás – eu já estava formado – surgiu o boato de que aqueles sete estudantes do Purgatório, encontrados mortos, haviam sido assassinados por não conseguirem uma boa colocação no exame simulado, eu até me indignei. Antes, eu mesmo teria pensado em semelhante absurdo. Afinal, já ocorrera coincidência similar e ninguém conseguiu provar nada. Depois, assim que as investigações se encerraram, disseram que os professores do Purgatório haviam subornado a polícia. Contra-senso total! Pessoas como vocês, dedicadas à causa da nossa juventude, jamais cometeriam tal atrocidade. Todas essas acusações não passavam de veleidades de espíritos fracos. Disseram-me que até mesmo um conhecido escritor dedicaria seu precioso tempo a escrever um libelo contra essa “máfia do ensino particular pasteurizado”. Claro que nada disso ocorreu. Que escritor em seu juízo são se prestaria a essa atitude vã? Seria o mesmo que disparar canhões contra mosquitos. Só seres estúpidos acreditariam que o problema da educação – se é que ele realmente existe – encontra-se na postura de pessoas tão íntegras e talentosas, como sei que são os professores do Purgatório. Como se costuma dizer, o buraco é mais em baixo.*

*Houve uma época em que acreditei que, na minha infância, eu conhecera o paraíso. E que, ao entrar na escola, provei do fruto da árvore do conhecimento, sendo, assim, expulso dali. Parecia-me que eu deveria comer mais e mais de tal árvore e, só então, retornaria ao estado de graça anterior. Sentava-me à frente da turma e tirava notas altas. Nunca estudei muito, mas prestava atenção às bobagens que ouvia, enquanto os demais divertiam-se no “fundão”. Pouco antes de entrar na universidade, ocorreu uma inversão, desiludi-me e troquei de lugar com meus colegas do fundão. Mesmo depois de terminado o colégio continuei no fundão da vida e da sociedade. Dali observava todas as asneiras e absurdos, como se assistisse a uma verdadeira*

*comédia. Era engraçado ver como os antigos habitantes do fundão estavam à frente de quase tudo na nossa vida. Mais tarde percebi que estava apenas enlouquecendo e perdendo meu lugar no drama geral. Resolvi aceitar as circunstâncias e descobri que sempre lutara com fantasmas. É por isto que um dia me revoltei contra vocês. Fui fraco desde o início e sempre me deixei enganar pela educação besta que recebia. Depois, quando quis que minha dedicação de anos fosse avaliada para entrar na universidade, quiseram – assim me parecia – que eu tragasse mais um monte de inutilidades para prestar um exame absurdo. Não compreendi, como vocês compreendem, que tudo é apenas um jogo e que não deveria dedicar-me com tanto afínco e seriedade, como fizera na minha inútil vida escolar, a essa nova etapa. Hoje, professor, tudo isto é bastante claro para mim. Perdi meu tempo com besteiras, com protestos inócuos, mas me restabeleci a tempo de voltar aos estudos. Hoje sou o que nasci para ser: um professor de história de uma escola de segundo grau. Espero poder seguir seus passos e tornar-me um bom educador. Sim, agora fui irônico, o que eu pretendo é ser professor de cursinho. Este seria meu paraíso. O senhor não teria um emprego pra me arranjar?*

*Meus sinceros agradecimentos  
Adão Mark de Barros*

*P.S.: Espero que os bombons lhe agradem.”*

Ao terminar a leitura, o professor Epimeteu da Boa Morte sorriu satisfeito. Então ele havia encaminhado uma alma? Que ótimo. Não deixava de ser um presente de Natal. E, pensando nisto, apanhou a caixa de bombons. Era uma embalagem fina, de metal, com adornos em alto relevo. Parecia importada. Leu na tampa: *Pandora's Candies*. Ficou surpreso. Era o mesmo nome da sua esposa e do novo colégio que abrira em Brasília. Que doce

coincidência! Deviam ser deliciosos. Contudo, isto não era suficiente pra se conseguir um emprego...

Quando pouco depois Pan, sua esposa, chegou em casa – fora levar presentes às crianças de um orfanato – descobriu horrorizada o corpo sem vida do marido. Ele parecia ter sido espancado e sofrido torturas sem fim. A perícia policial encontrou um enorme pi (3,14...!) metido no seu ânus. Também havia reações químicas espalhadas por toda a casa, reações com nitrilas, haletos de acila, ésteres, aldeídos e cetonas. Havia dados sobre o Grupo dos Sete, o Gatt, o FMI, o NAFTA, o APEC e o MERCOSUL saindo por sua boca, uma cena asquerosa. Matrizes numéricas cortavam sua pele. Inequações logarítmicas vazavam-lhe os olhos. A lei de Ohm-Pouillet e a primeira de Kirchhoff escorria-lhe pelo nariz. Um hospedeiro definitivo da toxoplasmose lambia-lhe o ouvido. Seus membros inferiores haviam sido queimados. Provavelmente pelos cnidoblastos dos celenterados que pululavam sob seu corpo. A um canto, sua esposa chorava sem parar:

“Mas eu não o deixei nem por duas horas...”, lamentava-se.

Na autópsia, encontraram ainda: planárias sob suas unhas, uma infinidade de análises sintáticas e morfológicas dentro do seu intestino grosso, frutos indeiscentes no estômago, poemas parnasianos no pulmão, o evolucionismo Darwiniano e a história do colonialismo brasileiro no coração e um desequilíbrio iônico no cérebro. Sua traquéia fora cortada por um plano cartesiano e, depois, entupida por um binômio de Newton. Os médicos legistas jamais haviam visto coisa semelhante.

“Foi um crime hediondo!”, proclamou aos repórteres o delegado responsável pelas investigações.

No mesmo dia, Adão Mark de Barros foi preso. Chegaram até ele graças à carta. Confessou ter enviado a caixa de bombons que, segundo ele, continha todas aquelas desgraças mortais. Ria muito e repetia sem parar:

“Não disse que o filho da puta ainda ia ver uma coisa! Enganei ele direitinho... Sou um gênio!”

Infelizmente, ninguém encontrou – sob a estante da sala do professor Boa Morte – a Esperança De Que O Ensino Neste País Deixe De Ser Mera Instrução Caótica E Se Torne Educação. Ela estava gordona. Devia ter comido vários bombons da caixa de *Pandora's Candies*, na qual também viera deitada ao fundo. Estava pra morrer de indigestão.

## O Abominável Homem do Minhocão

Antônio desapareceu em meados de 1974. Era professor do departamento de Ciências Sociais e foi visto pela última vez após um alarme falso, no qual se afirmou que o exército e a polícia militar se preparavam para novamente invadir o campus da Universidade de Brasília. Vacilava terrivelmente quando, durante sua última aula, manifestara apoio e solidariedade aos movimentos de resistência armada contra o governo militar. Para seu azar, naquele dia infeliz, havia “boi na roça”: um alcagüete da polícia federal assistia à aula. Antônio nem sequer voltou para casa. Passou do Instituto Central de Ciências – o famigerado Minhocão – para o esquecimento...

20 de março de 1994, 20h:30min.: No subsolo do Minhocão, após uma aula noturna, Lisane, estudante de história, caminha em direção à escada. Ao passar em frente ao restaurante Natural, alguém a retém pelo braço. Lisane sente o cheiro, volta-se, grita e, por fim, desfalece. É encontrada por um segurança, minutos depois, ainda desacordada.

27 de março de 1994, 02h:05min.: Oswaldo, segurança da UnB, está a postos, dentro de sua guarita na Entrada Norte, assistindo à TV. Repentinamente um estranho ser, coberto de pêlos, sujo e hediondo invade a guarita. Antes que Oswaldo tenha qualquer reação, o monstruoso homem – parece um homem – o golpeia na cabeça com a TV portátil. O segurança desmaia. Quando volta a si, não encontra a marmita. Na TV passa o filme *A Volta dos Mortos-Vivos*.

Estes não foram acontecimentos isolados. Desde 1976, ocorreram inúmeros encontros com o Abominável Homem do Minhocão. A diferença é que em todo esse tempo ele jamais surgiu duas vezes num único mês. E foi

a primeira em que ele roubou comida. É certo que muito se especulou sobre a consistência e veracidade de tais narrativas. Dizia-se que tudo aquilo era um chiste, e que, na tentativa de eludir uma maior preocupação com a segurança interna do campus, inventava-se toda sorte de *causos*. Mas o que não era do conhecimento geral, senão um fato compartilhado por poucos, era a enorme pegada deixada pela criatura junto às vítimas. Uma pegada com cheiro de merda. Um horror.

12 de abril de 1996, 19h:40min.: Eunice, professora de biologia, caminha pelo subsolo sul do Minhocão. De repente, ela sente uma presença. Amedrontada, olha ao redor mas nada vê. Acelera o passo. Logo adiante, Eunice sente um forte mau cheiro e estaca. Volta-se novamente para trás e arregala os grandes olhos verdes que giram nas órbitas:

“Antônio!!”

“Eunice?!”

“É você mesmo, Antônio?”

“Sou eu sim, meu bem...”

Abraçam-se. Ela, na ponta dos pés, enlaça o pescoço dele com os braços, que se sujam com os fétidos cascões de sua nuca. Ele a cinge pela cintura, deixando manchas escuras na sua saia amarela. Beijam-se na boca ternamente. Os bigodes e a barba de Antônio, assim como os pêlos dos seus braços, estão duros como palha de aço. Eunice sente seu hálito de esgoto.

“Ah! É você mesmo, meu querido...”

Ela o conhecera exatamente um ano, dois meses e treze dias antes de seu desaparecimento. Amaram-se desde o princípio. Ela se tornara professora na UnB para ficar junto dele.

“Mas afinal, onde é que você tava?”

Antônio nunca fora adepto da toailete. Por isto a namorada não o estranhava neste sentido. Até gostava.

“Por aí... por aí...”

Quando o Abominável Homem do Minhocão foi avistado pela primeira vez, Eunice não se sensibilizou. Pensou que era apenas mais um boato do tipo “a anistia vem aí”. Um dia, lendo por acaso um relato sobre as antigas culturas andinas, deu com um nome familiar: *Sacharuna*. Era assim que um colega do basquete, um peruano, tratava Antônio durante os treinos. Queria dizer: o *senhor das montanhas*, o pé-grande da América do Sul. Leu mais sobre o assunto. No Canadá e norte dos EUA, chamava-se *Sasquatch*. No Himalaia, *Yeti* ou *O Abominável Homem das Neves*. Eunice ficou encucada: aquela criatura do minhocão... seria ele?

“Como assim *por aí?*”, perguntou espantada. “E por que você tá largado desse jeito? Vem comigo!”

“Não, Eunice! Os milicos... eles... eles vão me pegar!!”

Agora sim ela se sensibilizou. Quase chorou.

“Meu Deus, que absurdo!”, e olhou-o solícita. “Antônio, desde 84 que nós temos presidentes civis, eleições diretas... Já tivemos até impeachment! Em que maldito buraco você se meteu?”

Ela o levou pra casa. Deu-lhe banho, roupas e sapatos novos – tamanho 52 –, cortou-lhe os cabelos, as unhas, fez-lhe a barba. Tornou-o reconhecível de novo. Exceto pelo cheiro, felizmente. E ele estava deslumbrado. Não acreditava que passara mais de vinte anos nos esgotos do Minhocão. Acabara o comunismo na União Soviética – acabara a União Soviética! – não havia mais o muro de Berlim e havia Mac Donald’s na China... Todos tinham um computador pessoal e cartões magnéticos... Sim, ainda havia fome, miséria e injustiça... Mas, meu Deus, quantas transformações! E ele perdera vinte anos de vida! Tudo por causa dum relógio russo, comprado em Cuba, que usara todo aquele tempo e cujo ponteiro mal se movia. Triste, muito triste.

Eunice fez o que pôde para convencê-lo de que ainda era jovem e de que tinha toda uma vida pela frente. Fê-lo assistir – para que se acalmasse e se reintegrasse ao

mundo – TV a cabo durante cinco dias inteiros. Por fim, disse-lhe que o melhor que tinha a fazer era recuperar sua cadeira de professor. Logo que superou a depressão – quebrando a TV – Antônio seguiu os conselhos de Eunice. Foi recebido na UnB como herói. (Ninguém parecia recordar que ele encarcerara a si próprio.) Ganhou uma estátua ao lado da de John Lennon<sup>13</sup> – “Meu Deus, ele morreu?!” – uma estátua enorme, com pés enormes. Ele estava novamente feliz.

Para reacostumar-se com o trabalho, recebeu a cadeira de Introdução à Sociologia. Na sala, um grande número de alunos de direito e de relações internacionais, todos calouros. Achou que o melhor a fazer naquela primeira aula seria discorrer sobre cidadania e, para isto, seria necessário abordar aqueles importantes fatos sócio-políticos dos anos 60 e 70.

“Lá vem a Abominável Ratazana dos Esgotos”, disse alguém logo que ele entrou.

Antônio tentou ignorar a provocação dando início à aula:

“Alguém sabe qual foi o acontecimento mais marcante neste país entre as décadas de 60 e 70?”

“Um idiota que se perdeu nos esgotos da UnB?”

Risadas e mais risadas. Antônio impacientou-se:

“Não estou aqui para brincadeiras. Seus pais, tios e avós passaram por maus momentos nessa época e vocês não estão nem aí...”

“Sou neto do general Médici!”, disse um.

“Meu pai era do DOI-CODI!”, disse outro.

Mais risadas. Assovios.

Antônio explodiu:

“Olha aqui, seus burguesinhos imbecis, vocês são muito pueris pra entender o sofrimento pelo qual muita gente passou naqueles duros anos. Vocês jamais imaginariam, por exemplo, a loucura que eu vivi...”

---

<sup>13</sup> No campus Darcy Ribeiro (UnB) realmente há uma estátua do John Lennon.

Uma garota levantou-se e dirigiu-se pra porta.

“Onde você vai?”, berrou Antônio. “Eu ainda não terminei”.

“Tenho mais o que fazer além de ficar ouvindo um professor histérico me chamar de burguesinha imbecil!”

O professor pôs-se furibundo. Via tudo embaçado. Estava fora de si. A sala ficou repentinamente silenciosa, ninguém parecia respirar. Ele caminhou com suas grandes e sonoras passadas na direção da garota, que ficou paralisada. Extasiados, alguns alunos esperavam presenciar um homicídio. “Um patricinheiricídio”, contaram mais tarde. Antônio apenas passou por ela e saiu pela porta. Precisava encontrar Eunice. Aquilo era o fim da picada. Os alunos estavam mais mudados que a própria Rússia. Era difícil de suportar.

Quando chegou no apartamento de Eunice, na Colina<sup>14</sup>, foi direto pra cozinha beber um copo d’água. Precisava se acalmar. Ao terminar, ouviu uns gemidos vindos do quarto. Foi-lhes no encalço. Eunice estava nua, sentada sobre outro homem, também nu.

“Eunice!!”, suspirou Antônio.

“Antônio! O que é que você tá fazendo aqui a esta hora?”

“Quem é esse cara, Eunice?”, balbuciou ele, ignorando a pergunta.

“Uê, Antônio...”, começou ela, metendo-se sob as cobertas. “É o Marcos, meu marido.”

“Marido?!!”

“É claro. Você não achou que eu ia te esperar esse tempo todo, não é?”

“Mas eu não sabia...”

O marido levantou-se:

“Eu estava viajando e cheguei hoje”, disse, enrolando-se num lençol. “Muito prazer, a Eunice me falou muito a seu respeito”, e estendeu a mão.

---

<sup>14</sup> Área residencial dos professores e pós-graduandos da UnB.

Antônio apertou aquela pequena mão involuntariamente. Sua cabeça estava longe, muito longe.

“Desculpe, Eunice”, disse ele. “Eu preciso sair”, e saiu.

“Sujeito esquisito...”, admirou-se o marido.

1º de maio de 1996, 13h:02min.: Antônio arrasta-se pela tubulação de esgoto sob o restaurante Natural, no subsolo norte do Minhocão. Sente-se novamente em casa, de volta ao útero materno. Longe de todo absurdo e do ramerrão da superfície. Está procurando o Topo Gigio, cujo desaparecimento o fizera abandonar aquele tranquilo lugar. Topo Gigio é o rato a quem ensinou a roubar e a trazer-lhe comida da despensa do Natural. Sim, pois como alguém sobreviveria tanto tempo naquele mundo subterrâneo? Como no mundo superficial? Tragando merda?

(Fim de *A Tragicomédia Acadêmica - Contos Imediatos do Terceiro Grau*, escrito entre Outubro de 1996 e Maio de 1997. © Copyright 1998, 2001 by Yuri V. Santos. Todos os direitos reservados.)

## Sobre o autor

**Yuri V. Santos**, nascido às quatro e quinze da matina do dia 24 de Outubro de 1971, é paulistano. Infelizmente não estudou no mesmo colégio em que estudaram próceres tais como Machado de Assis ou Guimarães Rosa, os quais, por sinal, nem paulistas eram. Mas estudou no mesmo colégio que a Ana Paula Arósio! Aliás, foi ela quem estudou no mesmo colégio que ele, posto que Yuri já era um veterano de dez anos de idade quando ela apareceu por lá. Mas tudo isto é pra dizer que, em 1975, em seu primeiro dia de aula, Yuri deu uma tremenda dentada na mão da Tia Dulce, que não cometera outro crime senão o de ser a Diretora do Jardim Escola Visconde de Sabugosa. ("Até hoje ela tem a cicatriz", ele jura.) Bom, acontece que a rebeldia do garoto para com os meios educacionais permaneceu intacta desde então. Não que ele tivesse se tornado mau aluno, coisa que nunca foi. Mas embora seu corpo sempre comparecesse às aulas, sua mente gostava mesmo era de ir longe, aos cumes, muito além dos programas incutidos pelo MEC. (Tudo culpa da biblioteca de sua família e do Atari.)

Quando Walter, seu pai, se aposentou, Yuri mudou-se com a família para Goiânia, onde, para sua adolescente surpresa, não encontrou índios, onças e tatus andando pelas ruas, mas uma cidade que infelizmente cresce ano a ano em progressão geométrica. (Ainda bem que, nos sítios e fazendas próximas, os discos voadores sejam mais comuns que as onças...) Ainda em Goiânia, com amigos locais e de São Paulo, criou o GEMBLA: *Grupo de Excursionistas e Montanhistas Bêbados Loucos e Alucinados*, com o qual viajou para diversos Parques Nacionais, praias e cavernas do Brasil. Do centro-oeste, este futuro escritor de fato - pois já era de feto - se mandou de intercâmbio estudantil não para os esteites ou canadá, ou gringuiques semelhantes, senão para o - pasme - Equador. Lá morou em duas cidades: Quito e Latacunga. Nesta última, aos 17 anos, começou a publicar crônicas e contos no principal jornal da cidade, o El Día. Também ingressou num grupo andinista - alpinismo é nos Alpes, viu -, tendo escalado, entre outros, os nevados Illiniza Norte (5100m), Rumiñahui (4850m), Corazón (4800m) e os vulcões ativos Cotopaxi (5890m), Tungurahua (5080m) e Guagua Pichincha (4910m). Estes dois últimos entraram em erupção em 1999. (Antonio Naranjo, *pai* de intercâmbio, escreveu ao Yuri: "(...) estamos sumamente preocupados por la activación de tus volcanes (...). Pero te digo que

el espectáculo infernal de la erupción, los hongos que se forman luego de las explosiones, son una cosa lindísima de se mirar (...). Quisiera que tú estuvieras aquí y los vieras en persona.") Ainda no Equador, Yuri estudou espanhol e teve seu primeiro contato com os estudos filosóficos através de Bruno Gallas, o diretor italiano do Colegio Hermano Miguel, que o alertou para os perigos do panteísmo e da crença num Deus não pessoal. Também foi salvo por um terremoto que, derrubando de forma misteriosamente simbólica a pesada máquina de escrever sobre o frágil violão, tirou-lhe o destino de péssimo músico para lhe dar o de um escritor que promete.

De volta ao Brasil, como não havia faculdade de espionagem ou vampirismo - seus heróis de infância eram o 007 e o Drácula (lembra da mordida na diretora?) - Yuri resolveu que o curso de Jornalismo seria o substituto ideal... Foi o princípio de uma série de decepções. Deste curso saltou para Engenharia Civil, depois - já na Universidade de Brasília - tentou Engenharia Florestal (meros resquícios de idealismo ecológico), Letras e Artes plásticas (habilitação em Teoria, História e Crítica de Arte), sem se formar, por pura desilusão, em qualquer um deles. Concluiu apenas um curso de extensão - *Processo de criação cinematográfica* - com o "mulherengo" Nelson Pereira dos Santos, e um projeto de iniciação científica do CNPq - *Rever, reler, recriar* -, o qual tratava das releituras artísticas pelas novas tecnologias. Seu trabalho foi aprovado com louvor. "Mas meu livro é meu diploma", afirma. Apesar de haver encontrado um ou outro professor digno de respeito, após sete anos de estudos universitários e viagens candangas, Yuri purgou-se da experiência escrevendo o livro "A Tragicomédia Acadêmica - Contos Imediatos do Terceiro Grau" (1997). (Alguns dos 19 contos: O Wândolo, Memórias da Ilha do Capeta, A volta dos que não foram, Golem - o goleiro, A Vingança de Piupiu, Matando um mosquito com um tiro de canhão, Paralíticos e desintegrados, O Culturaholic, Penteu - o pentelho, Maria Eu-gênia, etc.) Daí, voltou para São Paulo onde comeu o bolo, o biscoito e o pão que o diabo amassou. ("Ainda me vingo do capeta!", ri-se.) Escreveu crônicas durante quase dois anos para a Revista *Guia da Farmácia* (mais risos), que o salvou da fome. Após completar seu "doutorado em pirações" - o mestrado foi feito no alojamento da UnB -, morando na Vila Madalena, freqüentando raves e sendo sócio de um estúdio fotográfico na Vila Olympia, o *Base 1* (com os fotógrafos Dante, Fábio Corrêa e Christian Sievers), Yuri conheceu a poeta Hilda Hilst, em 1998, com quem reside ainda hoje, fazendo as vezes de "secretário incompetente" e webmaster. Em 1999, divertiram-se paranoicamente com as ameaças de fim do mundo. Na Casa do Sol,

residência da escritora, moram ainda o poeta, ex-professor de Oxford e ex-detento da Ilha do Diabo inglesa, Bruno Tolentino ("os professores me perseguem..."), o escritor espanhol José Luís Mora Fuentes e oitenta cães. "Rola cada conversa..."

Atualmente, sem os entraves da sociedade no estúdio, Yuri prepara um roteiro – que será rodado pelo cineasta e DJ (trance) Juarez Swarup Petrillo – além de mais dois livros. "Por enquanto vai indo bem", afirma Dostoiévski.

PS.: O autor oferece seus serviços como roteirista, cronista ou semelhantes.

**Para contatos: [yurivs@uol.com.br](mailto:yurivs@uol.com.br)**

(sites do autor: [www.casadosol.cjb.net](http://www.casadosol.cjb.net) e  
[www.angelfire.com/ri/melhor](http://www.angelfire.com/ri/melhor))